

Daniel Wallace

PEIXE GRANDE



UMA FÁBULA DO AMOR
ENTRE PAI E FILHO

Rocco

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Daniel Wallace

PEIXE GRANDE



UMA FÁBULA DO AMOR
ENTRE PAI E FILHO

Reco

Daniel Wallace

PEIXE GRANDE

Uma fábula do amor
entre pai e filho

Tradução de
Léa Viveiros de Castro

ROCCO

Título original
BIG FISH
A Novel of Mythic Proportions

Primeira publicação nos EUA.
Copyright (C) 1998 by Daniel Wallace
Todos os direitos reservados.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Algonquin Books of Chapel Hill, uma divisão da Workman Publishing Company, Nova York.

Esta é uma obra de ficção. Embora, como em toda ficção, as ideias literárias sejam baseadas em experiências, todos os nomes, personagens, localidades e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Nenhuma referência a pessoa real é intencional ou deve ser deduzida como tal.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORIA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar
20030-021 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais: Danielle Machado

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W179p

Wallace, Daniel, 1959-

Peixe grande: uma fábula do amor entre pai e filho / Daniel
Wallace; tradução de Léa Viveiros de Castro. — Rio de Janeiro:
Rocco, 2008.

Tradução de: Big fish: a novel of mythic proportions

ISBN: 978-85-325-2300-6

1. Pais e filhos — Ficção. 2. Doentes terminais — Ficção. 3. Arte de
contar histórias — Ficção. 4. Romance norte-americano. I. Castro,
Léa Viveiros de. II. Título.

07-4666 CDD-813 CDU-821.111(73)-3

Para minha mãe

* * *

Em memória de meu pai

Em uma de nossas últimas viagens de carro, perto do final da vida de meu pai como homem, paramos perto de um rio e caminhamos até a margem, onde nos sentamos à sombra de um velho carvalho.

Após alguns instantes, meu pai tirou os sapatos e as meias, enfiou os pés na água cristalina e olhou para eles. Depois fechou os olhos e sorriu. Não o via sorrir daquele jeito fazia algum tempo.

De repente, ele respirou fundo e disse:

— Isto me faz lembrar.

E então parou, e refletiu mais um pouco. As coisas vinham devagar à cabeça dele na época, quando vinham, e achei que ele estivesse pensando em alguma piada para me contar, porque meu pai sempre tinha uma piada para contar. Ou talvez fosse me contar uma história que lembrasse sua vida aventureira e heroica. E pensei: De que será que isso o faz se lembrar? Será que o faz se lembrar do pato na loja de ferragens? Do cavalo no bar? Do menino que batia no joelho de um gafanhoto? Será que o faz se lembrar do ovo de dinossauro que ele um dia achou e depois perdeu, ou do país que ele governou certa vez por quase uma semana?

— Isso me faz lembrar — ele disse — de quando eu era menino.

Olhei para aquele velho, o meu velho com seus velhos pés brancos mergulhados naquele riacho de águas cristalinas, naquele momento tão próximo ao fim de sua vida, e pensei nele, de repente, simplesmente, como um menino, uma criança, um jovem, com a vida toda a sua frente, assim como eu tinha a minha à minha frente. Eu nunca tinha feito isso antes. E aquelas imagens — o hoje e o ontem de meu pai — convergiram, e, naquele momento, ele se transformou numa criatura estranha, selvagem, ao mesmo tempo jovem e velha, moribunda e recém-nascida.

Meu pai se tornou um mito.

PARTE 1

O dia em que ele nasceu

Ele nasceu no verão mais seco dos últimos quarenta anos. O sol cozinhava a argila vermelha do Alabama, transformando-a em pó, e não havia água por quilômetros ao redor. A comida também era escassa. Não havia milho nem tomates e nem mesmo abóbora naquele verão, tudo tinha secado sob o céu branco e enevoadado. Tudo morreu, ao que parecia: primeiro as galinhas, depois os gatos, depois os porcos e depois os cachorros. Foram todos para a panela, com ossos e tudo.

Um homem enlouqueceu, comeu pedras e morreu. Foram precisos dez homens para carregá-lo até o túmulo de tanto que ele pesava, e mais dez para cavar, tamanha a seca.

Olhando para leste, as pessoas diziam: *Lembra aquele rio correndo?*

Olhando para oeste, *Lembra do lago Talbert?*

O dia em que ele nasceu começou como qualquer outro. O sol surgiu, espiou para dentro da casinha de madeira onde uma mulher, com a barriga do tamanho do mundo, mexia o último ovo que havia para o café da manhã do marido. O homem já estava no campo, revirando a terra com sua enxada ao redor das raízes pretas e retorcidas de algum vegetal misterioso. O sol brilhava forte. Quando ele entrou para comer o ovo, enxugou o suor da testa com um lenço azul rasgado. Depois torceu-o em uma velha caneca de lata. Para ter algo para beber mais tarde.

No dia em que ele nasceu o coração da mulher parou por um momento, e ela morreu. Depois voltou à vida. Vira a si mesma suspensa no ar. Viu o filho também — disse que ele brilhava. Quando retornou ao seu corpo, disse que sentiu um calor lá dentro.

— Logo. Logo ele vai estar aqui — disse ela.

A mulher tinha razão.

No dia em que ele nasceu, alguém avistou uma nuvem lá adiante, um pouco mais escura. As pessoas se juntaram para olhar. Uma, duas, duas vezes duas, de repente cinquenta ou mais, todas olhando para o céu, para aquela nuvenzinha que se aproximava do seu lugarejo esgotado e ressecado. O marido também saiu para olhar. E lá estava ela: uma nuvem. A primeira nuvem de verdade em muitas

semanas.

A única pessoa de toda a cidade que não estava olhando a nuvem era a mulher. Ela tinha caído no chão, sem ar de tanta dor. Tão sem fôlego que não conseguiu gritar. Achou que estivesse gritando — estava com a boca aberta —, mas nenhum som saía de lá. De sua boca. Em outro lugar, porém, ela estava ocupada. Com ele. Ele estava chegando. E onde estava seu marido?

Lá fora olhando para uma nuvem.

Era uma senhora nuvem. Nada pequena, na verdade, uma nuvem respeitável, pairando, grande e negra, sobre acres de terra ressecada. O marido tirou o chapéu e apertou os olhos, descendo um degrau da varanda para ver melhor.

A nuvem trouxe consigo um pouco de vento. Foi agradável sentir um ventinho acariciar-lhes o rosto. E então o marido ouviu um trovão — bum! —, ou ao menos achou que tivesse ouvido. Mas o que ouviu foi a mulher derrubando a mesa com um chute. Pareceu mesmo um trovão. Foi isso que pareceu.

Ele deu mais um passo na direção do campo.

— Marido! — a mulher berrou a plenos pulmões. Mas era tarde demais. O marido estava longe demais para ouvir. Não dava para o homem ouvir nada.

No dia em que ele nasceu, todas as pessoas da cidade juntaram-se no campo do lado de fora de sua casa, observando a nuvem. Pequena a princípio, depois apenas respeitável, a nuvem logo se tornou enorme, do tamanho de uma baleia pelo menos, revolvendo lampejos de luz branca dentro de si e, de repente, rompendo e queimando os topos dos pinheiros e deixando preocupados alguns dos homens mais altos de lá. Observando, eles se agacharam e esperaram.

No dia em que ele nasceu, as coisas mudaram.

Marido se tornou Pai, Mulher se tornou Mãe.

No dia em que Edward Bloom nasceu, choveu.

Quando ele falou com os bichos

Meu pai tinha jeito com bichos, todo mundo dizia. Quando era menino, guaxinins vinham comer em sua mão. Pássaros ficavam empoleirados em seu ombro enquanto ele ajudava o pai no campo. Certa noite, um urso dormiu no chão do lado de fora da sua janela, e por quê? Ele conhecia a linguagem especial dos bichos. Ele tinha esse dom.

Vacas e cavalos também tinham uma predileção por ele. Seguiam-no por toda parte et cetera. Esfregavam o grande focinho marrom em seu ombro e bufavam, como que para contar alguma coisa especialmente para ele.

Uma galinha uma vez sentou-se no colo de meu pai e pôs um ovo — um ovinho marrom. Ninguém nunca tinha visto nada parecido.

O ano em que nevou no Alabama

Nunca nevava no Alabama e, no entanto, nevou no inverno em que meu pai tinha nove anos. A neve desceu em sucessivos lençóis brancos, endurecendo à medida que caía, acabando por cobrir a paisagem de puro gelo, impossível de se cavar. Apanhado sob a tempestade de neve, você estava perdido; sobre ela, você mal tinha tempo de pensar na fatalidade.

Edward era um menino forte, quieto, de opinião própria, mas incapaz de discutir com o pai quando uma tarefa precisava ser feita, uma cerca consertada, um bezerro perdido trazido de volta para casa. Quando a neve começou a cair naquele sábado à noite e continuou caindo na manhã seguinte, Edward e o pai primeiro fizeram bonecos e cidades de neve e diversas outras construções, só percebendo mais tarde a imensidão e o perigo da nevasca persistente. Mas dizem que o boneco de neve de meu pai tinha cinco metros. Para alcançar tal altura, ele tinha montado um artefato feito de galhos de pinheiro e roldanas, com o qual conseguia subir e descer à vontade. Os olhos do boneco de neve foram feitos com velhas rodas de carroça, abandonadas havia anos; o nariz era a parte de cima de um silo; e a boca — num meio sorriso, como se o boneco de neve estivesse pensando em algo agradável e engraçado — era a casca de um carvalho.

Sua mãe estava dentro de casa cozinhando. A fumaça saía da chaminé em tufos cinzentos e brancos, enroscando-se na direção do céu. Ela ouviu barulhos distantes do lado de fora da porta mas estava ocupada demais para prestar atenção. Nem levantou os olhos quando o marido e o filho entraram, meia hora depois, suando apesar do frio.

— Estamos com um problema — o marido disse.

— Bem — ela respondeu —, diga-me o que é.

Enquanto isso, a neve continuava a cair e a porta pela qual eles tinham acabado de entrar, cavando a neve, ficou quase bloqueada de novo. O pai pegou a pá e tornou a abrir uma passagem.

Edward observava — pai cavava, neve caía, pai cavava, neve caía — até que o próprio telhado da cabana começou a rachar. A mãe

viu que havia um monte de neve dentro do quarto. Eles acharam que estava na hora de sair de lá.

Mas para onde? O mundo estava todo coberto de gelo, branco e congelado. A mãe embrulhou a comida que tinha preparado e juntou alguns cobertores.

Eles passaram aquela noite nas árvores.

A manhã seguinte era uma segunda-feira. A neve parou de cair, o sol surgiu. A temperatura estava abaixo de zero.

A mãe disse:

— Está na hora de ir para a escola, não está, Edward?

— Acho que sim — ele respondeu, sem discussão. Era esse tipo de menino.

Depois do café, ele desceu da árvore e andou seis milhas até a pequena escola. Viu um homem congelado dentro de um bloco de gelo no caminho. Ele mesmo quase congelou — por pouco. Conseguiu chegar. Estava alguns minutos adiantado, na verdade.

E lá estava seu professor, sentado numa pilha de lenha, lendo. Só o que ele pôde ver da escola foi o catavento, o resto estava enterrado debaixo da neve do fim de semana.

— Bom-dia, Edward — ele disse.

— Bom-dia — Edward retrucou.

E então ele lembrou: tinha esquecido o dever de casa.

Voltou para casa para buscá-lo.

História verdadeira.

Sua grande promessa

Dizem que ele nunca esquecia um nome — ou um rosto ou a cor favorita de alguém, e que aos doze anos conhecia todo mundo na cidade pelo som que os sapatos faziam quando as pessoas andavam.

Dizem que ele cresceu tão depressa que durante algum tempo — meses? Quase um ano? — ficou confinado à cama porque a calcificação dos seus ossos não conseguia acompanhar seu crescimento acelerado, então, quando tentava ficar em pé, desabava no chão como uma trepadeira bamba.

Edward Bloom usou sabiamente seu tempo, lendo. Ele leu quase todos os livros que havia em Ashland. Mil livros — alguns dizem que foram dez mil. História, Arte, Filosofia. Horatio Alger. Não fazia diferença. Ele leu tudo. Até o catálogo telefônico.

Dizem que no fim sabia mais do que todo mundo, inclusive o sr. Pinkwater, o bibliotecário.

Ele era um peixe grande, desde então.

A morte de meu pai: Tomada 1

É assim que acontece. O velho dr. Bennett, nosso médico, sai do quarto de hóspedes arrastando os pés e fecha delicadamente a porta. Muito velho, uma coleção de rugas e papadas, o sr. Bennett foi nosso médico a vida inteira. Ele estava lá quando eu nasci, cortando o cordão, entregando meu corpo vermelho e enrugado para minha mãe. O dr. Bennett nos curou de dezenas de doenças, e fez isso com o charme e a educação de um médico de antigamente, o que, de fato, ele é. É este mesmo homem que está ajudando meu pai a partir deste mundo, e que sai agora do quarto dele, tira o estetoscópio dos velhos ouvidos, olha para nós, minha mãe e eu, e sacode a cabeça.

— Não há nada que eu possa fazer — diz com sua voz rascante. Ele tem vontade de erguer as mãos no ar num gesto de impaciência, mas não faz isso. De todo modo, está velho demais para gesticular. — Sinto muito. Sinto muito mesmo. Se vocês tiverem algo pendente para resolver com Edward, algo a dizer a ele, sugiro que o façam agora.

Já estávamos esperando por isso. Minha mãe aperta minha mão e força um sorriso amargo. Este não tem sido um período fácil para ela, é claro. Nos últimos meses ela tem diminuído de tamanho e de ânimo, viva mas distanciada da vida. Seu olhar não alcança o objetivo. Olho para ela e parece perdida, como se não soubesse onde está, ou quem é. Nossa vida mudou muito desde que papai veio para casa para morrer. O processo de sua morte nos fez morrer um pouco. É como se, em vez de ir trabalhar todo dia, ele tivesse que cavar seu próprio túmulo nos fundos, no terreno atrás da piscina. E não de uma vez só, mas um centímetro ou dois de cada vez. E é como se isso fosse o que o deixou tão cansado, o que colocou aquelas olheiras negras sob seus olhos, e não, como minha mãe insistia em chamar, a sua terapia de raio X. Como se toda noite ao voltar depois de cavar, com as unhas sujas de terra, ele dissesse: *Bem, está quase na hora. Consegui cavar mais um centímetro hoje.* E minha mãe dissesse: *Está ouvindo isso, William? Seu pai cavou mais um centímetro hoje.* E eu dissesse: *Que ótimo, papai, formidável. Se eu*

puder ajudar, é só me dizer.

— Mãe — eu digo.

— Eu vou primeiro — ela diz. — E então, se eu achar que...

Se achar que ele vai morrer, ela virá me chamar. É assim que conversamos. Na terra dos moribundos, as frases ficam inacabadas, você sabe como elas vão terminar.

Ela então se levanta e entra no quarto. O dr. Bennett sacode a cabeça, tira os óculos e os limpa com a ponta da gravata listrada de azul e vermelho. Olho para ele, consternado. É muito velho, tremendamente velho: por que meu pai está morrendo antes dele?

— Edward Bloom — ele diz para ninguém em particular. — Quem poderia imaginar?

E quem poderia? A morte foi a pior coisa que poderia ter acontecido ao meu pai. Eu sei como isso soa — é a pior coisa que pode acontecer a todos nós —, mas foi especialmente terrível para ele, principalmente nestes últimos anos de preparação, as doenças progressivas que o incapacitaram nesta vida, embora parecessem estar iniciando-o na próxima.

Pior ainda, obrigaram-no a ficar em casa. Ele odiava isso. Odiava acordar todo dia no mesmo quarto, ver as mesmas pessoas, fazer as mesmas coisas. Antes disso ele tinha usado a casa como um posto de reabastecimento de combustível. Um pai itinerante, a casa para ele era uma parada a caminho de outro lugar, em busca de um objetivo que não estava claro. O que o movia? Não era dinheiro; nós tínhamos dinheiro. Tínhamos uma bela casa e alguns carros e a piscina no quintal; parecia não haver nada que não pudéssemos ter. E não era promoção — ele era dono do próprio negócio. Era algo mais do que isso, mas eu não saberia dizer o quê. Era como se ele vivesse num estado de constante aspiração; chegar lá, onde quer que fosse, não era o mais importante: o importante era a batalha, e a batalha seguinte, e a guerra era interminável. Então ele trabalhava sem parar. Ficava semanas fora, em lugares como Nova York ou Europa ou Japão, e voltava em horários pouco convencionais, nove da noite por exemplo, e preparava um drinque, reclamando sua poltrona e sua posição de dono da casa. E sempre tinha uma história fabulosa para contar.

— Em Nagoya — ele disse numa dessas noites de chegada, minha mãe sentada em sua cadeira, ele na dele, e eu no chão a seus pés — vi uma mulher de duas cabeças. Juro a vocês. Uma bela japonesa de duas cabeças que executou a cerimônia do chá com muita graça e

beleza. Não dava para dizer qual das cabeças era mais bonita.

— Não existe mulher de duas cabeças — eu disse.

— É mesmo? — ele disse, acuando-me com os olhos. — Afirmo o sr. Adolescente-Que-Percorreu-o-Mundo-e-Viu-Tudo, muito obrigado. Eu reconheço meu erro.

— É mesmo? — eu disse. — Duas cabeças?

— E uma dama da cabeça aos pés — ele continuou. — Uma gueixa, de fato. Passou a maior parte da vida reclusa, aprendendo a complexa tradição do mundo das gueixas e raramente é vista em público — o que, é claro, explica o seu ceticismo. Tive a sorte de ter acesso ao seu santuário por intermédio de uma série de amigos e contatos governamentais. Tive de fingir que não havia nada de estranho nela, é claro; se eu tivesse erguido uma única sobrancelha, isso teria sido um insulto de proporções históricas. Simplesmente tomei meu chá como os outros, murmurando baixinho alguns “Domo” que significa obrigado em japonês.

Tudo que ele fazia era sem paralelo.

Em casa, a magia da sua ausência dava lugar ao hábito da sua presença. Ele bebia um pouco. Ele não ficava zangado, e sim frustrado e perdido, como se tivesse caído num buraco. Nas primeiras noites que passava em casa, seus olhos eram tão iluminados que você podia jurar que eles brilhavam no escuro, mas depois de alguns dias seus olhos ficavam cansados. Ele começava a dar a impressão de estar fora do seu elemento, e sofria com isso.

Assim, ele não era um bom candidato para a morte; o que tornou ainda pior o fato de estar em casa. Ele tentou superar isto no início fazendo ligações interurbanas para pessoas em lugares estranhos ao redor do mundo, mas logo ficou doente demais até para isso. Ele se tornou simplesmente um homem, um homem sem emprego, sem uma história para contar, um homem que, percebi, não conhecia.

— SABE O QUE SERIA BOM AGORA? — ele me diz, parecendo relativamente bem para um homem que, segundo o dr. Bennett, eu talvez nunca mais fosse ver vivo. — Um copo d’água. Você se importa?

— É claro que não — digo.

Levo o copo d’água e ele toma um gole ou dois, enquanto seguro a borda para ele, para a água não derramar. Sorrio para o cara que não se parece mais com meu pai, mas com uma versão dele, uma de

uma série, semelhante mas diferente, e definitivamente danificada de várias formas. Era difícil olhar para ele no início, ver todas as mudanças que tinha sofrido, mas agora já me acostumei. Embora ele não tenha mais cabelo e sua pele esteja manchada e ferida, estou acostumado.

— Não sei se já contei isso para você — ele diz, tomando fôlego.
— Mas tinha um mendigo que me abordava todas as manhãs quando eu saía da cafeteria que ficava perto do escritório. Todo dia eu dava 25 centavos para ele. Todo dia. Quer dizer, tornou-se algo tão rotineiro que o mendigo nem se dava ao trabalho de me pedir mais — eu simplesmente entregava a ele a moeda. Aí eu fiquei doente e passei duas semanas sem aparecer, e quando eu voltei sabe o que foi que ele me disse?

— O quê, papai?

— Você me deve três e cinquenta, foi o que ele disse.

— Isso é engraçado.

— Bem, rir é o melhor remédio — ele diz, embora nenhum de nós dois esteja rindo. Nem mesmo sorrindo. Ele apenas olha para mim com uma tristeza profunda, como costuma fazer às vezes, indo de uma emoção a outra como algumas pessoas zapeiam os canais.

— Acho que é mais apropriado — ele diz. — Eu usar quarto de hóspedes.

— Como assim? — digo, embora saiba a resposta. Não é a primeira vez que ele menciona isso, embora tenha sido decisão dele sair do quarto que dividia com mamãe. “Não quero que ela se deite toda noite depois que eu partir olhando para o meu lado da cama e estremecendo, se é que me entende.” De certa forma ele acha que a sua reclusão no quarto é emblemática.

— Apropriado no sentido de que eu sou uma espécie de hóspede — diz percorrendo com os olhos o quarto estranhamente formal. Minha mãe sempre achou que hóspedes tinham que ter este tipo de ambiente, então preparou-o o mais parecido possível com um quarto de hotel. Você tem uma cadeirinha, uma mesinha de cabeceira, uma reprodução de um grande mestre da pintura em cima da cômoda. — Não passei muito tempo aqui, você sabe. Em casa. Não tanto quanto nós todos gostaríamos. Olhe só para você, já é um homem e eu... eu não vi isso acontecer. — Engole, o que para ele é um grande esforço. — Eu não estive a seu lado, não é, filho?

— Não — eu digo, talvez depressa demais, mas com o máximo de delicadeza que a palavra pode carregar.

— Ei — ele diz, e depois tosse um pouco. — Não precisa disfarçar nem nada, só porque eu estou, você sabe.

— Não se preocupe.

— A verdade, nada mais que a verdade.

— Com a ajuda de...

— Deus. Fred. Seja quem for.

Ele toma outro gole de água. Parece não ser tanto uma questão de sede quanto de um desejo por esse elemento, de senti-lo na língua, nos lábios: ele ama a água. Ele costumava nadar.

— Mas sabe de uma coisa, meu pai também ficava fora um bocado de tempo — ele diz, com uma leve crepitação na voz. — Então eu sei como é. Meu pai era fazendeiro. Já contei isso a você, não é? Eu me lembro de uma vez que ele teve que ir a algum lugar para comprar um tipo especial de semente para plantar no campo. Pegou carona num caminhão de carga. Disse que voltaria à noite. Mas aconteceu uma coisa e outra e ele não conseguiu saltar. Foi até a Califórnia. Passou quase toda a primavera fora. A época do plantio chegou e passou. Mas quando voltou, ele trouxe sementes maravilhosas.

— Deixe-me adivinhar — eu digo. — Ele as plantou e uma trepadeira enorme subiu até as nuvens, e no topo das nuvens havia um castelo, onde morava um gigante.

— Como você soube?

— E uma mulher de duas cabeças que serviu chá para ele, sem dúvida.

Ao ouvir isso, meu pai sacode as sobrancelhas e sorri, feliz por alguns instantes.

— Você lembra — ele diz.

— É claro.

— Lembrar-se das histórias de um homem o torna imortal, você sabia disto?

Faço que não com a cabeça.

— Pois é verdade. Mas você nunca acreditou nessa, não foi?

— E isso importa?

Ele olha para mim.

— Não — ele diz. Em seguida: — Sim. Eu não sei. Pelo menos você lembrou. A questão, eu acho... a questão é que tentei ficar mais em casa. Tentei sim. Mas coisas aconteceram. Desastres naturais. A terra se abriu uma vez, eu acho, o céu se abriu diversas vezes. Algumas vezes eu mal consegui sobreviver.

Suas mãos velhas e escamosas se arrastam para tocar no meu joelho. Seus dedos são brancos, as unhas opacas e quebradiças, como prata antiga.

— Eu diria que tive saudades de você — digo — se soubesse do que ter saudades.

— Vou dizer qual foi o problema — ele diz, erguendo a mão do meu joelho e fazendo sinal para eu chegar mais perto. E eu chego. Eu quero ouvir. A próxima palavra dele será a última. — *Eu queria ser um grande homem* — sussurra.

— É mesmo? — digo, como se isso fosse uma surpresa para mim.

— Sim. — Suas palavras saem lentas e fracas, mas firmes e fortes em sentimento e pensamento. — Pode acreditar nisso? Achei que era o meu destino. Um peixe grande num grande lago, era isso que eu queria. Foi o que quis desde o primeiro dia. Comecei pequeno. Durante muito tempo trabalhei para os outros. Depois comecei meu próprio negócio. Comprei aqueles moldes e fabriquei velas no porão. O negócio não deu certo. Vendi aroma de bebê para lojas de flores. Isso não deu certo. Finalmente, no entanto, entrei no negócio de importação e exportação e a coisa decolou. Jantei certa vez com um primeiro-ministro, William. Um primeiro-ministro! Você pode imaginar, este garoto de Ashland jantando na mesma sala com um... Não existe um continente que eu não tenha visitado. Nenhum. Há sete, certo? Estou começando a esquecer quais que eu... não importa. Agora tudo isso parece tão sem importância, sabe? Quer dizer, eu nem sei mais o que significa ser um grande homem, quais são os, ah, os pré-requisitos. E você, William?

— Eu o quê?

— *Sabe* — ele diz. — Você sabe o que faz de um homem um grande homem?

Fico um bom tempo refletindo sobre isso, torcendo secretamente para ele esquecer que fez essa pergunta. Sua mente às vezes divaga, mas algo na forma como ele olha para mim diz que ele não está esquecendo nada agora, está agarrado firmemente a essa ideia, e espera a minha resposta. Eu não sei o que torna um homem grande. Nunca pensei nisso antes. Mas, numa hora dessas, “Eu não sei” não vai servir. Esta é uma situação que exige que você se mostre à altura dela, então eu estico o corpo na esperança de alcançá-la.

— Eu acho — digo após algum tempo, tentando encontrar as palavras certas — que se um homem é amado por seu filho, então pode ser considerado um grande homem.

Pois esse é o único poder que eu tenho, para conferir a meu pai o manto da grandeza, uma coisa que ele buscou no mundo lá fora, mas que, numa reviravolta surpreendente, estava em casa o tempo todo.

— Ah — ele diz — *aqueles* parâmetros. — Ele tropeça na palavra, parecendo de repente meio tonto. — Nunca pensei nesses termos, exatamente. No entanto, agora que estamos pensando dessa forma, quer dizer, neste caso — ele diz —, neste caso bem específico, o *meu...*

— Sim — digo. — De agora em diante você, meu pai, Edward Bloom, passa a ser, para todo o sempre, um Grande Homem. Que Fred o ajude.

E, em lugar de uma espada, toco uma vez, delicadamente, em seu ombro.

Com essas palavras ele parece descansar. Fecha os olhos pesadamente, e com uma espécie de finalidade que reconheço como o início de uma partida. Quando as cortinas da janela se abrem como que de vontade própria, acredito por um momento que deve ser seu espírito indo deste mundo para o outro. Mas é só o ar-condicionado central.

— Sobre a dama de duas cabeças — ele diz com os olhos fechados, murmurando, como que adormecendo.

— Eu *ouvi* falar na dama de duas cabeças — digo, sacudindo-o delicadamente pelo ombro. — Não quero mais ouvir falar nela, papai. Ok?

— Eu não ia *contar* para você a respeito da dama de duas cabeças, sr. Espertinho.

— Não ia?

— Ia contar sobre a irmã dela.

— Havia uma *irmã*?

— Ei — ele diz, abrindo os olhos, respirando novamente. — Eu iria brincar a respeito de uma coisa dessas?

A garota no rio

Perto das margens do Blue River havia um carvalho onde meu pai costumava parar para descansar. A árvore estendia seus galhos fornecendo uma boa sombra, e ao redor da sua base havia um musgo verde, fresco e macio, onde ele apoiava a cabeça e às vezes dormia, embalado pelos sons suaves do rio. Era lá que ele estava um dia, começando a sonhar, quando acordou e viu uma linda jovem se banhando. Seu cabelo comprido brilhava como ouro e caía em cachos sobre os ombros nus. Seus seios eram pequenos e redondos. Enchendo as mãos em concha de água fresca, ela a deixava cair sobre o rosto, o peito, e de volta no rio.

Edward tentou permanecer calmo. Ficou dizendo a si mesmo: *Não se mexa. Se você se mexer um centímetro, ela o verá.* Ele não queria assustá-la. E, honestamente, nunca tinha visto uma mulher em estado natural antes, e queria examiná-la mais um pouco antes que ela fosse embora.

Foi quando ele viu a cobra. Uma víbora d'água, tinha que ser. Abrindo caminho na água em direção a ela, com sua cabeça reptiliana pronta para o bote. Difícil imaginar que uma cobra daquele tamanho pudesse matar você, mas podia. Uma cobra daquelas matou Calvin Bryant. Ela o mordeu no calcanhar e segundos depois ele estava morto. Calvin Bryant era duas vezes maior do que ela.

Então não havia realmente uma decisão a ser tomada. Meu pai confiou no instinto e mergulhou de cabeça no rio, com as mãos estendidas, no momento em que a víbora estava pronta para cravar suas duas presas na cinturinha dela. Ela gritou, é claro. Um homem vindo na sua direção, mergulhando na água — pode apostar que ela gritou. E ele saiu da água com a serpente se contorcendo em suas mãos, a boca procurando alguém para morder, e ela tornou a gritar. Finalmente, ele conseguiu embrulhar a serpente na camisa. Meu pai não gostava de matar. Ele a levaria para um amigo que colecionava cobras.

Mas imaginem a cena: um rapaz e uma moça, mergulhados até a cintura no Blue River, sem camisa, um olhando para o outro. O sol

penetrando pela copa das árvores, refletindo na água. Mas os dois quase inteiramente na sombra. Um estudando o outro. Tudo silencioso, exceto pelos ruídos da natureza ao redor deles. Difícil falar agora, porque o que se poderia dizer? *Meu nome é Edward, e o seu?* Você não diz isso. Você diz o que ela disse, assim que conseguiu recuperar a voz.

— Você salvou minha vida.

E ele tinha salvado mesmo. Ela estava prestes a ser mordida por uma cobra venenosa e ele a tinha salvado. Tinha arriscado a própria vida para fazer isso. Embora nenhum dos dois mencionasse o fato. Não precisavam. Os dois sabiam.

— Você é corajoso — ela disse.

— Não senhora — respondeu, embora ela não pudesse ser muito mais velha do que ele. — Apenas vi você, e vi a cobra, e... pulei.

— Como é seu nome?

— Edward — ele disse.

— Ok, Edward. De agora em diante este é o seu lugar. Vamos chamá-lo de... Bosque do Edward. A árvore, esta parte do rio, esta água, tudo: E sempre que você não estiver se sentindo bem ou quiser que algo aconteça, venha até aqui e descanse, e pense sobre isto.

— Ok — ele disse, mas teria dito “ok” para quase tudo naquele momento. Embora estivesse acima d’água, sua cabeça estava flutuando. Ele sentia como se tivesse deixado este mundo por um breve tempo. E ainda não tivesse voltado.

Ela sorriu.

— Agora vire de costas para eu me vestir.

— Ok.

E ele se virou, com uma sensação tão boa que era quase intolerável. Tão boa que ele mal conseguia suportá-la. Como se ele tivesse sido recriado, numa versão melhor de si mesmo.

Ele não sabia quanto tempo uma mulher levava para se vestir, então esperou cinco minutos. Quando tornou a se virar, é claro que ela tinha ido embora — desaparecido. Ele não ouvira nada, mas ela havia ido embora. Ele poderia ter chamado por ela — gostaria de chamá-la —, mas não sabia como chamar. Desejou ter perguntado antes.

O vento soprava através dos galhos do carvalho, a água seguia seu curso. E ela havia ido embora. E na sua camisa não havia nenhuma cobra, só um pauzinho. Um pauzinho marrom.

Mas se parecia com uma cobra. Especialmente quando ele o atirou no rio e o viu ir embora.

Seu charme discreto

Dizem que ele tinha um charme especial, uma predileção pelo subentendido, uma queda para a meditação. Ele era — tímido. Mesmo assim: assediado, meu pai, pelas mulheres. Chamem isso de charme discreto. Também era muito bonito, embora nunca tenha deixado que isso lhe subisse à cabeça. Era amigo de todo mundo, e todo mundo era amigo dele.

Dizem que ele era engraçado, mesmo assim. Dizem que sabia umas boas piadas. Não em grupos grandes, quando se mantinha calado, mas quando o pegavam sozinho — como muitas mulheres de Ashland aparentemente tentaram fazer! — ele conseguia provocar boas risadas. Dizem que você podia ouvi-los rir a noite inteira, meu pai e aquelas adoráveis garotas, podia ouvir as risadas deles ecoando pela cidade, da varanda da frente da casa dele, à noite. Risos eram o ruído preferido para embalar seu sono em Ashland. As coisas eram assim naquela época.

Como ele domou o gigante

Foram muitas as aventuras da juventude de meu pai, e as histórias que contam até hoje são inumeráveis. Mas talvez sua tarefa mais formidável tenha sido enfrentar Karl, o gigante, pois ao fazer isso ele estava arriscando a própria vida. Karl tinha a altura de dois homens, a largura de três e a força de dez. Seu rosto e braços estampavam as cicatrizes de uma vida selvagem, uma vida mais próxima à dos bichos do que à dos homens. Assim como seu comportamento. Dizem que Karl nasceu de uma mulher como qualquer mortal, mas logo ficou claro que um erro havia sido cometido. Ele era simplesmente enorme. Sua mãe comprava uma roupa para ele de manhã e de tarde as costuras arrebentavam, de tão rápido que seu corpo crescia. De noite ele ia dormir numa cama feita para o tamanho dele por um carpinteiro e de manhã seus pés estavam pendurados para fora. E ele comia sem parar! Não importava quanta comida ela comprasse ou produzisse em suas próprias plantações: seus armários estavam sempre vazios ao anoitecer, e ele se queixava de estômago vazio. Ele batia com o punho enorme na mesa, pedindo mais comida. “Agora!”, ele berrava. “Mãe, agora!” Depois de catorze anos aturando isso, ela não aguentava mais, e um dia, enquanto Karl estava com a cara enterrada num lombo de veado, ela fez as malas e saiu pela porta dos fundos, e nunca mais voltou. Sua ausência só foi notada quando a comida acabou. Então ele ficou magoado, furioso e — acima de tudo — faminto.

Foi quando ele veio para Ashland. À noite, enquanto os habitantes dormiam, Karl percorria os quintais e jardins em busca de comida. No início, ele só pegava o que crescia ali. De manhã, o povo de Ashland encontrava plantações inteiras de milho saqueadas, as macieiras vazias, a caixa-d’água seca. Ninguém sabia o que fazer. Karl, que se tornara grande demais para morar em sua casa, tinha se mudado para as montanhas que rodeavam a cidade. Quem ousava enfrentá-lo em tal terreno? E o que faziam aquelas pessoas diante do monstro terrível em que Karl havia se transformado?

Esta pilhagem continuou por algum tempo, até que um dia doze cachorros desapareceram. Parecia que a própria vida da cidade estava ameaçada. Algo tinha que ser feito — mas o quê?

Meu pai concebeu um plano. Era perigoso, mas não parecia haver mais nada a fazer, e com a bênção de toda a cidade, numa bela manhã de verão, papai se pôs a caminho. Ele se dirigiu para as montanhas, onde sabia que havia uma caverna. Era lá que ele achava que Karl morava.

A caverna ficava escondida atrás de um conjunto de pinheiros e de uma grande pilha de rochas, e meu pai sabia da existência dela por ter resgatado uma menina que havia se perdido nela muitos anos antes. Ele parou diante da caverna e gritou:

— Karl!

Ele ouviu o eco da própria voz.

— Apareça! Eu sei que você está aí. Eu trouxe uma mensagem da nossa cidade.

Passaram-se alguns momentos no silêncio da floresta antes de meu pai ouvir um ruído e sentir um tremor que pareceu mover a própria terra. Então, da escuridão da caverna surgiu Karl. Ele era maior do que meu pai tinha ousado sonhar. E como seu rosto era assustador! Coberto de cortes e escoriações decorrentes daquela vida selvagem — e por vezes com tanta fome que não esperava que sua comida morresse, e às vezes a comida resistia. Seu cabelo negro era comprido e coberto de gordura, sua barba espessa e emaranhada cheia de comida e de insetos que se alimentavam das migalhas.

Quando viu meu pai, ele começou a rir.

— O que você quer, pessoinha? — disse com um sorriso tenebroso.

— Você precisa parar de vir a Ashland em busca de comida — meu pai falou. — Nossos fazendeiros estão perdendo suas colheitas, e as crianças sentem falta de seus cachorros.

— O quê? E *you* pretende me impedir? — Sua voz retumbava ao longo dos vales, sem dúvida chegando até Ashland. — Ora, eu posso *quebrar* você com minhas mãos como se fosse um galho de árvore!

Para demonstrar isso, ele agarrou um galho de pinheiro e o transformou em pó entre os dedos.

— Ora — continuou —, posso comer você num instante! Eu posso!

— E foi para isso que eu vim até aqui — meu pai disse.

A face de Karl contorceu-se então, ou de perplexidade ou porque um dos insetos tinha rastejado para fora da sua barba e subido por seu rosto.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que vim aqui para você me comer. Sou o primeiro sacrifício.

— O primeiro... sacrifício?

— Em sua honra, ó grande Karl! Nós nos submetemos ao seu poder. A fim de salvar muitos, compreendemos que precisamos sacrificar alguns. Isso me torna... o quê?... almoço?

Karl pareceu confuso com as palavras de meu pai. Sacudiu a cabeça para clareá-la, e uma dúzia de insetos voaram de sua barba e caíram no chão. Seu corpo começou a tremer e, por um momento, pareceu que ele ia cair. Ele teve que se encostar na montanha para recuperar o equilíbrio.

Foi como se tivesse sido atingido por uma arma. Como se tivesse sido ferido em combate.

— Eu... — ele disse baixinho, até com tristeza. — Eu não quero comer você.

— Não quer? — meu pai disse, bastante aliviado.

— Não. Eu não quero comer ninguém. — E uma lágrima gigantesca rolou pelo seu rosto machucado. — É que eu tenho tanta fome — ele disse. — Minha mãe costumava preparar refeições deliciosas, mas aí ela foi embora, e eu não sabia o que fazer. Os cachorros... sinto muito pelos cachorros. Sinto muito por tudo.

— Eu entendo — meu pai disse.

— Não sei o que fazer agora. Olhe para mim... eu sou enorme! Tenho que comer para viver. Mas estou sozinho agora, e não sei...

— Cozinhar — meu pai disse. — Plantar alimentos. Criar animais.

— Exatamente. Acho que eu devia ir para o fundo desta caverna e nunca mais sair. Já causei muitos problemas.

— Nós podemos ensinar — meu pai disse.

Karl levou alguns instantes para compreender as palavras de meu pai.

— Ensinar-me o quê?

— A cozinhar, cultivar alimentos. Há muitos acres de terra aqui.

— Você quer dizer que eu poderia tornar-me um fazendeiro?

— Sim — meu pai disse. — Poderia.

E foi exatamente isso que aconteceu. Karl tornou-se o maior fazendeiro de Ashland, mas a fama de meu pai tornou-se ainda

maior. Diziam que ele era capaz de conquistar qualquer um, simplesmente atravessando uma sala. Diziam que ele tinha sido abençoado com um poder especial. Mas meu pai era humilde, e dizia que não era nada disso. Ele simplesmente gostava das pessoas, e as pessoas gostavam dele. Era simplesmente isso, dizia.

De quando ele vai pescar

Então veio a enchente, mas o que posso acrescentar ao que já foi escrito? Chuva, ondas de chuva, incessantes. Riachos tornaram-se rios, rios lagos, e todos os lagos, ao inundar suas margens, tornaram-se um só. De alguma forma, Ashland — quase toda ela — foi poupada. A auspiciosa congruência de uma cadeia de montanhas, segundo alguns, dividindo as águas ao redor da cidade. É verdade que um pedaço de Ashland, casas e tudo, ainda está no fundo do que agora é chamado — apropriadamente, embora sem muita criatividade — de Grande Lago, e os fantasmas daqueles que morreram na enchente ainda podem ser ouvidos nas noites de verão. Mas o mais incrível a respeito do lago são os bagres. Bagres do tamanho de um homem, dizem — alguns maiores. Arrancam sua perna se você nadar muito no fundo. Perna e mais alguma coisa, se não tomar cuidado.

Só um tolo ou um herói tentaria agarrar um peixe daquele tamanho, e meu pai, bem — acho que tinha um pouco de cada.

Ele foi sozinho certa manhã, bem cedinho, e levou o barco até o meio do Grande Lago, na parte mais funda. Como isca? Um camundongo, morto, encontrado no depósito de milho. Ele o prendeu no anzol e foi dando linha. Levou bem uns cinco minutos para alcançar o fundo, então ele o foi puxando devagar. Logo sentiu um puxão. O puxão levou o camundongo, o anzol, tudo. Então ele tornou a tentar. Um anzol maior desta vez, uma linha mais forte, um camundongo morto mais atraente, e arremessou. A água estava começando a se agitar, a se agitar, borbulhar e se encrespar, como se o espírito do lago estivesse subindo. Edward continuou simplesmente pescando, só pescando. Talvez aquela fosse uma ideia ruim, considerando que as coisas estavam ficando muito esquisitas. E assustadoras. Talvez fosse melhor ele recolher seu camundongo e voltar para casa. Ok então. Só que ao recolher a linha ele nota que ela não está se movendo tanto quanto ele. Para a frente. E quanto mais depressa ele recolhe a linha, mais depressa ele se move. O que ele deve fazer, ele sabe, é simples: largar a vara. Soltá-la! Atirá-la na água e mandar-lhe um beijo de despedida. Quem sabe o que está na

outra ponta daquela linha, arrastando-o? Mas ele não consegue soltá-la. Não consegue fazer isso. Suas mãos parecem fazer parte da própria vara. Ele escolhe a segunda melhor opção e para de recolher a linha, mas a segunda melhor opção também não funciona: ele continua a ir para a frente, é isso que acontece com Edward, e depressa, mais depressa do que antes. Então não se trata de um tronco de árvore, não é? Ele está sendo puxado por uma coisa, uma coisa viva — um bagre. Parecendo um golfinho, ele o vê sair da água, refletindo um raio de sol, belo, monstruoso, assustador — um metro e oitenta, dois metros de comprimento? — e levando Edward junto consigo ao mergulhar, arrancando-o do barco e puxando-o para o fundo, para o cemitério submerso do Grande Lago. E lá ele vê as casas e as fazendas, as plantações e as estradas, aquele pedaço de Ashland que foi tragado pela enchente. E vê as pessoas também: lá estão Homer Kittridge e sua esposa, Marla. Lá estão Vern Talbot e Carol Smith. Homer está levando um balde de ração para seus cavalos, e Carol está conversando com Marla sobre milho. Vern está consertando o trator. Debaixo de toneladas de água escura e verde, eles se movem como que em câmera lenta, e quando falam, bolhas saem dos seus lábios e sobem até a superfície. Quando o bagre passa arrastando Edward, Homer sorri e começa a acenar — Edward conhecia Homer —, mas não consegue terminar o gesto antes que peixe e homem tornem a desaparecer, subindo e saindo de repente da água, quando Edward é atirado na margem, desta vez sem a vara.

Ele nunca contou isso para ninguém. Não podia contar. Porque ninguém acreditaria nele. Ao ser interrogado sobre a perda da vara e do barco, Edward disse que adormeceu na margem do Grande Lago e eles simplesmente... foram levados pela correnteza.

O dia em que ele deixou Ashland

E foi assim, em linhas gerais, que Edward Bloom tornou-se um homem. Ele era saudável, forte e amado por seus pais. Tinha também acabado de se formar no ensino médio. Nos campos verdejantes de Ashland ele corria com seus companheiros, e com prazer comia e bebia. Parecia uma vida de sonho. Só que certa manhã ele acordou e seu coração sentiu que tinha de partir. Falou com sua mãe e seu pai, e eles não tentaram impedi-lo. Mas se entreolharam com um pressentimento, porque sabiam que só havia uma estrada para sair de Ashland, e passar por ela significava atravessar o lugar que não tinha nome. Aqueles que estavam destinados a deixar Ashland passavam ilesos por esse lugar, mas os que não estavam ficavam lá para sempre, sem conseguir prosseguir nem voltar. Assim eles deram adeus ao filho sabendo que talvez nunca mais o vissem, e ele fez o mesmo.

A manhã em que partiu estava luminosa, mas à medida que ele foi se aproximando do lugar que não tinha nome, o dia foi ficando escuro, e os céus baixaram, e uma neblina espessa o envolveu. Logo ele chegou num lugar muito parecido com Ashland, mas com diferenças importantes. Na rua principal havia um banco, a Drograria Cole's, a Livraria Cristã, o Talbot's Five and Dime, o Prickett's Place, a Loja de Joias e Relógios, o Good Food Café, um salão de sinuca, um cinema, um terreno baldio, uma loja de ferragens e também uma mercearia, com as prateleiras cheias de mercadorias mais velhas do que ele. Havia algumas dessas lojas na rua principal de Ashland, mas aqui elas estavam vazias e escuras, e as vitrines estavam rachadas, e os donos estavam parados nas portas olhando para o vazio. Contudo eles sorriram ao ver meu pai. Sorriram e acenaram. *Um freguês!*, pensaram. Havia também um bordel na rua principal, bem no final dela, mas não era como um bordel da cidade. Era apenas uma casa onde morava uma prostituta.

Quando ele entrou na cidade, as pessoas correram a seu encontro, e ficaram olhando para suas belas mãos.

Partindo?, elas perguntaram. *Deixando Ashland?*

Era um grupo estranho. Um homem tinha um braço mais curto do

que o outro. Sua mão direita saía do cotovelo, e o braço acima do cotovelo era atrofiado. A sua mão espiava para fora da manga, como a cabeça de um gato espiando para fora de um saco de papel. Certo verão, anos antes, ele estava andando de carro com o braço esticado para fora da janela, sentindo o vento. Mas o carro andava perto demais da beira da estrada, e em vez do vento ele sentiu a pancada contra um poste telefônico. Todos os ossos de seu antebraço se quebraram. Agora a sua mão ficava ali pendurada, inútil, diminuindo cada vez mais com o passar do tempo. Ele deu boas-vindas a meu pai com um sorriso.

E havia uma mulher, de cinquenta e poucos anos, que era perfeitamente normal em quase todos os aspectos. Mas aquelas pessoas eram assim: em muitos aspectos elas eram normais, exceto por *uma coisa*, aquela coisa horrível. Muitos anos antes ela havia chegado em casa do trabalho e encontrara o marido enforcado num cano de água do porão. Teve um derrame ao vê-lo lá, e em consequência disso o lado esquerdo de seu rosto ficou congelado para sempre: os lábios caídos de um lado como numa careta exagerada, a pele pendurada em volta do olho. Ela não podia mover aquela parte do rosto, então, quando falava, só abria metade da boca, e sua voz parecia presa no fundo da garganta. As palavras subiam com dificuldade para conseguir escapar. Ela tentara deixar Ashland depois que essas coisas aconteceram, mas só tinha conseguido chegar até ali.

E havia outros que simplesmente tinham nascido do jeito que eram, pessoas cujo nascimento havia sido o primeiro, e pior, acidente. Havia um hidrocefálico chamado Bert; ele trabalhava como gari. Para onde ia, levava a vassoura. Ele era o filho da prostituta, e um problema para os homens do lugar: a maioria deles tinha estado com a prostituta, e qualquer um podia ser pai do rapaz. No que dizia respeito a ela, todos eles eram. Ela nunca quis ser prostituta. A cidade tinha precisado de uma, ela fora obrigada a aceitar o posto, e com o passar dos anos foi se tornando amarga. Especialmente depois do nascimento do filho, começou a odiar os fregueses. Ele era uma grande alegria, mas um fardo ainda maior. Não tinha praticamente nenhuma memória. Frequentemente perguntava a ela “Onde está o meu pai?”, e ela apontava pela janela para o primeiro homem que via. “Lá está o seu pai”, ela dizia. Ele corria para a rua e se pendurava no pescoço do homem. Mas no dia seguinte não se lembrava de nada, e tornava a perguntar “Onde está

o meu pai?”, e conseguia outro, do mesmo jeito.

Finalmente, meu pai conheceu um homem chamado Willie. Ele estava sentado num banco e se levantou quando Edward se aproximou, como se esperasse por ele. As beiradas dos seus lábios eram secas e rachadas. Seu cabelo era cinzento e espetado, e olhos, pequenos e pretos. Tinha perdido três dedos (dois numa das mãos e um na outra), e era velho. Tão velho que parecia ter avançado no tempo até onde era humanamente possível, e, como ainda estava vivo, começara a viajar para trás. Ele estava encolhendo. Estava ficando pequeno como um bebê. Movia-se lentamente, como se estivesse andando com água pelos joelhos, e olhou para meu pai com um sorriso austero.

— Seja bem-vindo à nossa cidade — ele disse, de modo simpático mas um tanto cansado. — Posso mostrar-lhe o lugar?

— Eu não posso ficar — meu pai respondeu. — Estou só de passagem.

— É o que todos dizem. — Willie segurou no braço de meu pai e, juntos, começaram a caminhar.

— Aliás — continuou —, por que a pressa? Você devia ao menos dar uma olhada no que temos para oferecer. Aqui temos uma loja, uma lojinha simpática, e ali, bem ali — disse — temos um lugar para jogar sinuca. Bilhar, sabe. Talvez você goste disso.

— Obrigado — Edward disse, porque não queria desagradar Willie ou nenhum dos outros que os observavam. Ele já tinha atraído uma pequena multidão de três ou quatro pessoas que os seguiam pelas ruas vazias, mantendo certa distância mas olhando de soslaio, de modo meio carente. — Muito obrigado.

Willie segurou com mais força seu braço ao lhe mostrar a farmácia e a Livraria Cristã, e depois, com uma piscadela marota, a casa onde morava a prostituta.

— Ela também é um doce — Willie disse. E então, como que se lembrando involuntariamente de alguma coisa, continuou: — Às vezes.

O céu estava mais escuro agora, e uma chuvinha fina começou a cair. Willie olhou para cima e deixou a água entrar em seus olhos. Meu pai enxugou o rosto e fez uma careta.

— Temos a nossa cota de chuva — Willie disse —, mas você se acostuma.

— Tudo aqui parece meio... úmido — meu pai retrucou.

Willie lançou-lhe um olhar.

— Você se acostuma. Este lugar é para isso, Edward. Para a pessoa se acostumar com as coisas.

— Não é o que eu quero.

— Isso também — Willie disse. — Você se acostuma com isso também.

Eles continuaram caminhando em silêncio pela neblina que cobria seus pés, pela chuva que caía suavemente sobre sua cabeça e ombros, pela manhã crepuscular daquela estranha cidade. As pessoas se juntavam nas esquinas para os ver passar, algumas se reunindo ao contingente que os seguia. Edward avistou um homem magro de terno preto e surrado e o reconheceu. Era Norther Winslow, o poeta. Tinha partido de Ashland poucos anos antes para ir para Paris, para escrever. O homem ficou olhando para Edward e quase sorriu, mas então Edward viu a mão direita dele, na qual faltavam dois dedos, e o rosto de Norther ficou pálido. Apertando a mão de encontro ao peito, ele dobrou uma esquina e desapareceu. As pessoas tinham depositado muitas esperanças em Norther.

— Claro — Willie disse, vendo o que tinha acontecido. — Pessoas como você passam por aqui o tempo todo.

— Como assim? — meu pai disse.

— Pessoas normais — Willie disse, o que pareceu deixar um gosto ruim em sua boca. Ele cuspiu. — Pessoas normais e seus planos. Esta chuva, esta umidade... são uma espécie de resíduo. O resíduo de um sonho. De um monte de sonhos, na verdade. Os meus, os deles e os seus.

— Os meus não — disse Edward.

— Não — Willie respondeu. — Ainda não.

E foi então que viram o cachorro. Era apenas uma sombra indefinida no meio do nevoeiro até sua figura surgir diante deles. Havia manchas brancas em seu peito e marrons ao redor de seus dedos, mas o restante dele era preto. Ele tinha um pelo curto, espetado, e não parecia ser de nenhuma raça em especial — um cachorro genérico, com partes de muitos outros dentro dele. Ia na direção deles, devagar mas firmemente, sem parar para cheirar nenhum hidrante ou poste, não estava passeando, mas caminhando. Aquele cachorro ia para algum lugar. Aquele cachorro tinha um alvo: meu pai.

— O que é isso? — Edward disse.

Willie sorriu.

— Um cachorro. Vem checar todo mundo mais cedo ou mais

tarde, normalmente mais cedo. É uma espécie de porteiro, se sabe o que eu quero dizer.

— Não — meu pai disse. — Não sei o que você quer dizer.

— Você vai saber. Você vai saber. Chame-o — ele disse.

— Chamar? Como é o nome dele?

— Ele não tem nome. Nunca pertenceu a ninguém, então nunca recebeu um nome. Chame-o simplesmente de Cachorro.

— Cachorro.

— Isso mesmo: Cachorro.

Então meu pai se ajoelhou, bateu palmas e tentou parecer simpático.

— Aqui Cachorro! Vem cá amigão! Aqui, garoto. Vem!

E Cachorro, que andava em linha reta, parou e olhou para meu pai por um longo tempo — um longo tempo para um cachorro, pelo menos. Meio minuto. O pelo de suas costas ficou eriçado. Ele olhou bem dentro dos olhos de meu pai. Abriu a boca e mostrou os dentes e o rosado feroz de suas gengivas. Estava a cerca de dois metros de distância, rosnando furioso.

— Talvez seja melhor eu sair da frente dele — meu pai disse. — Acho que não está gostando muito de mim.

— Estenda a mão — Willie respondeu.

— O quê?

O cachorro rosnou ainda mais alto.

— Estenda a mão para ele cheirar.

— Willie, acho que isso não...

— *Estenda a mão* — ele disse.

Vagarosamente, meu pai estendeu a mão. Cachorro se aproximou dela com passos lentos, rosnando baixinho, as mandíbulas prontas para atacar. Contudo, quando esfregou a ponta do nariz na mão de meu pai, gemeu, e a lambeu. Cachorro abanou o rabo. O coração de meu pai voltou a bater.

Willie ficou olhando, triste e derrotado, como se tivesse sido traído.

— Isso significa que posso ir? — meu pai perguntou, levantando-se, enquanto o cachorro se esfregava em suas pernas.

— Ainda não — Willie disse, tornando a agarrar o braço de meu pai, com tanta força que esmagou seus músculos. — Você precisa tomar uma xícara de café antes de ir.

O GOOD FOOD CAFÉ era um salão rodeado de cabines de vinil verde e mesas de fórmica pontilhadas de dourado. Havia descansapratos de papel sobre as mesas e colheres e garfos bem fininhos, incrustados de comida seca. Estava uma escuridão lá dentro, um tom melancólico de cinza, e, embora quase todas as mesas estivessem ocupadas, não parecia haver vida, nada daquela expectativa ansiosa de fome a ser saciada. Quando Willie e meu pai entraram, todos levantaram os olhos e sorriram, como se sua refeição tivesse acabado de chegar.

Willie e meu pai sentaram-se numa mesa e, sem mesmo precisar pedir, uma garçonete silenciosa levou duas xícaras de café para eles. Café preto e fervendo. Willie ficou olhando para dentro da xícara e sacudiu a cabeça.

— Você acha que já está tudo resolvido, não é, filho? — Willie sorriu e tomou um gole de café. — Você acha que é mesmo um peixe grande. Mas não é o primeiro que vemos. Olhe só para Jimmy Edwards sentado ali. Grande astro de futebol. Bom aluno. Queria ser um empresário na cidade, ganhar dinheiro, coisa e tal. Mas nunca conseguiu sair daqui. Não teve a força interior necessária, entende. — Ele se debruçou sobre a mesa e cochichou: — Aquele cachorro arrancou seu dedo indicador da mão esquerda.

Meu pai olhou e viu que era verdade. Jimmy tirou lentamente a mão de cima da mesa e a enfiou no bolso, e virou o rosto. Papai olhou para os outros, que olhavam para ele, e viu que quase todo mundo tinha o mesmo problema. Ninguém tinha todos os dedos, e alguns só tinham uns poucos. Meu pai olhou para Willie, prestes a lhe perguntar por quê. Mas foi como se Willie tivesse lido sua mente.

— O número de vezes que tentaram partir — ele disse. — Ir para outro lugar ou voltar para o lugar de onde vieram. Aquele cachorro — disse contemplando as próprias mãos — não brinca em serviço.

Então, lentamente, como que atraídas por um som que só elas podiam ouvir, as pessoas sentadas nas mesas ao redor se levantaram e se aproximaram da cabine onde ele estava, olharam-no e sorriram. Ele se lembrava dos nomes de algumas delas do tempo de sua infância em Ashland. Cedric Fowlkes, Sally Dumas, Ben Lightfoot. Mas estavam diferentes agora. Ele quase podia enxergar através delas, então acontecia algo e ele não conseguia, como se elas estivessem entrando e saindo de foco.

Ele olhou para a porta do café, onde Cachorro estava sentado.

Cachorro olhava para dentro, imóvel, e meu pai esfregou as mãos, imaginando o que o aguardaria, se teria perdido a chance de passar por Cachorro antes, e que da próxima vez talvez não tivesse tanta sorte.

Uma mulher chamada Rosemary Wilcox estava parada ao lado da cabine. Tinha se apaixonado por um homem da cidade e tentado fugir com ele, mas só ele conseguiu sair. Seus olhos eram escuros e fundos, num rosto que um dia foi bonito. Ela se lembrava de meu pai quando era pequeno, e disse que era muito bom vê-lo de novo, tão alto, forte e bonito.

A multidão em volta da cabine cresceu e se aproximou, e meu pai viu que não conseguia se mexer. Não havia espaço para isso. Bem perto dele estava um homem ainda mais velho que Willie. Ele parecia petrificado. Sua pele tinha secado e estava esticada sobre os ossos, e suas veias eram azuis e pareciam tão frias quanto um rio congelado.

— Eu... Eu não confiaria naquele cachorro — o homem disse lentamente. — Não me arriscaria, filho. Ele não o atacou antes, mas nunca se sabe o que fará da próxima vez. É imprevisível. Então não saia daí — falou — e conte-nos a respeito do mundo para onde você quer ir e das coisas que você quer encontrar lá.

E o velho fechou os olhos, assim como Willie e os outros, todos querendo ouvir a respeito do mundo colorido que meu pai sabia que estava esperando por ele logo adiante, do outro lado daquele lugar escuro. Então papai contou a eles, e quando terminou, todos agradeceram e sorriram.

O velho disse:

— Isso foi muito bom.

— Podemos repetir amanhã? — alguém perguntou.

— Vamos tornar a fazer isso amanhã — um outro murmurou.

— É bom ter você aqui — um homem disse para o meu pai. — É bom ter você aqui.

— Conheço uma moça muito simpática — Rosemary disse. — E bonita também. Parece um pouco comigo. Eu ficaria feliz em apresentá-los, se é que me entende.

— Sinto muito — meu pai disse, olhando um a um. — Houve um mal-entendido. Eu não vim para ficar.

— Aposto que houve um mal-entendido — Ben Lightfoot falou, olhando para meu pai com ódio profundo.

— Mas nós não podemos deixá-lo ir — Rosemary disse,

suavemente.

— Eu *tenho* que ir. — Meu pai tentou levantar-se. Mas não conseguiu, a multidão não deixava.

— Pelo menos fique algum tempo — falou Willie. — Alguns dias.

— Para nos conhecer melhor — Rosemary completou, afastando o cabelo dos olhos com aquela mão horrível. — Você se esquecerá do resto.

De repente ele ouviu um ruído atrás do círculo de homens e mulheres que o rodeavam. Depois um grito, um latido, e como um milagre as pessoas se afastaram. Era Cachorro. Ele rosnou ameaçadoramente, mostrou seus dentes terríveis, e todos recuaram, apertando as mãos de encontro ao peito. Meu pai aproveitou a chance e correu pela abertura, sem olhar para trás. Correu no meio da escuridão até encontrar luz e o mundo tornou a ficar verde e maravilhoso. O asfalto virou cascalho, o cascalho virou terra e a beleza de um mundo mágico parecia não estar muito distante. Quando a estrada terminou, meu pai parou, respirou e viu que Cachorro estava bem atrás dele, de língua de fora. Quando o alcançou, Cachorro esfregou seu corpo quente nas pernas dele. Não havia nenhum som exceto o vento soprando entre as árvores e o caminhar deles por uma trilha quase selvagem. De repente, então, a floresta se abriu, e diante deles estava um lago, um enorme lago verde que se estendia até onde a vista podia alcançar, e na extremidade havia um pequeno deque de madeira, balançando nas ondas provocadas pelo vento. Eles foram até lá. Ao chegar Cachorro deitou-se, como se toda sua energia tivesse se esvaído. Meu pai olhou em volta, com certo orgulho, e viu o sol se pôr atrás das árvores, inspirou o ar e enterrou os dedos no pelo ao redor do pescoço de Cachorro, massageando os músculos com delicadeza, como se estivesse massageando os músculos de seu próprio coração, e Cachorro emitiu sons caninos de alegria. O sol se pôs, a lua surgiu, a água do lago começou a se encrespar suavemente, e na luz branca da lua ele viu a moça, sua cabeça surgindo na superfície ao longe, a água passando por seus cabelos e voltando ao lago, e ela estava sorrindo. Ela sorria e meu pai também. E então ela acenou. Ela acenou para meu pai, e ele acenou de volta.

“Olá!”, ele disse, acenando para ela. “Adeus!”

Entrando em um novo mundo

A história do primeiro dia de meu pai no mundo onde ele iria viver talvez seja melhor contada por um homem que trabalhou com ele, Jasper “Buddy” Barron. Buddy era vice-presidente da Bloom Inc., tendo assumido o posto depois que meu pai se aposentou.

Buddy se vestia com elegância. Usava uma gravata amarelo-vivo, um terno azul-marinho risca de giz de executivo, sapatos pretos e meias finas, apertadas, quase transparentes, do mesmo tom de azul do terno, que subiam até uma altura indeterminada de suas pernas. Ele tinha um lenço de seda espiando por cima do falso bolso do lado esquerdo de seu terno, como se fosse um ratinho de estimação. E foi o primeiro e único homem que conheci que tinha realmente têmporas grisalhas, como dizem nos livros. O restante do cabelo era escuro, cheio e saudável, e o repartido que formava uma longa linha no couro cabeludo cor-de-rosa parecia uma estrada no meio do campo de sua cabeça.

Quando contava sua história, ele gostava de se recostar na cadeira e sorrir.

“O ano era mil novecentos e alguma coisa”, ele começava. “Há mais tempo do que queremos lembrar. Edward tinha acabado de sair de casa. Tinha 17 anos. Pela primeira vez na vida, estava por sua própria conta, mas se preocupava com isso? Não, não estava preocupado: sua mãe lhe dera uns poucos dólares para se sustentar — dez, talvez doze — mais dinheiro, de todo modo, do que ele jamais tivera na vida. E ele tinha seus sonhos. Sonhos são o que move um homem, William, e seu pai já sonhava com um império. Contudo, olhando para ele no dia em que saiu da cidade em que nasceu, você não teria visto mais do que um rapaz jovem e bonito, só com a roupa do corpo e furos no sapato. Talvez você não tivesse enxergado os furos no sapato, mas eles estavam lá, William; os furos estavam lá.

“Naquele primeiro dia ele caminhou cinquenta quilômetros. Àquela noite, dormiu sob as estrelas, numa cama feita de agulhas de pinheiro. E foi naquela noite que a mão do destino cutucou seu pai pela primeira vez. Pois enquanto ele dormia dois homens

apareceram, bateram nele, roubaram todo seu dinheiro e o deixaram quase morto. Ele sobreviveu por pouco e, no entanto, trinta anos depois, quando me contou essa história pela primeira vez — e esta para mim é uma das melhores de Edward Bloom —, disse que se tornasse a encontrar aqueles dois homens, os dois malfeitores que o espancaram quase até a morte e levaram todo seu dinheiro, agradeceria a eles — agradeceria — porque, de certo modo, os homens determinaram o curso do resto de sua vida.

“Na época, é claro, quase morto no escuro daquela floresta estranha, ele não estava nada agradecido. De manhã, porém, já estava bem descansado, e, embora sangrando em diversas partes do corpo, começou a andar, sem saber para onde estava indo e sem se importar mais com isso, simplesmente andando, para a frente, sem parar, pronto para o que a Vida e o Destino tivessem reservado para ele. Foi quando viu um velho armazém, e um velho diante dele, balançando-se numa cadeira para a frente e para trás, para trás e para a frente, que olhou assustado para a figura ensanguentada que se aproximava. Ele chamou a mulher e ela chamou a filha, e em meio minuto eles providenciaram uma panela de água quente, um pano e um monte de ataduras feitas de um lençol que rasgaram em tiras. E ficaram esperando por Edward, que se aproximava mancando. Eles estavam prontos para salvar a vida daquele estranho. Mais do que prontos: estavam determinados.

“Mas é claro que Edward não deixou. Não podia permitir que eles salvassem sua vida. Nenhum homem com a integridade de seu pai — e existem poucos, William, pouquíssimos e raros de encontrar — iria aceitar essa caridade, mesmo sendo uma questão de vida ou morte. Pois como ele poderia viver consigo mesmo, se realmente sobrevivesse, sabendo que sua vida estava tão inexoravelmente ligada à de outras pessoas, sabendo que não era dono de si mesmo?

“Então, mesmo sangrando, e com uma das pernas quebrada em dois lugares, Edward achou uma vassoura e varreu a loja. Depois pegou um pano e um balde, pois na pressa de fazer a coisa certa tinha se esquecido completamente das suas feridas abertas, que sangravam abundantemente, e só percebeu ao terminar de varrer que tinha deixado uma trilha de sangue na loja inteira. Ele então passou o pano. Esfregou. Ficou de joelhos e esfregou o chão com um pano enquanto o velho, a esposa e a filha o observavam. Eles estavam atônitos. Maravilhados. Viam um homem tentando remover as manchas do próprio sangue de um chão de madeira. Era

impossível, impossível — mesmo assim ele tentava. A questão é esta, William: ele tentou até não poder mais, até cair de cara no chão, ainda agarrado ao pano — morto.

“Ou pelo menos foi o que eles acharam. Pensaram que ele tivesse morrido. Correram para o cadáver: ainda havia um pouco de vida nele. E numa cena que quando seu pai descrevia sempre me fazia lembrar da *Pietà* de Michelangelo, a mãe, uma mulher forte, ergueu-o nos braços e o pôs no colo, aquele jovem, moribundo, rezando por sua vida. Parecia inútil. Mas enquanto os outros se amontoavam ansiosos ao redor, Edward abriu os olhos e disse o que poderiam ter sido suas últimas palavras, disse-as para o velho cuja loja ele percebera imediatamente que não tinha fregueses, disse o que poderia ter sido seu último suspiro: ‘*Anuncie*’.”

Buddy deixava a palavra ecoar pela sala.

— E o resto, como costumam dizer, é história. Seu pai se recuperou. Logo estava forte de novo. Ele arava os campos, catava as ervas daninhas do jardim, ajudava na loja. Andava pelas estradas do campo pregando cartazes, anunciando o Armazém Campestre de Ben Jimson. Aliás, foi ideia dele chamá-lo de armazém “campestre”. Ele achou que parecia mais simpático, mais atraente do que simplesmente “armazém”, e ele tinha razão. Foi também nessa época que seu pai inventou o slogan “Compre um e leve um de graça”. Cinco palavrinhas, William, mas elas transformaram Ben Jimson num homem rico.

“Edward ficou com os Jimsons por quase um ano, juntando seu primeiro pé-de-meia. O mundo, como uma esplêndida flor, abriu-se para ele. E como você pode ver”, ele dizia, mostrando as extravagâncias em couro e dourado do seu escritório e fazendo um pequeno aceno em minha direção, como se eu também não passasse de um produto da criatividade legendária de meu pai, “para um rapaz de Ashland, Alabama, ele se deu muito bem.”

PARTE 2

A velha senhora e o olho

Depois de deixar os Jimsons, meu pai viajou para o sul atravessando o campo, indo de cidade em cidade, vivendo muitas aventuras e conhecendo uma quantidade de pessoas interessantes e fantásticas. Mas essa sua viagem tinha um objetivo, um propósito, como tudo o que ele fazia. A vida lhe havia ensinado muitas lições no ano anterior, e agora ele esperava expandir ainda mais sua compreensão acerca da natureza do mundo frequentando uma faculdade. Ele ouviu falar de uma cidade chamada Auburn onde havia uma faculdade do tipo que estava procurando. Era para essa cidade que ele estava indo.

Ele chegou lá certa noite, cansado e com fome, e encontrou um quarto na casa de uma senhora que aceitava hóspedes. Ela o alimentou e lhe deu uma cama para repousar. Ele dormiu por três dias e três noites, e quando acordou sentia-se forte de novo, com o corpo e a mente em forma. Então agradeceu à senhora pela ajuda e em troca ofereceu-se para ajudá-la no que pudesse.

Bem, acontece que a senhora só tinha um olho. O outro olho, que era de vidro, ela tirava toda noite e deixava dentro de um copo com água na mesinha de cabeceira.

Poucos dias antes de meu pai chegar, um grupo de rapazes tinha invadido a casa da velha senhora e roubado seu olho, então ela disse a meu pai que ficaria grata se ele conseguisse encontrar o olho e levá-lo de volta. Meu pai prometeu que faria isso, e naquela mesma manhã saiu da casa à procura do olho.

O dia estava claro e fresco, e meu pai cheio de esperança.

A cidade de Auburn tinha esse nome em homenagem a um poema, e era, naquela época, um grande centro de aprendizagem. Jovens ansiosos em descobrir os segredos do mundo lotavam pequenas salas de aula, alertas às palavras do peripatético professor diante deles. Era onde Edward queria estar.

Por outro lado, muitos iam para lá só para fazer bagunça, e se organizavam em grandes grupos apenas com esse objetivo. Meu pai não demorou muito tempo para saber que um desses grupos tinha invadido a casa da velha senhora e roubado seu olho.

Na realidade, o olho tinha se tornado foco de alguma notoriedade e era discutido abertamente e com grande veneração por certos indivíduos com os quais Edward Bloom espertamente fez amizade.

Diziam que o olho tinha poderes mágicos.

Diziam que o olho podia ver.

Diziam que dava azar olhar diretamente para ele, pois a velha senhora reconheceria a pessoa e numa noite escura viria atrás dela e faria coisas terríveis.

O olho nunca ficava dois dias no mesmo lugar. Toda noite era entregue a um rapaz diferente como um rito de iniciação. Era dever do rapaz cuidar para que nada de mau acontecesse com o olho. O rapaz de posse do olho tinha que passar a noite inteira em claro; ele só podia vigiar o olho. Aquilo era embrulhado num pano macio e vermelho, e o pano guardado numa caixa de madeira. De manhã, era devolvido ao líder do grupo, que fazia perguntas ao rapaz, examinava o olho e depois o mandava embora.

Tudo isso Edward ficou sabendo em pouco tempo.

A fim de devolver o olho para a velha senhora, Edward percebeu que teria que se tornar um dos rapazes que ficavam de posse dele por uma noite. Era isso que tinha que fazer.

Edward expressou o desejo de se tornar um dos rapazes para um novo amigo e, após um momento de circunspecção, foi instruído a ir sozinho até um celeiro a alguns quilômetros de distância no campo naquela mesma noite.

O celeiro era escuro e estava em ruínas, e a porta rangeu sinistramente quando ele a empurrou. Havia velas acesas penduradas em ganchos de ferro presos nas paredes, e sombras dançavam nos cantos.

Seis figuras humanas estavam sentadas em semicírculo no fundo do celeiro, todas usando capuzes marrons, que pareciam ter sido feitos de pano de saco.

Numa mesinha diante deles estava o olho da velha senhora. Exposto como uma joia, sobre uma almofada de seda vermelha.

Edward aproximou-se deles sem medo.

— Seja bem-vindo — disse o do meio. — Sente-se, por favor.

— Mas, aconteça o que acontecer — disse outro, num tom sinistro —, não olhe para o olho!

Meu pai sentou-se no chão e esperou em silêncio. Ele não olhou para o olho.

Após alguns instantes, o do meio tornou a falar.

— Por que você está aqui? — ele perguntou.

— Por causa do olho — Edward disse. — Eu vim buscá-lo.

— O olho o chamou aqui, não foi? Você não ouviu o olho chamá-lo?

— Ouvi — disse Edward. — Eu ouvi o olho me chamar.

— Então pegue-o e coloque na caixa, fique com ele a noite inteira e o devolva para cá de manhã. Se algo acontecer com o olho...

O do meio parou de falar, e os outros emitiram um murmúrio desolado.

— Se alguma coisa acontecer com o olho — ele repetiu —, se ele se perder, ou quebrar...

E tornou a parar, fitando meu pai através dos buracos de seu capuz.

— ... pegaremos um de seus olhos como compensação.

Os seis capuzes assentiram ao mesmo tempo.

— Entendo — meu pai disse, ignorante até aquele momento daquela cláusula tão severa.

— Até amanhã, então — ele disse.

— Sim — respondeu meu pai. — Até amanhã.

DEIXANDO O CELEIRO E entrando na escuridão da noite, Edward caminhou pensativo na direção das luzes de Auburn. Ele não sabia o que fazer. Será que arrancariam mesmo um de seus olhos se ele não devolvesse o olho de vidro no dia seguinte? Coisas mais estranhas já tinham acontecido. Segurando a caixa na mão direita enquanto caminhava, ele tocou os olhos com a mão esquerda, cada um deles, e imaginou como seria se um deles fosse arrancado, e se sua promessa à velha senhora devia mesmo ser honrada havendo tanto em jogo. Ele sabia que era possível que as figuras encapuzadas não tivessem intenção de arrancar um de seus olhos, no entanto, se houvesse apenas dez por cento de chance, até mesmo um por cento de que aquilo fosse acontecer, será que valia a pena? Seus olhos eram de verdade, afinal de contas, e o olho da velha senhora era apenas de vidro...

Ele passou a noite em claro ao lado do olho, fitando seu brilho azul, vendo a si mesmo lá dentro, até que o sol, ao ultrapassar a linha do horizonte, na manhã seguinte, deu-lhe a impressão de aquele ser o olho de algum deus esquecido.

O CELEIRO PARECEU DIFERENTE à luz do dia — não tão assustador. Apenas um velho celeiro com tábuas faltando, feno saindo dos buracos como enchimento de um travesseiro. Vacas mastigando capim, um velho cavalo marrom num cercado próximo, as narinas cheias de ar. Edward hesitou na porta do celeiro, então empurrou-a, e o rangido não lhe pareceu mais tão sinistro.

— Você está atrasado — alguém disse.

Edward olhou para o fundo do celeiro, mas desta vez não havia nenhuma figura encapuzada, só seis universitários, mais ou menos da idade de Edward, vestidos do mesmo jeito — mocassins, calças cáqui, camisas de algodão azul-claras.

— Você está atrasado — ele repetiu, e Edward reconheceu a voz da noite anterior. Ele estava no meio, era o líder. Edward fitou-o longamente.

— Desculpe-me — Edward disse. — Tinha uma pessoa que eu precisava ver.

— Você está com o olho?

— Sim — Edward disse. — O olho está aqui.

O homem apontou para a caixinha que Edward trazia na mão.

— Então me dê — ele disse.

Edward deu a caixinha para o homem, e ele a abriu enquanto os outros se amontoavam ao redor dele para ver.

Ficaram olhando para a caixa pelo que pareceu ser um longo tempo, e então todos voltaram-se para Edward.

— Não está aqui — o líder disse, quase num sussurro, com o rosto vermelho de raiva. — O olho não está aqui! — berrou.

De repente todos avançaram para Edward, mas ele ergueu a mão e disse:

— Falei que o olho estava aqui. Não que estava na caixa.

Os seis rapazes pararam, temendo que o olho estivesse em algum lugar do corpo de meu pai, e que se batessem nele acabariam danificando também o olho.

— Devolva-o! — o líder disse. — Você não tem o direito! O olho nos pertence.

— Pertence mesmo?

Foi então que a porta do celeiro rangeu devagar, e todos se viraram para ver a velha senhora, com o olho de volta no lugar, andando na direção deles. Os seis ficaram olhando, sem compreender.

— O quê? — um deles falou, virando-se para os outros. — Quem...

— O olho — meu pai disse. — Eu falei que ele estava aqui.

E quando a velha senhora se aproximou, eles puderam ver que estava mesmo lá, não na caixa mas de volta à cabeça da velha senhora. E, embora quisessem sair de lá, não conseguiram, e à medida que ela fitou cada um deles, cada um olhou bem no fundo do olho da velha senhora. Dizem que dentro do olho cada um deles pôde ver seu futuro. E um gritou ao ver o que estava lá, um chorou, mas outro simplesmente olhou bem no fundo, sem compreender, depois mirou fixamente meu pai, como se então o visse de uma forma diferente.

Finalmente ela terminou e todos saíram correndo do celeiro para a manhã ensolarada.

Foi assim que começou a curta estada de Edward em Auburn, e ele nunca mais foi incomodado por ninguém, pois achavam que estava sob a proteção da velha senhora e seu olho que tudo via. Ele começou a frequentar as aulas e se tornou um aluno nota dez. Tinha boa memória. Lembrava-se de tudo que lia, de tudo que via. E se lembrava do rosto do líder no celeiro naquele dia, assim como o líder se lembrava do de Edward.

Era o rosto do homem com quem minha mãe quase se casou.

A morte de meu pai: Tomada 2

É assim que acontece. O velho dr. Bennett, nosso médico, sai do quarto de hóspedes e fecha delicadamente a porta. Extremamente velho, ele parece uma maçã comida abandonada ao sol. Ele estava lá quando eu nasci, e já era velho então. Minha mãe e eu estamos sentados na sala esperando o que ele tem a dizer. Tirando o estetoscópio dos ouvidos, ele olha desanimado para nós.

Diz dr. Bennett: “Não há nada que eu possa fazer. Sinto muito. Se vocês tiverem algum assunto pendente para resolver com Edward, algo para dizer, agora seria o momento...”

E sua voz se transforma num murmúrio até silenciar.

Isso era algo que estávamos esperando, essa observação final. Minha mãe e eu suspiramos. Há ao mesmo tempo tristeza e alívio no modo como a tensão abandona nosso corpo, e nós nos entreolhamos, dividindo aquele olhar, aquele olhar que só acontece uma vez na vida. Estou um tanto surpreso de que o dia tenha finalmente chegado, pois embora o dr. Bennett tivesse dado um ano de vida a meu pai há cerca de um ano, ele está morrendo há tanto tempo que de certa forma eu esperava que ficasse morrendo para sempre.

— Talvez eu deva entrar primeiro — ela diz. Parece derrotada, exausta, seu sorriso sem vida e de alguma forma sereno. — A menos que você queira ir.

— Não — digo. — Você vai e depois...

— Se acontecer alguma coisa...

— Tudo bem — respondo. — Você me avisa.

Ela respira fundo, levanta-se, e entra no quarto dele como uma sonâmbula, deixando a porta aberta atrás de si. O dr. Bennett, um tanto curvado como se seus ossos tivessem fundido por causa da velhice, fica parado no meio da sala, com ar de espanto e tristeza diante dos poderes da vida e da morte. Após alguns minutos minha mãe volta, enxuga uma lágrima do rosto, e dá um abraço no dr. Bennett. Ele a conhece há mais tempo do que eu, penso. Ela também é velha, mas perto dele parece eternamente jovem. Parece uma jovem prestes a se tornar viúva.

— William — ela diz.

E então eu entro. O quarto está na penumbra, o tom acinzentado de uma soneca depois do almoço, embora do outro lado das cortinas se possa ver a luz de fora querendo entrar. Este é o quarto de hóspedes. Era aqui que meus amigos ficavam quando passavam a noite em casa, antes de terminarmos a escola, e agora é o quarto onde meu pai está morrendo, está quase morto. Quando entro, ele sorri. Morrendo, ele tem aquele ar que as pessoas moribundas às vezes têm, alegre e triste, cansado e abençoado espiritualmente, tudo ao mesmo tempo. Eu já vi na televisão. Quando o personagem principal morre, ele permanece alegre até o fim, dando conselhos aos entes queridos com uma voz fraca, sendo falsamente otimista acerca de seu prognóstico terminal e, em geral, fazendo as pessoas chorar porque está lidando tão bem com a situação. Mas é diferente com meu pai. Ele não está alegre e não tem falsas esperanças. De fato, ele gosta de dizer: “*Por que eu ainda estou vivo? Sinto que já devia ter morrido há muito tempo.*”

E dá mesmo esta impressão. Seu corpo que mal passou da meia-idade parece ter sido retirado da cova e ressuscitado para uma nova tentativa, e embora ele nunca tenha tido muito cabelo — ele era craque em disfarçar a calvície —, o pouco cabelo que tinha caiu, e sua pele tem um tom esquisito de branco, de modo que quando olho para ele a palavra que me vem à mente é *coalhado*.

Meu pai coalhou.

— Sabe — ele me disse naquele dia. — Sabe de que eu gostaria?

— De quê, papai?

— De um copo d’água — ele diz. — Um copo d’água seria realmente bem-vindo agora.

— Pode deixar — respondo, e levo um copo d’água, que ele ergue aos lábios com mãos trêmulas, deixando escorrer um pouco pelo queixo e olhando para mim com aqueles olhos como que para dizer que poderia ter vivido uma vida longa, ou mais longa, pelo menos, do que vai viver, sem que eu precisasse vê-lo deixar escorrer água pelo queixo.

— Desculpe-me — ele diz.

— Não se preocupe. Você só derramou um pouco.

— Não me refiro a isso — ele diz, e me lança um olhar atormentado.

— Bem, desculpas aceitas — respondo. — Mas sabe de uma coisa, você enfrentou tudo isso com muita coragem. Mamãe e eu estamos

realmente orgulhosos.

Ele não faz nenhum comentário, porque embora esteja morrendo ainda é meu pai, e não gosta que eu fale com ele como se ele fosse um garoto. No ano que passou nós trocamos de lugar; eu me tornei o pai, e ele o filho doente, cujo comportamento sob estas circunstâncias muito difíceis deve ser valorizado.

— Ah, rapaz — ele diz cansado, como se tivesse levado uma pancada na cabeça. — Do que estávamos falando?

— De água — eu falo, e ele concorda com a cabeça, lembrando, e toma outro gole.

Então sorri.

— O que é tão engraçado?

— Eu só estava pensando — ele diz — que vou sair deste quarto de hóspedes bem a tempo para os hóspedes.

Ele ri, ou faz o que passa por uma risada atualmente, que é um chiado ofegante. Foi ele que decidiu mudar-se para o quarto de hóspedes algum tempo atrás. Embora quisesse morrer em casa, perto de nós, não quis morrer no quarto que ele e mamãe tinham compartilhado nas últimas décadas, porque achava que isso poderia arruinar as coisas para ela no futuro. Morrer e sair do quarto de hóspedes a tempo de ele ser usado por um parente de fora que viesse para seu enterro é uma piada que ele já repetiu umas dez vezes nas últimas semanas, e cada vez que a repete é como se ela acabasse de lhe ocorrer. O que é verdade, eu acho. Ele sempre a diz com o mesmo tom de novidade e eu não posso deixar de sorrir.

Estamos aqui, então, com sorrisos no rosto como um par de idiotas. O que se diz agora, que pendências podem ser resolvidas nos últimos minutos do último dia que irá marcar o antes e o depois da sua vida, do dia que irá mudar tudo para os dois, o vivo e o morto? São três e dez da tarde. Lá fora é verão. Esta manhã eu tinha planejado ir a um cinema de noite com um amigo que tinha vindo da faculdade passar uns dias em casa. Minha mãe está fazendo um ensopado de berinjela para o jantar. Ela já arrumou os ingredientes na bancada da cozinha. Antes do dr. Bennett dar a notícia, eu tinha decidido dar um mergulho na piscina, onde, até recentemente, meu pai praticamente morava, já que nadar era o único exercício que ele conseguia fazer. A piscina fica bem em frente à janela do quarto de hóspedes. Minha mãe acha que ele às vezes não consegue dormir quando estou nadando, mas gosta de me ouvir nadar. Ele diz que o barulho o faz sentir-se um pouco molhado também.

Aos poucos, nossos sorrisos idiotas somem do rosto e ficamos simplesmente olhando um para o outro.

— Ei — meu pai diz. — Vou sentir saudades de você.

— E eu de você.

— É mesmo? — ele diz.

— É claro, papai. Sou eu que...

— Vai estar aqui — ele diz. — Então parece que você é que vai sentir saudades.

— Você — eu digo, como se uma força interior me fizesse dizer aquelas palavras —, você acredita...

Eu paro. Existe uma regra implícita em minha família de que é melhor não conversar sobre religião e política com meu pai. Quando o assunto é religião, ele se recusa a comentar, e quando é política ele não para de falar. A verdade é que é difícil conversar com ele sobre quase tudo. Estou me referindo à *essência* das coisas, às coisas importantes, aquelas que realmente importam. De alguma forma, isso é difícil demais para ele, e talvez um tanto arriscado, uma obrigação para este homem muito inteligente que esqueceu mais fatos sobre geografia, matemática e história do que eu jamais soube (ele sabia as capitais dos cinquenta estados americanos, e onde você chegaria se voasse para leste a partir de Nova York). Assim, escolho minhas palavras o mais que posso. Mas às vezes escapam algumas palavras indelicadas.

— Acredito em quê? — ele me pergunta, fitando-me com aqueles olhos, aqueles olhinhos azuis, acuando-me ali. Então eu digo.

— No Céu — digo.

— Se eu acredito no Céu?

— E em Deus, e tudo o mais — digo porque não sei. Não sei se ele acredita em Deus, ou na vida após a morte ou na possibilidade de todos nós voltarmos como outra pessoa ou outra coisa. Também não sei se ele acredita no Inferno, ou em anjos, ou nos Campos Elísios ou no Monstro do Lago Ness. Nunca conversamos sobre esses assuntos quando ele estava bom, e desde que ficou doente só conversamos sobre remédios, esportes que ele não consegue mais acompanhar porque adormece assim que alguém liga a TV e sobre formas de suportar a dor. Tenho esperança de que ele ignore o assunto agora. Mas de repente seus olhos ficam mais abertos e parecem clarear, como se ele fosse invadido pela possibilidade do que o aguarda depois da morte. Outra além de um quarto de hóspedes vazio. Como se esta fosse a primeira vez que o

pensamento lhe tivesse ocorrido.

— Que pergunta — ele diz, com uma voz forte. — Não sei se posso dizer que acredito ou que não acredito. Mas isso me faz lembrar, e me interrompa se já tiver ouvido antes, do dia em que Jesus estava guardando os portões para São Pedro. Bem, Jesus está dando uma mãozinha para ele quando um homem vem arrastando os pés pelo caminho do Céu.

“O que foi que você fez para entrar no Reino do Céu?” Jesus pergunta a ele.

“E o homem diz: ‘Bem, não muito na verdade. Sou apenas um pobre carpinteiro que levou uma vida sossegada. A única coisa notável da minha vida foi meu filho.’

“Seu filho?” Jesus diz, interessando-se.

“Sim, ele foi um filho incrível,” o homem diz. “Teve um nascimento inteiramente fora do comum e mais tarde sofreu uma grande transformação. Também tornou-se muito conhecido em todo o mundo e é amado por muitos até hoje.”

“Cristo olha para o homem, dá um abraço apertado nele e diz: ‘Pai, Pai!’

“E o velho o abraça de volta e diz: ‘Pinóquio?’”

Ele chia, eu sorrio, sacudindo a cabeça.

— Já sabia — digo.

— Você devia ter falado — ele retrucou, claramente exausto depois da história. — Quantos *fôlegos* me restam? Você não quer que eu os desperdice em piadas requentadas, quer?

— Só que você não aprendeu nenhuma nova ultimamente. Aliás, esta faz parte da coletânea das melhores. Coletânea de piadas de Edward Bloom. Elas são engraçadas, papai, não se preocupe. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Que pergunta?

Não sei se rio ou se choro. Ele passou a vida toda como uma tartaruga, dentro de uma carapaça emocional que fornece a defesa perfeita: não há absolutamente nenhuma entrada. Minha esperança é que nestes últimos momentos ele me mostre o lado terno e vulnerável de seu ser, mas isso ainda não está acontecendo, e sou um tolo de pensar que irá acontecer. Foi sempre assim, desde o começo: toda vez que chegamos perto de algo importante, sério ou delicado, ele conta uma piada. Nunca existe um sim ou um não, o que você acha, na minha opinião este é o sentido da vida.

— Por que você acha que isso acontece? — digo alto, como se ele

pudesse ler meus pensamentos.

E de algum modo ele pode.

— Nunca me senti à vontade para falar sobre essas coisas. — Ele se mexe desconfortavelmente sob os lençóis. — Quem pode saber com certeza? Não existem provas. Então um dia eu acho que sim, no outro acho que não. E outros dias eu fico em cima do muro. Existe um Deus? Tem dias que acredito que sim, outros dias não tenho certeza. Sob essas circunstâncias nada ideais, uma boa piada às vezes parece mais apropriada. Pelo menos você pode rir.

— Mas uma piada é engraçada por um ou dois minutos e só. Você fica de mãos vazias. Mesmo que você mudasse de ideia a cada dois dias, eu preferiria, eu gostaria que você tivesse dividido algumas dessas coisas comigo. Até as suas dúvidas teriam sido melhores do que uma série infundável de piadas.

— Você tem razão — ele diz, fazendo força com a cabeça no travesseiro e olhando para o teto, como se não conseguisse acreditar que eu tinha escolhido logo aquele momento para lhe dar tal incumbência. É uma carga, e eu a vejo pesando sobre ele, fazendo a vida esvaír-se dele, e não posso acreditar que eu tenha feito isso, tenha dito o que disse.

— Ainda assim — ele diz — se eu dividisse minhas dúvidas com você, sobre Deus e amor e vida e morte, isso era tudo o que você teria: um monte de dúvidas. Mas agora, veja só, você tem todas essas ótimas piadas.

— Nem todas são ótimas — respondo.

O ar condicionado zumbe, enfunando as persianas. A luz entra pelas venezianas, grãos de poeira flutuando. O quarto tem um leve mau cheiro, ao qual achei que iria me acostumar, mas não me acostumei. Sempre me causa náuseas e sinto agora um forte enjoo chegando. É o cheiro ou então o choque de ter aprendido mais sobre o meu pai nos últimos segundos do que na vida inteira que os precedeu.

Ele fecha os olhos e eu fico assustado, meu coração dá um salto, e acho melhor ir chamar mamãe, mas quando me mexo ele agarra minha mão.

— Eu fui um bom pai — ele diz.

Uma afirmação sujeita a contestação que ele deixa ali pairando, como que para minha avaliação. Eu o analiso e analiso a afirmação.

— Você é um bom pai.

— Obrigado. — Suas pálpebras tremem, como se ele tivesse

ouvido o que veio ouvir. Este é o sentido das últimas palavras: elas são a chave para abrir a outra vida. Não são últimas palavras e sim senhas, mas assim que são ditas você pode partir.

— Então. Como vai ser hoje, papai?

— Como vai ser o quê? — ele diz, de modo sonhador.

— Deus e Céu e tudo isso. O que você acha: sim ou não? Talvez amanhã você pense de forma diferente, eu entendo isso. Mas agora, neste momento, o que você está sentindo? Quero realmente saber, papai. Papai? — digo isso porque ele parece estar entrando num sono profundo. — *Papai?* — repito.

Ele abre os olhos e olha para mim com seus olhos azuis subitamente ansiosos e diz, diz para mim, diz para o filho que está sentado ao lado da cama dele o vendo morrer, diz: “*Pinóquio?*”

Seu primeiro grande amor

Meu pai teve a grande alegria e o grande azar de se apaixonar pela mulher mais bonita da cidade de Auburn e, possivelmente, de todo o estado do Alabama, a srta. Sandra Kay Templeton.

Por que azar? Porque ele não era o único homem em Auburn e, possivelmente, não era o único homem no restante do estado do Alabama a estar apaixonado por ela. Ele pegou um número e foi para o final da fila.

A beleza dela tinha sido celebrada em música por um admirador talentoso:

*Sandy, Sandy, Sandy
Você é uma belezinha
Entre no meu carro
Vamos dar uma voltinha...*

E assim por diante.

Tinha havido duelos, corridas de carro, bebedeiras, brigas corporais dedicadas a seu afeto, havia pelo menos um cachorro com o nome dela e pode ter havido mais.

Sandra não queria ser tão linda. Não era seu desejo ser amada por tantos homens — um seria o bastante. Mas ela não tinha culpa de ser bonita, de ter o tipo de beleza que todos admiravam tanto, e assim que desencorajava um pretendente, surgia outro em seu lugar, com flores, canções, pronto para brigar. Então Sandra cuidava de sua vida, e deixava os outros cuidarem das suas, e formou-se uma fila atrás dela, um verdadeiro clube, uma espécie de fraternidade de esperanças e corações partidos.

Edward não escreveu nenhuma canção. Durante muito tempo ele não fez nada. Olhava para ela, é claro. Não se importava em olhar para ela quando ela passava: olhá-la proporcionava a ele um prazer especial. Era como se ela tivesse luz própria, porque aonde quer que fosse, brilhava. Quem podia explicar isso?

Edward gostava de captar aquela luz de vez em quando.

Suas lendárias pernas

Ele era tão rápido que diziam que conseguia chegar num lugar antes de se dirigir para lá.

Era mais um voo do que uma corrida, suas pernas não pareciam tocar o chão, pareciam mover-se numa corrente de ar. Nunca pediu para apostar uma corrida, mas muitos o desafiavam. Embora tentasse dissuadi-los, era difícil ignorar os sarcasmos e as zombarias dos outros rapazes. Ele terminava, invariavelmente, tirando os sapatos — porque nunca corria de sapatos — e esperando seu oponente se preparar. A corrida então começava — ou melhor, terminava, porque nunca houve uma corrida de verdade. Antes que o rapaz que desejava testar suas habilidades contra as de meu pai saísse da linha de partida, via na linha de chegada a figura do homem que esperara vencer.

De quando ele faz sua abordagem

Para não encompridar muito a história, bem, em pouco tempo ele não se contentou mais em apenas vê-la. Tinha que se aproximar, falar com ela, tocá-la.

Ele passou um certo tempo seguindo-a. Entre uma aula e outra, pelos corredores, esse tipo de coisa. Esbarrava nela acidentalmente. Tocava em seu braço na cafeteria.

— Desculpe-me — ele sempre dizia.

Ela entrou em seu cérebro e o deixou louco. Certo dia ele a viu apontando um lápis. Suas mãos macias segurando o longo lápis amarelo. Ele catou as aparas que caíram no chão e as esfregou entre o polegar e o indicador. Um dia ele a viu conversando com alguém que ele achava que conhecia. Ela estava sorrindo de um jeito que ele nunca a vira sorrir antes. Meu pai os observou conversando e rindo por alguns minutos, e então seu coração quase parou quando ele a viu olhar em volta e depois se inclinar devagar para um beijo. Quase decidiu não andar mais atrás dela quando viu isso, mas aí ele localizou o rosto. Era o cara do celeiro, o que tinha roubado o olho da velha senhora. Seu nome era Don Price.

O sentimento de meu pai foi de que, se ele o tinha derrotado uma vez, podia derrotá-lo de novo.

A chance chegou no dia seguinte. Seu corpo inteiro estava prestes a explodir de desejo. Ele estava em brasa. Precisava aliviar a pressão de algum modo. Viu Sandra no corredor.

— Sandra — disse, escolhendo um momento inoportuno: ela estava entrando na toalete feminina. — Você não me conhece. Provavelmente nunca me viu antes. Mas eu estava pensando, quer dizer, caso você não se importe, bem, talvez a gente pudesse ir a algum lugar na sexta-feira à noite. Se você quiser.

Por coincidência, naquele exato momento ela estava sentindo o mesmo que ele: seu corpo estava prestes a explodir, ela estava em brasa, e precisava aliviar a pressão.

— Bem, sim — ela disse, sem parecer pensar muito a respeito. — Sexta-feira está ótimo. — E entrou rapidamente na toalete.

Sim, ela disse, embora naquela mesma manhã Don Price a tivesse

pedido em casamento. Ela quase respondera que sim, mas algo lhe disse para pensar alguns dias a respeito, como se meu pai tivesse enviado sua esperança num sussurro e ela o tivesse ouvido.

A briga

Edward Bloom não era de briga. Ele apreciava demais os prazeres do discurso para recorrer a uma forma tão primitiva e geralmente dolorosa de resolver disputas. Mas sabia defender-se quando obrigado, e foi obrigado na noite em que levou Sandra Kay Templeton para um passeio de carro em Piney Mountain.

Três semanas tinham se passado desde seu primeiro encontro, e nesse intervalo muitas palavras foram trocadas entre Edward e Sandra. Eles tinham ido ao cinema juntos, tinham dividido alguns leites maltados, ele tinha até contado uma ou duas piadas. Simplesmente por ser quem era — nada mais, nada menos — meu pai estava conquistando o coração de minha mãe. As coisas estavam ficando sérias: quando ele tocava em sua mão, ela enrubescia. Ela esquecia o final das frases que tinha iniciado. Ela ainda não tinha se apaixonado por meu pai. Mas percebia que *podia* se apaixonar por ele.

Talvez ela tivesse que pensar mais a respeito.

Aquela noite seria uma parte importante de todo esse processo de reflexão. Era a noite do Passeio de Carro. Depois de andar sem destino certo por alguns quilômetros, eles chegariam no final de alguma estradinha sem saída, sozinhos na floresta escura, e, cercados pelo silêncio, ele se inclinaria até ela e ela se aproximaria imperceptivelmente dele, e eles se beijariam. Estavam indo por esse caminho quando pelo espelho retrovisor meu pai viu um par de faróis, pequenos a princípio, mas ficando maiores, descendo rapidamente pela estrada estreita e sinuosa de Piney Mountain. Edward não sabia que se tratava de Don Price. Sabia apenas que era um carro que vinha atrás deles numa velocidade perigosa, então diminuiu a marcha, para poder tomar uma decisão mais sábia caso acontecesse alguma coisa.

De repente o carro estava bem atrás deles, com os faróis refletindo no espelho retrovisor. Edward baixou o vidro e fez sinal para o outro passar, mas quando fez isso o carro bateu em seu para-choque. Sandra levou um susto, e meu pai tocou em sua perna para acalmá-la.

— Está tudo bem — ele disse. — Deve ser algum garoto bêbado.

— Não — ela respondeu. — É Don.

E meu pai compreendeu. Sem precisar de outra palavra, a situação ficou clara, assim como teria ficado cem anos antes numa cidade de fronteira no oeste e Don o tivesse encontrado no meio de uma rua de terra, com a mão no coldre. Aquilo era uma briga.

O carro de Don tornou a bater no para-choque, e meu pai apertou o acelerador. Edward tinha que provar que se o que Don Price queria era velocidade, ele podia ser veloz, e foi em alta velocidade que fez a curva seguinte, deixando Don Price para trás.

Mas em segundos ele estava de volta, não mais batendo no carro por trás e sim de lado, os dois carros tomando a estrada toda, indo em alta velocidade por colinas e curvas de uma maneira que teria feito parar corações mais fracos. Don Price desviava o carro para a pista de meu pai, e meu pai respondia da mesma forma, os dois carros encostados, porta com porta. Meu pai sabia que poderia dirigir por aquela estrada pelo tempo que fosse preciso, mas não estava certo quanto a Don Price, cujo rosto avistou de relance enquanto os carros oscilavam de um lado para o outro por causa dos solavancos.

Meu pai deu uma última acelerada no carro, passou à frente e virou o volante abruptamente, bloqueando a estrada com o carro. Don Price freou a centímetros de distância, e os dois saíram imediatamente dos carros, encarando-se, a pouca distância um do outro.

— Ela é minha — Don Price disse.

Ele era do mesmo tamanho que Edward, até um pouco maior na largura dos ombros. O pai tinha uma empresa de transporte de mercadorias, onde Don trabalhava durante o verão carregando e descarregando peças de trator, e isso dava para ver.

— Não sabia que ela pertencia a alguém — meu pai disse.

— Bem, agora você sabe, garoto de fazenda.

Don olhou para ela, ainda sentada no carro.

— Sandra — ele disse.

Mas ela não se mexeu. Ficou ali sentada, pensando.

— Nós vamos nos casar — Don falou para meu pai. — Eu a pedi em casamento, garoto de fazenda. Ou ela não disse para você?

— A questão é o que foi que ela disse para você?

Don Price não falou nada, mas sua respiração ficou ofegante e seus olhos se estreitaram, como um touro prestes a atacar.

— Eu poderia rasgá-lo ao meio como se fosse um boneco de papel — ele disse.

— Não há razão para isso.

— É melhor você torcer para que não haja — Don Price disse. — Contanto que Sandy entre no meu carro. Agora.

— Ela não vai fazer isso, Don — meu pai disse.

Don Price riu.

— Quem é você para decidir?

— Você está bêbado, Don — meu pai disse. — Vou tirá-la desta estrada e aí, se ela quiser ir embora com você, tudo bem. O que você acha?

Mas isso só fez Don Price rir ainda mais. Embora se lembrasse do que tinha visto no olho de vidro da velha senhora muitas semanas antes, Don Price apenas riu.

— Obrigado por me dar essa opção, garoto de fazenda — ele disse. — Mas não, obrigado.

E Don Price o atacou com a fúria de dez homens, mas meu pai tinha a força de muitos mais, e eles lutaram por algum tempo, golpeando um ao outro com os punhos. O sangue cobria o rosto deles, escorrendo pelo nariz e pelos lábios, mas no fim Don Price caiu e não se levantou, e meu pai ficou parado ao lado dele, triunfante. Então colocou o corpo machucado do oponente no banco de trás do carro e levou minha mãe e Don Price de volta para a cidade pela estrada da montanha.

Minha mãe e meu pai ficaram em silêncio por um longo tempo. Era um silêncio tão profundo que um quase podia ouvir os pensamentos do outro. Meu pai então disse:

— Ele pediu você em casamento, Sandy?

— Sim — minha mãe disse. — Pediu.

— E o que foi que você respondeu?

— Disse a ele que ia pensar.

— E?

— E pensei — ela disse, segurando a mão de meu pai suja de sangue.

E aí eles se beijaram.

Conhecendo os sogros

Segundo meu pai, o pai de minha mãe não tinha nenhum pelo no corpo. Ele tinha uma fazenda no campo, onde morava com a mulher, que na época já fazia dez anos que não saía da cama, não falava e não comia sozinha, e ele cavalgava um cavalo enorme, preto, com uma mancha branca em cada uma das pernas, logo acima dos cascos.

Ele adorava minha mãe. Contava histórias incríveis sobre ela desde que ela era pequena, e agora que estava velho e tinha ficado um pouco caduco, parecia acreditar nelas.

Ele achava que ela tinha colocado a lua no céu. Às vezes ele realmente acreditava nisso. Acreditava que a lua só estava no céu porque ela a tinha posto lá. Achava que as estrelas eram desejos, e que um dia todos eles se tornariam realidade. Para ela, sua filha. Dissera isso a ela quando era pequena, para deixá-la feliz, e agora que estava velho acreditava nisso, porque isso o deixava feliz e porque ele estava muito velho.

Ele não foi convidado para o casamento. O motivo é muito simples: ninguém foi convidado. Não foi exatamente um casamento e sim um ato legal no cartório de Auburn, com estranhos como testemunhas e um juiz velho e agitado oficiando, proclamando de modo pachorrento, com cuspe saindo dos cantos da boca, que daquele momento em diante eles eram marido e mulher até que a morte os separasse et cetera. E foi tudo.

Não ia ser fácil explicar isso ao sr. Templeton, mas meu pai quis tentar. Ele foi de carro até o portão da fazenda, onde havia uma placa dizendo PARE E TOQUE A BUZINA, e por coincidência lá estava também o pai da sua mulher, em cima do cavalo gigantesco, olhando desconfiado para o carro de onde sua filha acenava timidamente. Ele abriu o portão tirando um pedaço de madeira de uma ranhura de quinze centímetros feita na cerca, e meu pai entrou devagar, para não espantar o cavalo.

Levou o carro até a porta da casa, com o sr. Templeton atrás a cavalo. Minha mãe e meu pai estavam calados. Ele a olhou e sorriu.

— Não há com o que se preocupar — meu pai disse.

— Quem está preocupado? — ela respondeu, rindo.
Embora nenhum dos dois parecesse muito à vontade.

— PAPAI — ELA DISSE na porta da casa —, quero que você conheça Edward Bloom. Edward, Seth Templeton. Agora apertem as mãos.

Eles obedeceram.

O sr. Templeton olhou para a filha.

— Por que eu estou fazendo isso? — ele disse.

— Fazendo o quê?

— Apertando a mão deste homem?

— Porque ele é meu marido. Nós nos casamos, papai.

Ele continuou sacudindo a mão de Edward, olhando bem dentro dos olhos dele. Então riu. E o riso dele pareceu o estouro de fogos de artifício.

— Casados! — ele disse, e entrou em casa. Os recém-casados entraram atrás. Ele pegou duas Coca-Colas na geladeira e eles se sentaram na sala, onde o sr. Templeton encheu um cachimbo de cabo de marfim com um tabaco preto e o acendeu, e de repente a sala ficou coberta por uma fina camada de fumaça, pairando sobre suas cabeças.

— Agora que história é essa? — ele disse, puxando a fumaça e tossindo.

Era uma pergunta difícil de responder, então nenhum dos dois falou nada. Eles simplesmente sorriram. Edward fitou o homem sem nenhum pelo no corpo, a cabeça parecendo um ovo, e em seguida olhou bem nos olhos dele.

— Eu amo sua filha, sr. Templeton. E vou amá-la e cuidar dela pelo resto da minha vida.

Meu pai tinha pensado muito tempo no que iria dizer, e tinha se decidido por aquelas palavras simples mas profundas. Ele achou que diziam tudo o que precisava ser dito, e esperou que o sr. Templeton também achasse.

— Bloom, você disse? — o sr. Templeton falou, apertando os olhos. — Conheci um homem chamado Bloom. Andei a cavalo com ele. Eu estava na cavalaria, 1918, 1919. Servindo em Yellowstone. Naquela época havia bandoleiros. Talvez vocês não soubessem disso. Principalmente bandoleiros mexicanos. Ladrões de cavalo ou simplesmente ladrões. Nós perseguimos muitos deles, Bloom e eu.

Junto com os outros, é claro. Rogerson, Mayberry, Stimson. Até o México. Ah, sim. Muitos. Nós os perseguimos. Até o México, sr. Bloom. Até o México.

Meu pai concordou com a cabeça, sorriu, tomou um gole de Coca-Cola. O sr. Templeton não tinha ouvido uma palavra do que ele tinha dito.

— O senhor tem um belo cavalo — meu pai disse.

— Então o senhor entende de cavalos? — ele retrucou, e tornou a rir, sons explosivos, graves. — Você arrumou um homem que entende um pouco de cavalos, não foi, meu bem?

— Acho que sim, papai.

— Isso é bom — ele disse, balançando a cabeça. — Isso é muito bom.

O dia passou assim. O sr. Templeton contou histórias de seu tempo de cavalaria, e riu, e a conversa rumou para religião e Jesus, um de seus tópicos favoritos, pois ele acreditava que a crucificação fora um ato especialmente covarde, uma vez que Pôncio Pilatos e Jesus tinham sido companheiros de quarto em Oxford. Sob essa perspectiva, Pilatos tinha realmente traído o Senhor. Durante o resto da tarde o casamento não foi mais mencionado — de fato, o sr. Templeton pareceu ter esquecido por que eles estavam lá —, e quando anoiteceu, chegou a hora de irem embora.

Os três se levantaram, os homens tornaram a trocar um aperto de mão, e eles passaram pela porta fechada do quarto e andaram mais devagar. Sandra olhou para o pai que sacudiu negativamente a cabeça.

— Não é um bom dia — ele disse. — É melhor não incomodá-la.

E eles então foram embora, os dois, acenando para o velho na noite que caía, e ele acenando de volta e apontando, com a alegria de uma criança, para o céu estrelado.

Seus três trabalhos

Por ser uma grande metrópole cheia de oportunidades, meus pais se mudaram para Birmingham, Alabama, onde meu pai foi tentar a sorte. Notícias a respeito de sua força, inteligência e perseverança tinham chegado até lá, e no entanto meu pai era tão jovem que sabia que teria que executar grandes tarefas antes de conquistar seu lugar.

Seu primeiro trabalho foi como assistente de veterinário. Sua maior responsabilidade era limpar os canis e as gaiolas dos gatos. Toda manhã, ao chegar, gaiolas e canis estavam cheios de fezes. Parte delas ficava sobre o papel que ele tinha colocado na noite anterior, mas uma parte ainda maior ficava espalhada pelas paredes e até nos próprios animais. Meu pai limpava essa sujeira toda manhã e toda tarde. Ele deixava as gaiolas e os canis tinindo, dava até para comer no chão, de tão limpos que ele os deixava. Mas em poucos segundos estavam sujos de novo, e essa era a terrível frustração daquele trabalho: um cachorro era capaz de olhar bem para você, no momento em que você estava fechando o canil limpinho, e cagar.

SEU SEGUNDO TRABALHO FOI COMO vendedor na seção de lingerie de uma loja de departamentos chamada Smith's. O fato de ele ter sido designado para a seção de lingerie parecia uma piada de mau gosto, e, na realidade, ele sofria bastante com os comentários jocosos dos homens de outras seções — especialmente da seção de roupas esportivas. Mas ele não desistiu, e no fim ganhou a confiança das mulheres que costumavam comprar na Smith's, e de fato tornou-se o preferido das mulheres que trabalhavam com ele. Elas davam valor ao seu olhar atento.

Mas uma mulher nunca conseguiu aceitar meu pai como vendedor. O nome dela era Muriel Rainwater. Ela havia morado a vida inteira em Birmingham, teve dois maridos, ambos mortos, não tinha filhos, e tinha mais dinheiro do que podia gastar. Na época já estava com quase oitenta anos, e, como uma árvore, parecia crescer

a cada ano até se tornar monumental; mesmo assim, era muito vaidosa. Embora não quisesse ser mais magra do que era, queria parecer mais magra do que era, e portanto visitava frequentemente a seção de lingerie da Smith's em busca da última palavra em cintas.

Assim, todos os meses a sra. Rainwater marchava até a loja, sentava-se numa das poltronas largas à disposição das freguesas e, sem uma palavra, simplesmente acenava com a cabeça para um vendedor — e esse vendedor levava até ela o que havia de novidade em cinta. Mas esse vendedor nunca era Edward Bloom.

Isso era claramente um sinal de desprezo. Contudo, a verdade era que Edward Bloom também não gostava muito da sra. Rainwater. Ninguém gostava — os pés dela cheiravam a naftalina, seu cabelo parecia pano queimado e seus braços balançavam quando ela apontava para algo que queria. Mas o fato de ela insistir em não ser atendida por ele, tornou-a, aos olhos de Edward, a freguesa mais desejável da loja. Ele estabeleceu como meta um dia atender Muriel Rainwater.

Com esse objetivo, ele se apoderou do carregamento seguinte de cintas e o escondeu num canto do depósito, onde só ele conseguiria achá-lo. A sra. Rainwater chegou logo no dia seguinte. Ela se sentou na poltrona e apontou para uma das moças.

— Você! — ela disse. — Traga-me a cinta!

A moça ficou agitada, porque tinha medo da sra. Rainwater.

— A cinta? Mas não chegou nenhuma cinta!

— Chegou sim! — a sra. Rainwater disse, com a boca aberta parecendo uma caverna. — Eu sei que chegou! Você! — Apontou para outra, o braço balançando como um balão cheio d'água. — Se ela não pode me atender, você pode. Traga-me a cinta!

A moça saiu correndo, chorando. A seguinte caiu de joelhos antes mesmo de a sra. Rainwater dizer uma palavra.

Finalmente, não restou ninguém para ela apontar a não ser meu pai. Ele estava parado na outra extremidade do andar, com ar orgulhoso. Ela o viu, mas fingiu que não viu. Fingiu que ele não estava lá.

— Alguém pode me atender? — berrou. — Quero ver a nova cinta! Alguém pode por favor...

Meu pai atravessou o andar e ficou parado diante dela.

— O que você quer? — ela disse.

— Estou aqui para atendê-la, sra. Rainwater.

A sra. Rainwater sacudiu a cabeça e ficou olhando fixamente para os próprios pés; parecia estar com vontade de cuspir.

— Esta seção não é para homens! — gritou.

— E no entanto — ele disse — estou aqui. E só eu sei onde está a cinta nova. Só eu posso ajudá-la.

— Não! — ela respondeu, sacudindo a cabeça sem acreditar no que estava ouvindo, seus olhos de cavalo claramente chocados. — Isso não pode ser... eu, eu...

— Eu teria prazer em pegá-la para a senhora, sra. Rainwater. Teria muito prazer.

— Então está bem! — ela disse, com gotinhas de cuspe nos cantos da boca. — Traga-me a cinta!

E foi o que ele fez. A sra. Rainwater se levantou. Foi para a cabine de prova onde a cinta estava sobre um banquinho. Ela bateu com a porta. Meu pai a ouviu gemer e resmungar ao fechar a cinta e, finalmente, alguns minutos depois, ela saiu.

E não era mais a sra. Rainwater. Tinha sido completamente transformada. A cinta tinha transformado aquela baleia numa beleza de mulher. Tinha seios fartos e um traseiro um tanto avantajado, mas seu corpo estava bem torneado, e ela até parecia mais jovem, e mais doce, e certamente bem mais feliz do que antes. Era realmente um milagre tecnológico.

Ela olhou para meu pai como se ele fosse um deus.

“É esta aqui!”, exclamou, com uma voz melodiosa. “Esta é a cinta pela qual esperei a vida inteira! E pensar que você... você... eu fui muito injusta! Você pode me perdoar?”

Ela então se virou para olhar no espelho, no qual admirou entusiasmada o seu novo eu.

“Ah, sim”, ela disse. “Sim. Esta é que deveria ser a minha aparência. Assim eu talvez até consiga outro marido. Nunca pensei que as cintas fossem evoluir tanto, tão depressa! Mas olhe só para mim!”

Ela se virou e lançou um olhar de adoração para meu pai.

“Você vai longe aqui, meu rapaz”, ela disse.

O TERCEIRO E ÚLTIMO trabalho de Edward Bloom teve a ver com um cachorro selvagem. Depois de meu pai ter sido rapidamente promovido de vendedor para gerente, minha mãe e ele se mudaram para uma casinha branca em frente à escola primária.

Eles eram a segunda família a morar lá. A casa tinha sido construída por Amos Calloway, sessenta anos antes, e ele e sua esposa tinham criado os filhos ali, e os filhos tinham ido embora. A sra. Calloway morrera havia muitos anos, e quando o sr. Calloway morreu todo mundo na vizinhança achou que um de seus adoráveis filhos iria voltar para lá. Mas eles não voltaram. Os filhos estavam estabelecidos em cidades distantes e, depois de enterrar o pai, puseram imediatamente a casa à venda, e os Bloom se acharam afortunados por conseguir comprá-la.

Mas os Bloom não foram bem recebidos — não na casa de Amos Calloway. A associação de Amos Calloway com a casa que construiu era tão forte que depois de sua morte os vizinhos sugeriram que ela fosse demolida e que fosse construído ali um parque para as crianças. Agora que os Calloway tinham partido, a casa deveria partir também. Um casal estranho se mudar para lá era como se duas pessoas estivessem tentando entrar no caixão de Amos Calloway, com seu cadáver ainda fresco lá dentro. Em suma, ninguém gostou muito dos Bloom.

Minha mãe e meu pai fizeram o possível para mudar isso. Minha mãe acolheu gatos sem dono, como ouviu dizer que a sra. Calloway costumava fazer. Meu pai continuou a aparar as azáleas em forma de alfabeto, algo pelo qual Amos era famoso. Tudo em vão. Nos fins de semana, minha mãe e meu pai trabalhavam no jardim, exatamente como seus vizinhos faziam, mas era como se fossem invisíveis. E, de certa forma, eram. Para suportar a ausência de Amos Calloway e sua família, os vizinhos tinham resolvido ignorar a presença dos Bloom.

Até o dia em que a vizinhança foi invadida por uma matilha de cães selvagens. Quem sabe de onde eles vieram? Seis, oito, alguns diziam dez — eles derrubavam as latas de lixo à noite e cavavam buracos profundos nos jardins. O tecido aveludado do sono era rasgado por seus terríveis uivos e latidos. Outros cachorros que ousavam enfrentá-los eram achados mortos na manhã seguinte ou não eram achados. As crianças não podiam sair de casa depois que escurecia, e alguns homens passaram a carregar armas toda vez que saíam. Finalmente, a cidade apelou para funcionários do Serviço Estadual de Controle Animal, e numa noite sangrenta todos os cachorros selvagens foram mortos ou capturados.

Quer dizer, todos menos um. O mais feroz, o mais terrível de todos. Preto retinto, confundia-se com a noite. Diziam que era tão

ladino que você nem percebia quando se aproximava — até mostrar seus dentes brilhantes. E aquele cachorro não era apenas selvagem: era um cachorro doido, com uma tendência quase humana para o ódio e a vingança. Uma família pagou caro quando instalou uma cerca elétrica ao redor da propriedade. Olhando pela janela uma noite, viram o cachorro entrar. O animal levou um choque e foi atirado de volta na rua, mas não se machucou. Depois disso, ficava rondando a casa da família, de modo que à noite ninguém entrava nem saía. Era como se, em vez de proteção, a família tivesse construído uma prisão para si mesma.

Meu pai poderia facilmente ter amansado o cachorro e o levado de volta para as montanhas; tal era o seu jeito com animais. No entanto, não fez isso. Por quê? Porque, pela primeira vez na vida, não conseguiu. Os rigores de sua nova vida o tinham enfraquecido. Não era relutância em usar os poderes com que tinha nascido; ele simplesmente não parecia mais possuí-los.

E a confusão teria continuado se o Destino não tivesse dado um cutucão em meu pai, obrigando-o a sair de casa uma noite para dar uma volta. As ruas de Edgewood estavam vazias, é claro. Quem ousava se arriscar na rua depois que o sol se punha, sabendo que o Cão Infernal (como era conhecido) estava lá, em algum lugar? Mas meu pai não estava ligando para o cachorro; ele não era o tipo de homem que deixava que um perigo canino determinasse sua vida. Talvez fosse o agente de algum poder maior. O que sabemos com certeza é o seguinte: ele saiu uma noite para dar uma volta e salvou a vida de uma criança.

A criança — uma menina de três anos chamada Jennifer Morgan, que morava duas portas depois da casa do velho Calloway, como ainda era chamada — tinha saído pela porta da cozinha enquanto os pais tentavam desentupir o vaso sanitário do banheiro do casal. Ela tinha ouvido tanta coisa sobre o cachorro que não pôde resistir: tinha que sair e fazer festa nele. Quando meu pai a viu, ela estava caminhando na direção da fera com um pedaço de pão na mão, chamando: “Aqui, cachorrinho. Cachorrinho, vem cá.”

O Cão Infernal avançava devagar, sem conseguir acreditar em sua sorte. Nunca tinha comido uma menininha antes, mas ouvira dizer que elas eram saborosas. Mais gostosas do que os meninos, e quase tão boas quanto as galinhas.

O êxtase culinário do momento foi interrompido, entretanto, por Edward Bloom. Ele ergueu a menina nos braços e atirou o pão para

o cachorro, que o ignorou e continuou avançando. Em qualquer outra hora, seu poder legendário com os animais teria tornado o cachorro dócil. Entretanto, o enorme e negro Cão Infernal ficou furioso. Edward tinha se intrometido entre ele e uma refeição.

O cachorro avançou para eles, furioso, e saltou. Segurando a menina com um braço, Bloom agarrou o cão pelo pescoço com o outro, e depois o atirou no chão. O cachorro ganiu, mas se levantou e rosnou ameaçadoramente. Balançava a cabeça de um lado para o outro numa velocidade estonteante; por um momento pareceu que tinha duas cabeças, rosnando e mostrando dois conjuntos de dentes e gengivas rosadas.

Naquela altura, os Morgan tinham notado o desaparecimento da filha e tinham saído correndo na direção do latido tenebroso do cachorro. Chegaram a tempo de ver o cachorro avançar de novo, dessa vez quase alcançando o pescoço de meu pai, respingando-o de saliva. Esse foi o erro fatal do cachorro: deixar exposta a lateral do corpo ao saltar. Edward Bloom conseguiu enterrar a mão no cachorro, atravessando o pelo, pele, atravessando seu corpo e arrancando o enorme coração. Meu pai segurava a menina junto ao corpo, aninhada em seu ombro largo. Ela foi poupada daquela cena dantesca. Quando o cachorro caiu inanimado no chão, meu pai largou o coração lá ao lado dele, entregou a menina para os pais e continuou seu passeio.

Assim terminaram os três trabalhos de Edward Bloom.

Ele vai para a guerra

Ele não foi general, nem capitão, nem oficial de qualquer tipo. Não foi o médico, não foi o poeta, não foi o cínico, não foi o amante e não foi o operador de rádio. Ele foi, é claro, um marinheiro. Pelo mar coberto de espuma ele navegou com centenas de outros, a bordo de um navio invulnerável chamado *Neried*. O navio era do tamanho da cidade natal dele — maior até. Com certeza havia mais gente a bordo do *Neried* do que em Ashland, embora ele tivesse colocado uma grande distância entre si mesmo e aquela cidade. Desde que partira, tinha realizado muitas coisas, e agora estava em curso a mais importante de todas: defender o mundo livre. Ele tinha a estranha sensação de que o mundo estava apoiado em seus ombros. Que, embora fosse um simples marinheiro, sem nenhuma medalha, sem nenhum tipo de condecoração, de alguma forma todo aquele esforço dependia de sua capacidade em realizá-lo. Era bom fazer parte daquela tripulação, estar naquele navio invulnerável, deslizando pelo mar escuro como vinho. Estar cercado de água, de horizonte por todos os lados, levava-o a refletir sobre o mundo lá fora e as possibilidades que ele lhe oferecia. Estar cercado pelo mar fazia-o se sentir seguro e em paz.

Era assim que ele estava se sentindo quando um torpedo rasgou o casco do navio, que pareceu encalhar, e Edward foi atirado a dois metros de distância. O navio começou a se inclinar.

— Todos ao convés! — o alto-falante berrou. — Encham seus salva-vidas!

Meu pai, parte dele em choque, pensando *Isso não era para acontecer*, achou seu salva-vidas e amarrou uma das cordas em volta do pescoço e a outra em volta da cintura. Ele olhou ao redor, aborrecido. *Isso não era para acontecer*, mas longe de sentir pânico. E ninguém à sua volta entrou em pânico. Todo mundo foi extraordinariamente calmo, como se aquilo fosse uma simulação. Mas o *Neried* estava adernando a bombordo.

Então a voz do capitão soou no alto-falante.

— Todos ao convés. Preparem-se para abandonar o navio.

Ainda assim não houve pânico e nem pressa. Os que estavam no

convés superior dirigiram-se para uma escada que levava ao convés do meio. Não houve empurra-empurra. Edward sorriu para os amigos e eles sorriram de volta, embora o navio estivesse naufragando.

No convés eles viram a extensão do que tinha acontecido. Homens atiravam no mar botes e pedaços de madeira, salva-vidas, bancos, tudo que pudesse flutuar. Depois pulavam atrás. Mas o navio era como uma série de rochedos. Muitos calculavam mal a distância, batiam na lateral do navio e escorregavam para o mar. Em toda parte havia homens se jogando na água. Centenas de cabeças, como boias humanas, ondulavam na água. A hélice ainda estava girando, e alguns homens foram sugados pelas pás. Edward sentou-se na extremidade do navio e abriu a última carta que tinha recebido da esposa. “Não passo um dia sem pensar em você. Chego a rezar — comecei agora. Me faz bem. Espero que ajude.” Ele sorriu, tornou a dobrar a carta e a guardou de volta no bolso. Tirou os sapatos e as meias, enrolou cada meia e colocou no bico dos sapatos. Ele viu um homem perto dele pular e cair em cima de outro homem e os dois desaparecerem. *Não quero pular em cima de ninguém*, pensou, e procurou um lugar vazio. O mar estava coberto de uma camada de óleo, e ele também não queria pular naquilo. Então procurou até achar um círculo de água limpa, um lugar que ainda não estivesse saturado de óleo, e fingiu acreditar que podia pular do navio direto naquele lugar.

Milagrosamente, conseguiu. Ele saltou de seis metros de altura e caiu diretamente naquele ponto, onde afundou depressa, e não subiu. Ficou parado a nove, talvez dez metros abaixo da superfície, como uma mosca fossilizada. Ele podia ver o navio afundando de um lado, e sobre ele centenas e centenas de pernas dos seus companheiros, como se fosse uma centopeia gigante nadando no mar. Achou que devia estar se afogando, mas não estava. Na verdade, ele parecia respirar. Não pela boca, mas por todo o corpo. Ele não entendia como estava respirando, mas estava, e achou que aquilo queria dizer que estava morto.

Mas então, ao longe, viu uma moça acenando para ele. A mesma moça de muito tempo antes, ele a reconheceu imediatamente. Ela estava fazendo sinal para ele se aproximar, sorrindo, como se já o estivesse esperando ali há algum tempo. Ele começou a nadar na direção dela. Era a mesma moça. Um pouco mais velha agora, assim como ele. Mas a mesma moça. Quando se aproximou, ela nadou

para mais longe, e continuou acenando. Ele não sabia há quanto tempo estava debaixo d'água, nadando na direção dela, mas era mais tempo do que deveria. Nadou até que um raio de sol penetrou pelo mar coberto de óleo e ele olhou para cima e viu que não havia mais óleo lá, apenas azul. E então ele procurou a moça — a *jovem dama*, ele corrigiu a si mesmo —, mas ela tinha desaparecido também. E de repente ele precisou respirar. Então nadou na direção da superfície iluminada pelo sol, leve e rápido como uma bolha, e quando emergiu naquele mundo brilhante, viu o quanto estava longe de todo mundo. Eles estavam mexendo braços e pernas, movendo-se vagarosamente no óleo. Mas viram Edward acenando, como a moça tinha acenado para ele, e isso lhes deu uma nova determinação, talvez uma nova esperança. E aqueles que viram o meu pai começaram a nadar na direção dele o mais depressa que podiam. Centenas de homens arrastando-se pelo óleo na direção dele. Mas alguns não se mexeram. Mesmo alguns dos que o viram. E estes foram os homens que desapareceram debaixo do *Neried* quando ele finalmente afundou. Mesmo estando bem distante, Edward sentiu o puxão do navio no seu corpo, tomando-o de volta. Mas ele não ia voltar. Ele ia para casa.

A morte de meu pai: Tomada 3

É assim que acontece. O velho dr. Bennett, nosso médico, sai do quarto de hóspedes e fecha delicadamente a porta. Extremamente idoso, o dr. Bennett sempre fez parte de nossa vida, estava presente até quando nasci, época em que foi solicitado a se aposentar em breve pelo Conselho Regional de Medicina — isso para mostrar o quanto ele é velho. O dr. Bennett agora é velho demais para quase tudo. Ele não anda, arrasta os pés, não respira, ofega. E parece incapaz de lidar com as consequências do estado terminal de seu paciente. Quando ele sai do quarto de hóspedes, onde meu pai está instalado há algumas semanas, tem uma crise de choro e fica algum tempo sem conseguir falar, chorando convulsivamente, sacudindo os ombros, tapando os olhos com as mãos enrugadas.

Finalmente, ele consegue erguer os olhos e recuperar o fôlego. Parece uma criança desamparada, e diz para mim e para a minha mãe, e nesta altura nós já estamos preparados para o pior:

— Eu não... Eu não sei o que está acontecendo. Não tenho certeza. Mas ele parece muito mal. É melhor vocês irem ver.

Minha mãe olha para mim, e o que vejo nos olhos dela é um olhar de resignação, um olhar que diz que ela está preparada para o que quer que a aguarde atrás daquela porta, por mais triste ou terrível que seja. Ela está preparada. Ela pega minha mão e a aperta com força antes de se levantar e entrar no quarto. O dr. Bennett se deixa cair pesadamente na cadeira de meu pai e fica estirado lá, como se tivesse perdido completamente a energia. Por um instante acho que ele está morto. Por um instante acho que a morte chegou e resolveu levá-lo no lugar de meu pai. Mas não. A morte veio buscar meu pai. Dr. Bennett abre os olhos e olha para o vazio, e eu posso adivinhar o que ele está pensando. *Edward Bloom! Quem diria! Um cidadão do mundo! Importador/exportador! Nós todos achamos que você viveria para sempre. Embora o restante de nós caia como folhas de uma árvore, sempre achamos que se havia uma pessoa capaz de suportar o inverno rigoroso e se manter vivo, essa pessoa seria você.* Como se ele fosse um deus. Era assim que víamos meu pai. Embora o víssemos de manhã cedo de cuecas, e tarde da noite dormindo em

frente à televisão depois que esta já tinha saído do ar, de boca aberta, a luz azul como uma mortalha cobrindo seu rosto adormecido, para nós, ele é de certa forma divino, um deus, o deus da alegria, o deus que quando fala diz: *Era uma vez um homem...* Ou talvez parte deus, produto de uma mulher mortal e de alguma divindade gloriosa que desceu a terra para fazer do mundo um lugar em que mais pessoas rissem, e que, inspiradas por seu riso, comprassem coisas de meu pai que tornassem a vida melhor, assim como a vida de meu pai. Dessa forma, todas as vidas se tornavam melhores. Ele é engraçado e sabe ganhar dinheiro — que poderia ser melhor do que isso? Ele ri até da morte, ri das minhas lágrimas. Eu o ouço rindo agora, quando minha mãe sai do quarto sacudindo a cabeça.

— Incorrigível — ela diz. — Totalmente incorrigível.

Ela também está chorando, mas não são lágrimas de dor ou de tristeza, essas lágrimas ela já derramou. São lágrimas de frustração, de estar viva e sozinha enquanto meu pai está morrendo no quarto de hóspedes, e não está morrendo *direito*. Eu olho para ela e pergunto com os olhos: *Devo entrar?* Ela sacode os ombros como que para dizer: *Você é quem sabe, entre se quiser*. E parece estar quase soltando uma gargalhada, como se não bastasse estar chorando, o que faz surgir em seu rosto uma expressão desconcertante.

Dr. Bennett parece ter adormecido na cadeira de meu pai.

Eu me levanto, vou até a porta entreaberta e dou uma espiada. Meu pai está recostado numa pilha de travesseiros, imóvel e olhando para o vazio, como se estivesse no modo “Pausa”, esperando que alguém ou alguma coisa o acione. É o que a minha presença faz. Quando me vê, ele sorri.

— Entre, William.

— Bem, você parece estar se sentindo melhor — eu digo, sentando-me na cadeira ao lado de sua cama, na cadeira onde tenho me sentado todos os dias nestas últimas semanas. Na jornada de meu pai em direção ao final da sua vida, esta cadeira é meu posto de observação.

— Estou me sentindo melhor — diz, balançando a cabeça e respirando fundo, como que para provar o que está dizendo. — Acho que estou.

Mas só hoje, neste momento do dia. Não existe mais volta para o meu pai. Para melhorar agora, seria preciso mais do que um milagre; seria preciso uma autorização expressa do próprio Zeus,

assinada em três vias e enviada a todas as outras divindades que pudessem reivindicar o corpo maltratado e a alma de meu pai.

Ele já estaria um pouco morto, acho, se uma coisa dessas fosse possível; a metamorfose que ocorreu seria inacreditável se eu mesmo não a tivesse testemunhado. A princípio, pequenas lesões surgiram em seus braços e pernas. Elas foram tratadas, mas sem resultado efetivo. Depois pareceram sarar sozinhas — mas não do modo que gostaríamos ou esperávamos. Em vez da pele branca e macia, com longos pelos pretos brotando dela como palha de milho, sua pele ficou áspera e brilhante — quase escamosa, como uma segunda pele. Olhar para ele não é difícil até você sair do quarto e ver o retrato sobre a lareira. Foi tirado há seis ou sete anos numa praia da Califórnia, e quando você olha, pode ver — um homem. Ele não é mais um homem do jeito que era. Ele é uma outra coisa.

— Não bem, na verdade — ele diz, corrigindo-se. — Eu não diria *bem*. E sim melhor.

— Eu não sei o que deixou o dr. Bennett nervoso — eu digo. — Ele parecia muito preocupado quando saiu do quarto.

Meu pai concorda com um movimento de cabeça.

— Honestamente — ele diz, num tom confidencial — acho que foram as minhas piadas.

— Suas piadas?

— Minhas piadas de médico. Acho que ele já as ouviu inúmeras vezes. — E meu pai começa a recitar sua ladainha de piadas velhas:

Doutor, doutor! Tenho apenas cinquenta e nove segundos de vida. Espere aí, estarei com você em um minuto.

Doutor, doutor! Fico achando que sou uma cortina. Ora essa, segura as pontas.

Doutor, doutor! Minha irmã acha que é um elevador. Diz a ela para entrar. Não posso. Ela não para neste andar.

Doutor, doutor! Eu me sinto como um cabrito. Pare de agir como criança.

Doutor, doutor! Acho que estou encolhendo. Basta você ter um pouco de paciência.

— Eu sei milhares delas — ele diz orgulhosamente.

— Aposto que sabe.

— Conto algumas para ele toda vez que vem aqui. Mas acho que ele já cansou de ouvir. Aliás, acho que ele não tem muito senso de humor. A maioria dos médicos não tem.

— Ou talvez ele queira apenas que você seja sincero — eu digo.

— Sincero?

— Direto — eu digo. — Que você se comporte naturalmente e diga o que está sentindo, onde está doendo.

— Ah — meu pai diz. — Do tipo: “Doutor, doutor! Eu estou morrendo, por favor, me cure.” Assim?

— Assim — eu digo. — Mais ou menos, mas...

— Mas nós dois sabemos que não há cura para o que eu tenho — ele diz, o sorriso murchando, o corpo encolhendo, a velha fragilidade voltando. — Isso me lembra a Grande Peste de 33. Ninguém sabia o que era ou de onde tinha vindo. Um dia tudo parecia estar bem e no dia seguinte o homem mais forte de Ashland: morto. Morreu enquanto tomava o café da manhã. O rigor mortis se instalou tão depressa que seu corpo endureceu ali mesmo na mesa da cozinha, com a colher a meio caminho da boca. Depois dele, uma dúzia morreu em uma hora. Não sei por que eu era imune. Vi meus vizinhos caírem no chão como se seus corpos tivessem ficado repentinamente vazios, como se...

— Papai — eu digo duas vezes, e quando ele finalmente para, seguro sua mão magra e áspera. — Chega de histórias, certo? Chega de piadas bobas.

— Elas são bobas?

— No bom sentido, é claro.

— Obrigado.

— Só por um tempinho — digo —, vamos conversar, está bem? De homem para homem, de pai para filho. Chega de histórias.

— Histórias? Você acha que eu conto histórias? Você não ia acreditar nas histórias que meu pai costumava contar para mim. Você acha que eu conto histórias para *você*, quando eu era menino eu ouvia *histórias*. Ele me acordava no meio da noite para me contar uma história. Era horrível.

— Mas até isso é uma história, papai. Não acredito nem um pouco.

— Mas você não precisa *acreditar* — diz, cansado. — Você só precisa dar valor a ela. É como... uma metáfora.

— Eu me esqueço. O que é uma metáfora?

— Normalmente vacas e ovelhas — ele diz, estremeando de leve ao falar.

— Está vendo? Mesmo quando você fala sério não consegue deixar de brincar. É frustrante, papai. Isso me mantém à distância. É como... se você tivesse medo de mim ou algo assim.

— Medo de você? — ele diz, revirando os olhos. — Estou morrendo e devo ter medo de você?

— Medo de se aproximar de mim.

Ele reflete sobre isso, o meu velho, e desvia o olhar, fitando o passado.

— Deve ter algo a ver com meu pai — ele diz. — Meu pai era um bêbado. Nunca contei isso a você, contei? Ele era um bêbado horrível, do pior tipo. Às vezes ficava tão bêbado que não conseguia sair para comprar bebida. Durante um tempo me mandou comprar bebida para ele, mas depois eu parei, me recusei a ir. Finalmente ele ensinou ao cachorro, Juniper, a comprar bebida. Levava um balde vazio até o bar da esquina e o fazia trazer de volta cheio de cerveja. Pagava com uma nota de um dólar enfiada na coleira do cachorro. Um dia ele viu que não tinha nenhuma nota de um dólar, então enfiou uma nota de cinco dólares na coleira.

“O cachorro não voltou. Mesmo caindo de bêbado, meu pai foi até o bar e encontrou o cachorro sentado num banquinho, tomando um martini duplo.

“Meu pai ficou zangado e magoado.

“‘Você nunca fez uma coisa dessas antes’, ele disse a Juniper.

“‘Nunca tive dinheiro para isso antes’, Juniper respondeu.”

E ele olha para mim, sem um pinga de arrependimento.

— Você não consegue, não é? — digo, erguendo a voz, rangendo os dentes.

— É claro que consigo.

— Tudo bem — digo. — Então faça isso. Conte-me alguma coisa. Conte-me sobre o lugar em que você nasceu.

— Ashland — ele diz, umedecendo os lábios.

— Ashland. Como era lá?

— Pequeno — ele diz, sua mente divagando. — Muito pequeno.

— Pequeno como?

— Era tão pequeno que quando você punha um barbeador elétrico na tomada, a luz da rua diminuía.

— Não foi um bom começo — digo.

— As pessoas lá eram tão ordinárias — ele diz — que comiam feijão para economizar em espuma de banho.

— Eu te amo, papai — digo, chegando mais perto dele. — Nós merecemos mais do que isso. Mas você está dificultando as coisas. Ajude-me. Como você era em menino?

— Eu era um menino gordo. Ninguém brincava comigo. Era tão

gordo que só podia brincar de pegar, não de esconder. Era gordo assim — ele diz —, tão gordo que tinha que fazer duas viagens só para sair de casa. — Sem sorrir agora, porque não está tentando ser engraçado, está sendo apenas ele mesmo, algo que ele não pode deixar de ser. Debaixo de uma fachada existe outra fachada e outra e outra, e debaixo dela aquele lugar escuro e sofrido, sua vida, algo que nenhum de nós dois entende. Tudo o que consigo dizer é:

— Mais uma chance. Vou dar-lhe mais uma chance e depois vou embora. Vou embora e não sei se vou voltar. Não vou mais ser seu contraponto.

E então ele diz para mim, meu pai, o mesmo pai que está morrendo ali na minha frente, embora hoje ele pareça bem para alguém no seu estado, ele diz:

— Você não está sendo você mesmo hoje, filho — no seu melhor estilo Groucho, dando uma piscadela para o caso, muito remoto, de eu o levar a sério —, e isso é um grande progresso.

Mas eu o levo a sério: esse é o problema. Levanto-me para sair, mas ele me agarra pelo pulso e me segura com uma força que eu não achava que ele ainda tivesse. Eu olho para ele.

— Eu sei quando vou morrer — ele diz, olhando bem dentro dos meus olhos. — Eu vi. Eu sei quando e como isso vai acontecer e não vai ser hoje, portanto não se preocupe.

Está perfeitamente sério, e acredito nele. Eu realmente acredito nele. Ele sabe. Mil pensamentos passam por minha cabeça, mas não consigo expressar nenhum deles. Nossos olhos estão grudados e eu fico extasiado. Ele sabe.

— Como você... por quê...

— Eu sempre soube — ele diz baixinho —, sempre tive esse poder, essa visão. Desde que era menino. Na época, eu sonhava. E acordava gritando. Na primeira noite em que isso aconteceu, meu pai veio e me perguntou o que havia de errado, e eu contei a ele. Conteí que sonhara que a minha tia Stacy tinha morrido. Ele me assegurou que tia Stacy estava bem e voltei para a cama.

“Mas no dia seguinte ela morreu.

“Mais ou menos uma semana depois, aconteceu a mesma coisa. Outro sonho, acordei gritando. Ele veio até meu quarto e perguntou o que tinha acontecido. Eu disse a ele que tinha sonhado que o vovô tinha morrido. Mais uma vez ele me disse, talvez com uma certa trepidação na voz, que o vovô estava bem, então eu voltei a dormir.

“No dia seguinte, é claro, o vovô morreu.

“Passei uma semana sem sonhar. Aí tive outro sonho e papai veio e me perguntou o que eu tinha sonhado e eu contei a ele: sonhei que meu pai tinha morrido. Evidentemente, ele me assegurou que estava bem e que eu não devia pensar mais naquilo, mas percebi que o tinha deixado abalado, e o ouvi andando de um lado para o outro a noite inteira, e no dia seguinte ele estava nervoso, olhando de um lado para o outro como se algo fosse desabar na sua cabeça, e foi cedo para a cidade e ficou fora muito tempo. Quando voltou, estava com uma aparência horrível, como se tivesse esperado o dia inteiro pelo machado.

“‘Meu Deus’, ele disse para minha mãe assim que a viu. ‘Tive o pior dia da minha vida!’

“‘Você acha que *você* teve o pior dia’, ela diz. ‘O leiteiro caiu morto aqui na varanda hoje de manhã!’”

Bato com a porta ao sair, torcendo para ele ter um ataque cardíaco, para ele morrer logo, para acabarmos logo com isso. Afinal, eu já comecei a viver o luto.

— Ei! — Eu o ouço chamar do outro lado. — Onde está o seu senso de humor? E se não o seu senso de humor, a sua piedade? Volte! — ele diz. — Dê um tempo, filho, por favor. Eu estou morrendo!

O dia em que eu nasci

No dia em que nasci, Edward Bloom estava ouvindo uma partida de futebol num rádio que levava enfiado no bolso da camisa. Estava também aparando a grama e fumando um cigarro. Tinha sido um verão úmido e a grama estava alta, mas naquele dia o sol batia em meu pai e seu quintal com uma intensidade que fazia lembrar um tempo passado em que o sol era mais quente, do jeito que tudo no mundo costumava ser: mais quente ou maior ou melhor ou mais simples do que no presente. Seus ombros estavam vermelhos como uma maçã, mas ele não notou porque estava ouvindo a partida de futebol americano mais importante do ano, entre seu time de escola, Auburn, contra o pior rival, Alabama: um jogo que o Alabama invariavelmente vencia.

Ele pensou brevemente em minha mãe, que estava dentro de casa, examinando a conta de energia elétrica. A casa estava fria como uma geladeira, mas mesmo assim ela suave.

Estava sentada à mesa da cozinha examinando a conta de energia quando me senti fazer força, posicionando-me para nascer.

Breve, ela pensou, respirando rapidamente, mas não se levantou, e nem parou de examinar a conta. Pensou apenas nessa única palavra. *Breve*.

Do lado de fora, enquanto ele aparava a grama, as coisas não pareciam muito boas para Auburn. Como sempre. Era assim todas as vezes: você ia ao jogo achando que naquele ano iam ganhar, que tinha finalmente chegado a vez deles, mas isso nunca acontecia.

A partida estava quase no meio e o Auburn já perdia de dez.

No dia em que nasci, meu pai terminou a frente e começou os fundos com um sentimento de otimismo renovado. No segundo tempo, o Auburn entrou atacando e conseguiu um touchdown em sua primeira posse de bola. Agora que estava perdendo apenas por três, tudo parecia possível.

O Alabama marcou com a mesma rapidez e então, por causa de uma falta, fez um gol de campo.

Minha mãe pôs a conta aberta sobre a mesa e apertou-a com as mãos, como se estivesse tentando alisá-la. Não sabia que todo o

trabalho e a perseverança de meu pai iam, dentro de poucos dias, dar bons frutos, e que ela nunca mais teria que se preocupar com a conta de energia elétrica. Naquele momento, o mundo, todo o sistema solar, pareciam orbitar ao redor daquela conta de \$42,27. Mas ela precisava manter a casa fresca. Estava carregando todo aquele peso. Era uma mulher magra por natureza, mas estava enorme, comigo dentro dela. E não gostava de calor.

Ela ouviu meu pai no quintal, cortando a grama. Arregalou os olhos: eu estava chegando. *Naquele instante.* Eu estava chegando.

Auburn recuperava a posição.

O tempo passava. Ela calmamente arrumou as coisas para levar para o hospital. Auburn estava com a bola mas só faltavam alguns segundos. Tempo suficiente para marcar.

No dia em que nasci, meu pai parou de aparar a grama e prestou atenção na voz do locutor no rádio. Ele ficou parado igual a uma estátua no quintal, que estava com metade da grama aparada e metade sem aparar. Sabia que iam perder o jogo.

No dia em que nasci, o mundo se tornou um lugar pequeno e alegre.

Minha mãe gritou, meu pai gritou.

No dia em que nasci, eles ganharam.

Como ele me viu

A princípio eu era inexpressivo — pequeno e cor-de-rosa, indefeso, sem nenhuma habilidade. Não sabia nem me virar na cama. Quando meu pai era um menino, uma criança, um bebê, tinha trazido para o mundo mais do que eu trouxe. Os tempos eram outros, e se exigia mais de todo mundo, até dos bebês. Até os bebês tinham que fazer força.

Mas sendo um bebê eu não sabia nada sobre aqueles tempos difíceis. Nascido num hospital de verdade, com os melhores cuidados médicos e todo tipo de medicamentos para minha mãe, eu simplesmente não sabia como era um parto antigamente. Embora isso não mudasse nada: Edward me amou. De verdade. Ele sempre quisera um menino e lá estava eu. Tinha esperado mais, é claro, de minha chegada. Um brilho, um clarão, talvez até um halo de algum tipo. Aquele sentimento místico de completude. Mas nada disso aconteceu. Eu era apenas um bebê, como qualquer outro — exceto, é claro, pelo fato de pertencer a ele, e isso me tornava especial. Eu chorava um bocado e dormia um bocado, e só; meu repertório era muito limitado, embora houvesse aqueles momentos de percepção e felicidade em que eu olhava para meu pai, deitado em seu colo, com os olhos brilhando, como se ele fosse um deus — o que, de certa forma, ele era. Ou divino, pelo menos, tendo criado esta vida, tendo plantado a semente mágica. Naqueles momentos, ele podia ver o quanto eu era inteligente, o quanto eu era esperto, ele conseguia visualizar meu potencial. Muita coisa era possível.

E então eu começava de novo a chorar, ou minha fralda precisava ser trocada, e ele tinha que me devolver para minha mãe, que ajeitava aquilo tudo e me amamentava, enquanto Edward ficava olhando impotente da sua cadeira, subitamente cansado, terrivelmente cansado do barulho, das noites sem dormir, do cheiro. Cansado da esposa cansada. Portanto, às vezes ele sentia saudades da vida antiga, da liberdade, do tempo para refletir — mas isso o fazia diferente de qualquer outro homem? Era diferente com as mulheres, elas foram feitas para criar filhos, tinham o tipo de concentração para isso. Os homens tinham que sair de casa e

trabalhar, sempre fora assim, desde o tempo dos homens das cavernas e era assim até hoje. Os homens eram divididos; eles tinham que ser duas pessoas, uma em casa e outra fora de casa, enquanto a mãe tinha que ser só uma.

NAQUELAS PRIMEIRAS SEMANAS, ele levou seu papel de pai muito a sério. Todo mundo notou: Edward tinha mudado. Estava mais pensativo, mais profundo, mais filosófico. Enquanto minha mãe cuidava das coisas do dia a dia, ele ampliava sua visão. Fez uma lista das virtudes que possuía e que queria passar para mim:

perseverança
ambição
personalidade
otimismo
força
inteligência
imaginação

Escreveu tudo isso nas costas de um saco de papel. Virtudes que ele tivera que descobrir sozinho e que poderia compartilhar comigo, de graça. De repente, percebeu que isso era uma grande oportunidade, que o fato de eu ter chegado de mãos vazias era na realidade uma bênção. Olhando dentro dos meus olhos, ele via um grande vazio, um desejo de ser preenchido. E essa seria sua tarefa como pai: preencher-me.

O que fazia nos fins de semana. Ele não passava muito tempo em casa durante a semana, porque estava sempre na estrada, vendendo, indo atrás do dinheiro — trabalhando. Ensinando-me pelo exemplo. Existiria algum emprego em que um homem pudesse ganhar bem sem viajar, sem perambular pelas estradas, dormindo em hotéis e comendo às pressas em quentinhas? Possivelmente. Mas não servia para meu pai. A simples ideia de voltar para casa todos os dias na mesma hora já o deixava um tanto nauseado. Por mais que amasse a mulher e o filho, ele tinha dificuldade em suportar tanto amor. Ficar sozinho era solitário, mas havia uma solidão ainda maior, às vezes, quando ele estava cercado por um monte de gente, exigindo-lhe constantemente. Ele precisava de uma folga.

QUANDO VOLTAVA PARA CASA, sentia-se um estranho. Tudo tinha mudado. Sua mulher tinha rearrumado a sala, comprado um vestido novo, feito novos amigos, lido livros esquisitos, que colocava acintosamente na mesinha de cabeceira. E eu crescia tão depressa. Sua mulher não percebia isso com tanta clareza, mas ele sim. Quando voltava para casa, ele via aquele crescimento inacreditável, e ao vê-lo percebia o quanto isto o tornava menor, em comparação. E de certa forma era verdade: à medida que eu crescia, ele encolhia. E de acordo com essa lógica, um dia eu me tornaria um gigante, e Edward se tornaria um nada, ficaria invisível para o mundo.

ANTES QUE ISSO PUDESSE ACONTECER, no entanto, antes de desaparecer, ele era um pai, e fazia o que um pai devia fazer. Ele brincava de pegar, comprou a bicicleta. Arrumava o lanche para os piqueniques na montanha de onde se via a cidade, a grande cidade tão promissora, de onde ele podia avistar o lugar onde pela primeira vez fez isso e aquilo, e onde fechou seu primeiro negócio, e onde beijou aquela moça bonita, e todos os triunfos e glórias de sua curta vida. Era isso que ele via quando ia lá, não os prédios ou a linha do horizonte, não os bosques ou o hospital onde estavam construindo uma nova ala. Não: era sua história, a história de sua vida adulta que se estendia diante dele como uma paisagem, e ele me levava lá, levantava-me no colo para que eu pudesse ver e me dizia:

— Algum dia, filho, tudo isto será seu.

Como ele salvou minha vida

Edward Bloom salvou minha vida duas vezes. Que eu saiba.

A primeira vez foi quando eu tinha cinco anos e estava brincando no fosso atrás da nossa casa. Meu pai sempre me dizia: “Fique longe do fosso, William.” Ele me dizia isso sempre, como se soubesse que algo poderia acontecer, que talvez ele fosse obrigado a salvar a minha vida um dia. Para mim, aquilo não era um fosso, e sim um leito de rio antigo, quase seco, cheio de pedras pré-históricas, achatadas e alisadas pela água que corria sobre elas. A única água que havia lá agora era uma corrente constante, quase desprezível, que não tinha força nem para arrastar um galho.

Era lá que eu brincava, depois de ter escorregado pelo barro vermelho do aterro, às vezes poucos minutos depois de meu pai ter dito: “Fique longe do fosso, William.” A visão que tinha de mim mesmo, sozinho entre as paredes vermelhas e frescas, era suficientemente poderosa para eu desobedecer à sua ordem. No meu esconderijo secreto, eu me agachava, revirando as pedras, guardando as melhores no bolso, as brancas e as pretas e brilhantes com manchas brancas. Eu estava tão distraído lá naquele dia que não vi a parede de água vindo na minha direção, como se sua missão fosse arrastar-me dali com ela. Eu não a vi e nem ouvi. Estava agachado, de costas, examinando as pedras. E se não tivesse sido por meu pai, que de algum modo soube o que estava acontecendo antes mesmo de acontecer, eu teria mesmo ido embora junto com a água. Mas ele estava lá, e me puxou pela ponta da camisa até a margem, onde nós dois ficamos vendo passar um rio onde antes não havia nenhum rio, a espuma respingando em nossos pés. Finalmente, ele olhou para mim.

— Eu disse para você ficar longe do fosso.

— Que fosso? — respondi.

NA SEGUNDA VEZ que meu pai salvou minha vida tínhamos acabado de nos mudar para uma casa nova em Mayfair Drive. O antigo dono deixara um balanço, e enquanto os carregadores

transportavam nossos sofás velhos e a mesa de jantar, resolvi ver que altura aquele balanço alcançava. Dei um impulso com toda a força, sacudindo o balanço. Infelizmente, o antigo dono não tinha deixado o balanço para trás; eles simplesmente ainda não o tinham levado. Haviam soltado os pés do cimento que o segurava no chão, então, ao balançar cada vez mais alto, eu estava na verdade carregando comigo o peso da armação, até que, ao chegar no ponto mais alto do arco, a armação tombou para a frente, projetando-me para fora do balanço na direção de uma cerca branca na qual eu certamente teria sido empalado. De repente, senti meu pai perto de mim; foi como se ele também voasse, e nós dois estivéssemos caindo juntos. Seus braços me abraçaram como uma capa, e eu caí no chão a seu lado. Ele tinha me arrancado do Céu e me depositado em segurança na Terra.

Sua imortalidade

Meu pai me mostrou indícios precoces de que viveria para sempre.

Um dia ele caiu do telhado. O jardineiro estava limpando as folhas da calha e foi para casa sem terminar o serviço, deixando a escada encostada na casa. Meu pai chegou do trabalho, viu a escada e subiu. Queria ver como era a vista lá de cima. Disse que ficou curioso em saber se podia ou não enxergar o prédio onde trabalhava do alto de nossa casa.

Eu tinha nove anos de idade na época e sabia do perigo. Disse a ele para não fazer aquilo. Disse que era perigoso. Ele me olhou longamente e deu uma piscadela, uma piscadela que podia significar o que eu quisesse.

Então subiu na escada. Foi provavelmente a primeira escada que ele subiu em dez anos, mas isso eu só posso supor. Talvez ele subisse em escadas o tempo todo. Eu não saberia dizer.

Depois de subir, ele ficou em pé ao lado da chaminé, andando em círculos e olhando para o sul, o norte, o leste e o oeste, atrás de algum sinal de seu prédio. Ele estava bonito lá em cima, vestido com seu terno escuro e sapatos pretos bem engraxados. Parecia ter finalmente encontrado o lugar onde podia ser melhor exposto: no alto de uma casa de dois andares. Ele andou — *passou* — para cima e para baixo no telhado, com uma das mãos acima dos olhos como um capitão de navio procurando terra firme. Mas não conseguiu vê-lo. Seu prédio permanecia invisível ao longe.

Então, de repente, ele caiu, e eu, eu o vi cair. Vi meu pai caindo do telhado de sua própria casa. Aconteceu tão depressa que não sei se ele tropeçou ou escorregou ou o quê — pelo que sei ele pode até ter pulado —, mas caiu de dois andares de altura em cima de uma moita. Até o último segundo fiquei esperando que ele criasse asas, e quando isso não aconteceu, quando não apareceu nenhuma asa, soube que a queda o tinha matado. Eu tinha tanta certeza de que estava morto que nem corri para perto dele para ver o que poderia ser feito para salvá-lo, para ressuscitá-lo, possivelmente.

Caminhei, devagar, até o corpo. Ele estava completamente

imóvel, sem respirar. Em seu rosto havia aquela expressão de sono beatífico que associamos com a partida deste mundo. Uma expressão tranquila. Olhei fixamente para ele, memorizando o rosto de meu pai, seu rosto na morte — quando de repente o rosto se moveu, ele piscou para mim, riu e disse:

— Enganei você, hein?

Seu maior poder

Quando Edward Bloom deixou Ashland, prometeu a si mesmo que ia ver o mundo, e, assim, parecia estar sempre em movimento, e nunca em um mesmo lugar por muito tempo. Não havia um continente que seu pé não houvesse tocado, um país que ele não tivesse visitado, uma grande cidade em que não tivesse um amigo. Ele era um verdadeiro cidadão do mundo. Fazia aparições rápidas mas heroicas em minha vida, salvando-a quando podia, incentivando-me na direção da vida adulta. Entretanto, era levado por forças mais poderosas do que ele; estava, como dizia, cavalcando o tigre.

Mas gostava de me fazer rir. Era como ele queria lembrar-se de mim e como queria ser lembrado. De todos os seus incríveis poderes, esse era talvez o mais extraordinário: a qualquer hora, com uma ninharia, ele conseguia realmente me desconcertar.

HAVIA UM HOMEM — vamos chamá-lo de Roger — que teve que sair da cidade a trabalho, e então deixou o gato aos cuidados de um vizinho. Ora, o homem amava seu gato, amava o gato acima de todas as coisas, de tal forma que na mesma noite do dia em que viajou ligou para o vizinho para perguntar sobre a saúde e o estado emocional de seu querido felino. Ele perguntou ao vizinho:

— Como está o meu doce e precioso gatinho? Diga-me, vizinho, por favor.

E o vizinho disse:

— Sinto muito ter que lhe dizer isto, Roger. Mas seu gato está morto. Foi atropelado por um carro. Morreu instantaneamente. Sinto muito.

Roger ficou chocado! Não só por saber da morte do gato — como se isso já não fosse o bastante! —, mas também pela forma como a notícia lhe fora dada.

Então ele disse, ele disse:

— Não é assim que se dá uma notícia tão terrível como essa! Quando uma coisa dessas acontece, você dá a notícia devagar, aos

poucos. Você prepara a pessoa! Por exemplo, quando liguei esta noite, você deveria ter dito: “O seu gato subiu no telhado.” Aí, da próxima vez que eu ligasse, você diria: “O gato ainda está no telhado, não quer descer e parece bem doente.” Então, da outra vez que eu ligasse, você poderia me dizer que o gato caiu do telhado e estava internado. Finalmente, quando eu ligasse de novo, você me diria, com uma voz abalada, que ele tinha morrido. Entendeu?

— Entendi — disse o vizinho. — Desculpe-me.

Então, três dias depois Roger tornou a ligar para o vizinho, porque o vizinho ainda estava vigiando a casa, checando sua correspondência et cetera, e Roger queria saber se tinha acontecido algo importante.

— E então? — perguntou Roger.

— Bem, é a respeito do seu pai.

— Meu pai! — exclamou. — Meu pai! O que houve com o meu pai?

— Seu pai — disse o vizinho — subiu no telhado...

Meu pai subiu no telhado. É assim que gosto de me lembrar dele às vezes. Bem vestido num terno escuro e de sapatos pretos, escorregadios, ele está olhando para a esquerda, para a direita, olhando até onde sua vista alcança. Aí, olhando para baixo, ele me vê, e assim que começa a cair, ele sorri e pisca o olho para mim. Fica olhando para mim o tempo todo enquanto cai — sorrindo, misterioso, mítico, uma poção desconhecida: meu pai.

De quando ele tem um sonho

Meu pai moribundo sonha que está morrendo. E esse sonho, ao mesmo tempo, é sobre mim.

É assim: quando se espalhou a notícia da doença de meu pai, pessoas enlutadas começaram a se juntar no quintal, primeiro só algumas, mas logo havia muitas, uma dúzia, depois duas, depois meia centena de pessoas, todas paradas no quintal, pisando nos canteiros, amassando a grama, espremendo-se sob o abrigo de automóvel quando chovia. Ombro a ombro no sonho de meu pai elas balançavam o corpo e gemiam, esperando notícias de sua recuperação. Além disso, toda vez que avistavam a figura dele passando em frente à janela do banheiro, gritavam e aplaudiam. Minha mãe e eu observávamos da janela da sala, sem saber o que fazer. Algumas daquelas pessoas pareciam pobres. Usavam roupas velhas, rasgadas, e seu rosto era coberto de pelos. Elas deixavam minha mãe inquieta; ela ficava mexendo nos botões de sua blusa enquanto as observava olhando tristemente para as janelas do segundo andar. Mas havia outras pessoas que pareciam ter deixado de lado tarefas importantes para vir chorar por meu pai. Tinham tirado suas gravatas, enfiando-as nos bolsos, seus sapatos elegantes estavam cheios de lama, e algumas tinham telefones celulares, que usavam para comunicar os acontecimentos àqueles que não podiam estar ali. Homens e mulheres, jovens e velhos, todos contemplavam a luz na janela do quarto de meu pai, esperando. Não aconteceu nada por um longo tempo. Quer dizer, era simplesmente a nossa vida, com as pessoas lá fora no quintal. Mas aquilo ficou demais, e após algumas semanas minha mãe me disse para pedir às pessoas que fossem embora.

E eu fui. Mas naquela altura elas estavam entrincheiradas. Um bufê rudimentar tinha sido organizado debaixo da magnólia, onde serviam pão, chili e brócolis cozidos. Ficavam incomodando minha mãe atrás de garfos e colheres, que eram devolvidos ainda sujos de chili, já frio e difícil de limpar. Uma pequena barraca tinha aparecido no gramado onde eu costumava jogar futebol com outras crianças da vizinhança, e correu o boato de que um bebê tinha

nascido ali. Um dos homens de negócios com telefone celular estabelecera um pequeno centro de informações num toco de árvore, e as pessoas o procuravam quando queriam enviar mensagens para seus entes queridos ou saber se havia alguma notícia de meu pai.

Contudo, no meio daquela confusão, havia um homem mais velho, sentado numa espreguiçadeira, supervisionando tudo. Eu nunca o tinha visto antes, que eu soubesse (pelo menos era assim no sonho de meu pai), mas ele parecia um tanto familiar — um estranho, mas não um desconhecido para mim. Ocasionalmente, alguém se aproximava dele e dizia algo em seu ouvido. Ele escutava pensativamente, refletia por um momento sobre o que fora dito, e então assentia ou negava com a cabeça. Ele tinha uma barba branca espessa e óculos, e usava um chapéu de pescador, no qual estavam pregadas diversas iscas feitas à mão. E assim, como ele parecia ser uma espécie de líder, fui falar primeiro com ele.

Havia alguém cochichando com o homem quando me aproximei, e quando abri a boca para falar, ele levantou a mão para que me calasse. Depois que o mensageiro terminou de falar, o velho sacudiu negativamente a cabeça e ele se afastou rapidamente. Então o velho baixou a mão e olhou para mim.

— Olá — eu disse. — Eu sou...

— Eu sei quem você é — ele disse. Sua voz era suave e sonora, calorosa e distante ao mesmo tempo. — Você é o filho dele.

— Isso mesmo.

Olhamos um para o outro e eu tentei recordar um nome, pois sem dúvida já tínhamos nos encontrado antes em algum lugar. Mas não consegui.

— Você tem algum recado para nós?

Ele me observou com atenção, quase me agarrando com o olhar. Era um homem muito imponente, meu pai me disse.

— Nenhum — falei. — Isto é, ele está na mesma, eu acho.

— Na mesma — o homem disse, pesando cuidadosamente as palavras como que para tirar delas algum significado especial. — Então ele ainda está nadando?

— Sim. Todo dia. Ele adora nadar.

— Isso é bom — ele disse. E de repente ergueu a voz e gritou: — Ele ainda está nadando! — E um grito de júbilo ergueu-se da multidão. O rosto do homem estava radiante. Por alguns momentos ele inspirou profundamente e pareceu refletir. Então tornou a olhar

para mim. — Mas você veio nos dizer uma outra coisa, não veio?

— Sim. É só que, eu sei que a intenção de vocês é boa, e vocês são todos muito simpáticos. Mas sinto dizer que...

— Nós temos que ir embora — falou calmamente. — Você quer que nós nos retiremos.

— Sim. Sinto muito.

O velho pensou a respeito do que eu tinha dito. Pareceu assentir de leve, como se estivesse abalado com a notícia. Foi essa cena que meu pai viu em seu sonho, como que, ele disse, de muito longe, como se ele já estivesse morto.

— Vai ser difícil partir — o velho disse. — Essas pessoas... elas realmente se importam. Vão ficar perdidas sem este lugar. Não por muito tempo, é claro. A vida tem um jeito de seguir em frente por si só. Mas a curto prazo vai ser duro. Sua mãe...

— Isso a deixa nervosa — eu disse. — Todas essas pessoas no quintal, dia e noite. O senhor pode compreender isso.

— É claro. E tem a bagunça também. Nós destruímos quase completamente o jardim.

— Isso também.

— Não se preocupe — ele disse, de um jeito que me fez acreditar. — Vamos deixá-lo do jeito que o encontramos.

— Ela vai ficar contente.

Uma mulher veio correndo, agarrou minha camisa e esfregou o rosto em prantos nela, como que para determinar minha corporalidade.

— William Bloom? — ela disse, e me lançou um olhar suplicante. Era uma mulher pequena, com pulsos finos. — Você é William Bloom, não é?

— Sim — disse, recuando um ou dois passos, mas ela continuou agarrada à minha camisa. — Sou.

— Dê isto a seu pai. — Ela enfiou em minha mão um travesseiro de seda em miniatura. — Ervas curativas num travesseirinho. Fui eu mesma que fiz. Talvez elas ajudem.

— Obrigado — eu disse. — Vou fazer chegar até ele.

— Ele salvou minha vida, sabe... Houve um grande incêndio. Ele arriscou a própria vida para salvar a minha. E hoje... hoje eu estou aqui.

— Não por muito tempo — o velho disse. — Ele pediu para nós irmos embora.

— Edward? — ela disse. — Edward Bloom pediu para irmos

embora?

— Não. A esposa dele e o filho.

Ela assentiu.

— Como você disse que aconteceria. Que o filho viria até nós e pediria para irmos embora. Exatamente como você disse.

— Minha mãe me pediu para fazer isso — falei, sentindo-me frustrado com aquela conversa misteriosa e com a insinuação maliciosa. — Isso não é algo que me agrada fazer.

E de repente a multidão soltou uma exclamação de espanto. Todo mundo estava olhando para as janelas do segundo andar, onde meu pai estava parado, acenando para as pessoas em seu sonho. Ele usava seu roupão amarelo, sorrindo para elas, de vez em quando reconhecendo alguém na multidão e apontando, erguendo as sobancelhas, e murmurando uma ou duas palavras. “*Você está bem? Que bom ver você!*” Passando em seguida para outra pessoa. Todo mundo acenava, gritava, aplaudia, e então, depois do que pareceu ser uma visita de proporções muito breves, acenou mais uma vez, virou-se e desapareceu na escuridão do quarto.

— Bem — o velho disse, sorrindo —, isso foi formidável, não foi? Ele parecia bem. Parecia muito bem.

— Vocês estão cuidando bem dele — uma mulher disse.

— Continuem assim!

— Devo tudo a seu pai! — alguém gritou para mim de baixo da magnólia, e o que se seguiu foi uma cacofonia de vozes, balbuciando, contando alguma história sobre Edward Bloom e suas boas ações. Senti-me cercado por todas aquelas palavras. Depois me senti de fato cercado: uma fila tinha se formado à minha volta, as pessoas falando ao mesmo tempo, até o velho levantar a mão e as fazer calar, e então elas recuaram.

— Está vendo — o velho disse. — Nós todos temos histórias, assim como você. As diversas formas com que ele nos tocou, nos ajudou, nos deu empregos, nos emprestou dinheiro, nos vendeu por atacado. Montes de histórias, grandes e pequenas. Todas elas se somam. No fim da vida, tudo se soma. É por isso que estamos aqui, William. Nós somos parte dele, de quem ele é, assim como ele é parte de nós. Você ainda não entende, não é?

Eu não entendia. Mas ao olhar para o homem, e ele me fitar de volta, no sonho de meu pai eu me lembrei de onde o tínhamos encontrado antes.

— E o que foi que o meu pai fez pelo senhor? — perguntei, e o

velho sorriu.

— Ele me fez rir — ele disse.

E eu soube. No sonho, meu pai me disse, eu soube. E assim atravessei o jardim e voltei para o calor da minha casa.

— Por que o elefante tem tromba? — Ouvi o velho berrar na sua voz forte e profunda, no momento em que eu estava fechando a porta. — Porque ele não tem porta-luvas — respondi junto com ele.

Seguiu-se uma grande gargalhada.

Assim termina o sonho de meu pai acerca de sua morte.

PARTE 3

No que ele compra uma cidade, e mais

Esta próxima história ergue-se da bruma do passado como uma sombra.

Muito trabalho, sorte, e uma quantidade de investimentos sagazes fazem de meu pai um homem rico. Nos mudamos para uma casa maior, numa rua mais bonita, e minha mãe fica em casa e me educa. À medida que vou crescendo meu pai continua a trabalhar tanto quanto antes. Ele passa semanas fora e volta para casa cansado e triste, com pouco para dizer, exceto que sentiu saudades.

Assim, apesar de seu enorme sucesso, ninguém parece feliz. Nem minha mãe nem eu e, certamente, nem meu pai. Há até boato de dissolver a família, que parece e age tão pouco como tal. Mas isso não acontece. Às vezes as oportunidades surgem disfarçadas. Meus pais resolvem pôr um fim nas dificuldades.

É durante esse período, meados dos anos 70, que meu pai começa a gastar seu dinheiro das formas mais inusitadas. Um dia ele percebe que falta algo em sua vida. Ou melhor, esse é um sentimento que vai surgindo aos poucos à medida que ele envelhece — ele acabou de fazer quarenta anos —, até que um dia ele se vê, de forma totalmente acidental, preso. Numa cidadezinha chamada Specter. Specter, em algum lugar do Alabama, do Mississippi ou da Georgia. Preso ali porque o carro quebrou. Ele manda rebocar o carro até a oficina mecânica e, enquanto espera que o consertem, resolve dar uma volta.

Specter, o que não é de espantar, é uma cidadezinha linda, cheia de casinhas brancas, alpendres e balanços, sob árvores enormes que lhe dão sombra. Aqui e ali canteiros de flores e, além de uma bela rua principal, há uma combinação de ruas de terra, cascalho e asfalto, todas próprias para se passear de carro. Meu pai presta especial atenção a essas ruas enquanto caminha porque, mais do que tudo, é isso que o meu pai gosta de fazer. Dirigir. Vendo coisas. Entrar no carro e dirigir por estradas no país inteiro, no mundo inteiro, dirigir tão devagar quanto a lei permite — embora a lei, especialmente no que concerne a limites de velocidade, não seja algo que Edward Bloom respeite: vinte na cidade é depressa demais

para ele; as autoestradas são uma loucura. Como se pode ver o mundo numa velocidade dessa? Onde as pessoas têm tanta pressa de chegar que não conseguem perceber o que está ali, do lado de fora da janela do carro? Meu pai se lembra de quando não havia carros. Ele se lembra de quando as pessoas costumavam caminhar. E ele também faz isso — caminha —, mas mesmo assim gosta de sentir o motor do carro roncando, as rodas girando, a vida emoldurada na janela à frente, atrás, por todos os lados. O carro é o tapete mágico de meu pai.

Ele não só o leva a lugares, mas mostra esses lugares a ele. Um carro... ele dirige, é dirigido, tão devagar, e leva tanto tempo para ir daqui para lá que algumas de suas importantes transações comerciais são feitas em carros. Aqueles que têm hora marcada com ele seguem o seguinte esquema: descobrem onde ele está neste ou naquele dia e calculam que, por ser um motorista tão vagaroso, ele irá permanecer nos arredores pelo restante da semana — e então voam para o aeroporto mais próximo, alugam um carro e vão a seu encontro. Emparelham o carro com o dele, buzina e acenam. Meu pai se vira lentamente — do jeito que Abraham Lincoln teria se virado se tivesse dirigido um carro, porque em minha mente, na lembrança que se alojou indelevelmente em minha mente, meu pai se parece com Abraham Lincoln, um homem com braços compridos, bolsos fundos e olhos escuros — e acena de volta. Ele estaciona e quem quer que precise falar com ele entra no banco do passageiro, e os assessores ou advogados dessa pessoa entram atrás, e enquanto continuam rodando por aquelas belas e sinuosas estradas, terminam suas transações. E quem sabe? Talvez ele até tenha casos nesses carros, romances com belas mulheres, atrizes famosas. À noite uma pequena mesa é armada entre eles, coberta com uma toalha branca, e, à luz de velas, eles comem, bebem e brindam levemente ao futuro...

Em Specter meu pai passeia. Por acaso é um belo dia de outono. Ele sorri para tudo e para todos amavelmente, e tudo e todos sorriem amavelmente de volta. Ele anda com as mãos cruzadas nas costas, espionando com um olhar simpático para dentro de vitrines e becos, e já naquela época um tanto sensível à luz do sol, apertando os olhos portanto, o que só o faz parecer mais simpático, e mais delicado, o que ele é: é mais simpático e sem dúvida mais delicado do que parece, sempre, para qualquer um. Ele se apaixona pela cidade, com sua maravilhosa simplicidade, seu charme despojado,

as pessoas que o cumprimentam, que lhe vendem uma Coca-Cola, que acenam para ele e sorriem de seus alpendres quando ele passa.

Meu pai decide comprar a cidade. Specter tem uma qualidade sombria, ele diz para si mesmo, uma qualidade parecida com viver debaixo d'água, que ele é capaz de apreciar. É um lugar triste, na realidade, e tinha sido assim há anos, desde que a ferrovia foi fechada. Ou que as minas de carvão secaram. Ou que a cidade foi simplesmente esquecida, que o mundo passou ao largo dela. E embora Specter não tivesse mais utilidade para o mundo, teria gostado de fazer parte dele, de ter sido convidada.

Essa é a qualidade pela qual meu pai se apaixona, e esse é o motivo pelo qual ele faz daquela a sua cidade.

A primeira coisa que ele faz é comprar toda a terra ao redor de Specter, como uma espécie de tampão, para evitar que algum outro homem rico e solitário apareça na cidade e queira construir uma autoestrada cortando-a. Ele nem mesmo examina a terra; só sabe que é verde, cheia de pinheiros e que ele quer mantê-la assim, quer o que é, de fato, um ecossistema fechado em si mesmo. E consegue. Ninguém sabe que um só homem está comprando os pequenos terrenos que estão à venda, assim como ninguém fica sabendo quando todas as casas e lojas da cidade são compradas, uma a uma, num período de cerca de cinco ou seis anos, por alguém que ninguém sabe quem é. Mas não por muito tempo. Há pessoas que estão se mudando, e há negócios que estão fechando, e estes não são nada difíceis de comprar, mas para aqueles que gostam das coisas como são e querem ficar no mesmo lugar, é mandada uma carta. A carta oferece um ótimo preço pela propriedade e tudo o que tem lá dentro. Eles não são solicitados a sair, a pagar aluguel nem a fazer qualquer mudança a não ser o nome do proprietário da casa — todas as casas — ou da loja — todas as lojas.

E, dessa forma, devagar mas com determinação, meu pai compra Specter. Cada centímetro quadrado dela.

Eu o imagino muito satisfeito com a transação.

Pois, cumprindo sua palavra, nada muda, nada exceto o surgimento súbito e rotineiro na cidade de meu pai, Edward Bloom. Ele não avisa com antecedência, pois eu não acredito que ele mesmo saiba quando vai poder voltar, mas um dia ele é visto por alguém. É a figura solitária parada no campo ou caminhando pela rua Nove com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele percorre as lojas que então possui e gasta um ou dois dólares, mas deixa a direção dos

estabelecimentos para os homens e mulheres de Specter, a quem pergunta, com sua voz suave e paternal: *Bem, como vão as coisas? Como vai sua esposa, e as crianças?*

Ele obviamente ama muito aquela cidade, bem como todas as pessoas que moram nela; e elas o amam também, porque é impossível não amar meu pai. Impossível. Isso, pelo menos, é o que imagino: é impossível não amar meu pai.

Muito bem, sr. Bloom. Está tudo muito bem. Tivemos um bom mês. O senhor gostaria de examinar os livros? Mas ele sacode negativamente a cabeça. Tenho certeza de que tudo está sob controle aqui. Só entrei para dar um alô. Bem, tenho que ir agora. Até logo. Dê lembranças à sua mulher, sim?

E quando os estudantes secundários de Specter jogam beisebol contra outros times de outras escolas, às vezes ele é visto — sua figura alta e magra — sozinho na arquibancada com seu terno de três peças, assistindo ao jogo com aquele ar orgulhoso e distante com que me observou crescer.

Toda vez que vai a Specter fica com uma família diferente. Ninguém sabe quem será, ou quando, mas há sempre um quarto preparado quando ele pergunta, e ele sempre pergunta, como se fosse um favor feito a um estranho. *Por favor, se não for muito incômodo.* Ele come com a família, dorme no quarto e de manhã parte. E sempre faz a cama.

— ACHO QUE O SR. BLOOM vai gostar de um refrigerante num dia quente como hoje — Al diz um dia para ele. — Deixe-me pegar um para o senhor, sr. Bloom.

— Obrigado, Al. Vai ser ótimo tomar um refrigerante.

Ele se senta num banco em frente à Loja Campestre de Al, sem fazer nada. Loja Campestre de Al — ele sorri do nome e tenta se refrescar na sombra da marquise. Só as pontas de seus sapatos pretos no sol quente daquele dia de verão. Al leva o refrigerante para ele. Outro homem chamado Wiley está lá, e o velho mastiga a ponta de um lápis, e olha para meu pai enquanto ele bebe o refrigerante. Wiley tinha sido xerife de Specter por algum tempo, e depois pastor. Depois de ser pastor ele se tornou o merceiro, mas agora, conversando com meu pai em frente à Loja Campestre de Al, ele não faz nada. Aposentou-se de tudo, menos de conversar.

Wiley diz:

— Sr. Bloom, sei que já disse isso antes. Sei que sim. Mas vou dizer de novo. É maravilhoso o que o senhor fez com esta cidade.

Meu pai sorri.

— Eu não fiz nada com esta cidade, Wiley.

— Exatamente por isso! — Wiley diz e ri, e Al ri, e meu pai também ri. — Nós achamos que é maravilhoso.

— Como está o refrigerante, sr. Bloom?

— Refrescante. Muito refrescante, Al. Obrigado.

Wiley tem uma fazenda a dois quilômetros da cidade. Foi uma das primeiras coisas sem valor que meu pai comprou.

— Tenho que concordar com Wiley — diz Al. — Nem todo homem viria aqui e compraria uma cidade inteira só por gosto.

Os olhos de meu pai estão quase fechados; dentro de pouco tempo ele não poderá mais sair sem óculos bem escuros, tal o modo como seus olhos se tornaram sensíveis à luz. Mas ele aceita o elogio com dignidade.

— Obrigado, Al — ele diz. — Quando vi Specter, soube que tinha que tê-la. Não sei por quê, só sei que foi assim. Tinha que tê-la todinha. Suponho que em parte isso tenha relação com círculos, com completude. É muito difícil para um homem como eu contentar-me com um pedaço de alguma coisa. Se parte é boa, o todo só pode ser melhor. E no que se refere a Specter, este é certamente o caso. Tê-la toda...

— Mas o senhor não tem — Wiley diz, ainda mastigando o lápis. Seus olhos vão de Al para meu pai.

— Wiley — Al diz.

— Bem, é verdade! Não é errado dizer a verdade.

Meu pai se vira vagarosamente para Wiley, porque meu pai tem esse talento especial: só de olhar para um homem ele sabe dizer qual é sua motivação em dizer o que está dizendo, se está sendo sincero e verdadeiro ou se está tentando conseguir mais do que é certo. É uma espécie de poder, e é um dos motivos pelos quais ele ficou rico.

Ele percebe que Wiley pensa que está dizendo a verdade.

— Bem, isso não pode ser, Wiley — ele diz. — Isto é, até onde eu sei. Já percorri cada centímetro desta cidade, seja de carro ou a pé, ou vista do ar, e tenho certeza de que comprei tudo. A cidade inteira. O pacote completo. É um círculo perfeito.

— Ótimo, então — Wiley diz. — Não vou mencionar aquele pedaço de terra com um barraco que fica entre o final da estrada e

o começo do lago, e que é difícil de achar a pé ou de carro ou visto do ar e que talvez não esteja em nenhum mapa, nem que a pessoa que o possui tem um pedaço de papel que o senhor nunca viu para assinar, sr. Bloom. Porque o senhor e Al são os donos da verdade com relação a isso. Acho que não sei do que estou falando. Minhas desculpas para o senhor, que sabe mais do que eu.

WILEY É AMÁVEL O BASTANTE para mostrar a meu pai como se chega lá, como a estrada parece terminar mas não termina, como o lago parece estar onde não está, e como é difícil para qualquer um encontrar aquele lugar: um pântano. Um barraco num pântano. Então meu pai vai de carro até onde a estrada parece terminar, mas quando salta fica claro que depois das árvores e videiras e terra e grama, a estrada está lá, a estrada continua. Foi tomada pela natureza, pelo lago que no momento está transbordando por suas margens. Em seis centímetros de água pantanosa existe mais vida estagnada do que no oceano; na sua extremidade, onde a lama endurece e esquenta, começa a própria vida. Ele entra no pântano. O pântano engole os sapatos de meu pai. Ele continua andando. A água sobe, a lama se agarra em suas calças à medida que ele vai afundando. A sensação é boa.

Ele continua andando, não tem dificuldade para enxergar naquela luz fraca. E de repente avista uma casa à sua frente — uma casa. Ele não consegue acreditar que uma coisa daquelas continue em pé, que não tenha sido tragada pela terra fofa, mas lá está ela, não um barraco, e sim uma casa de verdade, pequena mas bem construída, com quatro paredes e fumaça saindo da chaminé. Quando ele se aproxima a água recua, o chão fica duro, há um caminho para seguir. E ele pensa, sorrindo, que é engenhoso, e parecido com a vida: no último momento surge um caminho, quando menos se precisa dele.

Em uma das laterais da casa há um jardim, e na outra há pilhas de madeira da altura dele. Sob uma janela, um canteiro de flores amarelas.

Ele vai até a porta e bate.

— Olá. Tem alguém em casa?

— Claro — responde uma voz jovem de mulher.

— Posso entrar?

Há uma pausa, e em seguida:

— Limpe os pés no capacho.

Meu pai obedece. Ele abre a porta com delicadeza e fica ali parado, contemplando toda aquela limpeza e arrumação: no meio do pântano mais pantanoso que ele já vira, está olhando para uma sala limpa, acolhedora e confortável. Ele vê primeiro o fogo da lareira, mas desvia rapidamente os olhos. Depois fita a bancada da lareira, sobre a qual há diversos jarros de vidro azuis arrumados em pares, e finalmente contempla as paredes, que estão praticamente nuas.

Há um pequeno sofá, duas cadeiras e um tapete marrom.

No vão da porta que dá para outro cômodo está a moça. Ela tem cabelos pretos e compridos, trançados para trás, e olhos azuis. Não pode ter mais de vinte anos. Morando naquele pântano, imaginaria que ela estivesse coberta de lama como ele está naquele momento, mas fora uma manchinha de cinza em um lado do pescoço, sua pele branca e seu vestido de chita não poderiam estar mais limpos.

— Edward Bloom — ela diz. — O senhor é Ed Bloom, não é?

— Sim. Como você soube?

— Calculei. Quer dizer, quem mais poderia ser?

Ele concorda com a cabeça e diz que sente muito incomodá-la e a sua família, mas que está lá para tratar de negócios. Diz que gostaria de falar com o dono da casa — pai, mãe? — e da terra onde está a casa.

Ela diz que ele está falando com a dona.

— Como assim?

— Isso aqui é meu.

— Seu? — meu pai diz. — Mas você é só...

— Uma mulher. Ou quase.

— Desculpe-me — meu pai diz. — Não tive a intenção de...

— Negócios, sr. Bloom. — Sorri de leve. — O senhor disse algo sobre negócios.

— Ah, sim — ele diz.

E ele fala tudo o que sabe, como chegou a Specter, como se apaixonou pela cidade, e que simplesmente quer tê-la toda. Ela pode achar que se trata de uma falha de caráter, mas ele quer possuir a cidade inteira, e aparentemente este é um pedaço de terra que ele deixou passar, e que gostaria de comprá-lo se ela não se importar, que nada irá mudar, ela poderá continuar lá para sempre se quiser, ele só quer chamar de sua aquela cidade.

— Deixe-me entender bem isto — ela diz. — O senhor irá

comprar de mim este pântano, mas eu vou continuar aqui. O senhor será o proprietário da casa, mas ela continuará sendo minha. Eu ficarei aqui e o senhor irá de um lado para o outro de acordo com sua vontade porque existe uma falha em seu caráter. Entendi direito? — E quando ele diz que sim, que ela resumiu bem a situação, ela diz: — Então eu acho que não, sr. Bloom. Se nada vai mudar, eu prefiro que não mude, que as coisas continuem do jeito que sempre foram.

— Mas você não compreende. Basicamente você não vai perder nada. Na verdade, todo mundo ganha com isso. Você não vê? Pode perguntar a qualquer pessoa em Specter. Eu só tenho contribuído. O povo de Specter tem lucrado sob todos os aspectos com minha presença aqui.

— Deixe que eles lucrem — ela diz.

— É uma coisa de nada, na verdade. Eu gostaria que você reconsiderasse. — Ele está prestes a perder a paciência ou a cair em depressão. — Eu só quero o melhor para todos.

— Especialmente para o senhor.

— Para todos — ele diz. — Inclusive eu.

Ela olha para meu pai por um longo tempo, seus olhos azuis firmes, sem piscar, e sacode a cabeça.

— Eu não tenho pais, sr. Bloom — ela diz. — Eles já morreram há muito tempo. — Ela lança um olhar frio e mau para ele. — Estou bem aqui. Sei de muita coisa... bem, o senhor se surpreenderia com o que eu sei. Não é um cheque polpudo que vai mudar as coisas para mim. Dinheiro, eu não preciso dele. Não preciso de nada, sr. Bloom. Sou feliz com o que tenho.

— Minha jovem — meu pai fala, sem acreditar no que está ouvindo —, qual é o seu nome?

— Jenny — diz, num tom de voz mais suave. — Meu nome é Jenny Hill.

E a história é a seguinte: ele primeiro se apaixona por Specter, depois se apaixona por Jenny Hill.

O AMOR É ESTRANHO. O que faz uma mulher como Jenny Hill subitamente decidir que meu pai é o homem certo para ela? O que ele desperta nela? Será aquele famoso charme? Ou será que Jenny Hill e Edward Bloom foram, de certa forma, feitos um para o outro? Será que meu pai esperou quarenta anos e Jenny Hill vinte anos

para finalmente encontrarem o amor de sua vida?

Eu não sei.

Ele atravessa o pântano com Jenny nos ombros e eles vão para a cidade juntos, no carro dele. Às vezes dirige tão devagar que é possível caminhar ao lado do carro em passos rápidos e conversar com ele, ou, como acontece hoje, que toda a cidade de Specter fique enfileirada nas calçadas para ver o que ele carrega consigo, para ver a bela Jenny Hill.

Desde o início da sua estada em Specter, meu pai conserva uma casinha branca, de janelas pretas, próxima do parque da cidade, numa rua adorável, com um gramado macio na frente e um roseiral de um lado e um velho celeiro convertido em garagem do outro. Há um pássaro vermelho de madeira empoleirado no alto de uma cerca branca, cujas asas batem quando o vento sopra, e um capacho de palha na varanda da frente com a palavra *Lar* bordada no meio.

E no entanto ele nunca ficou lá. Nos cinco anos desde que se apaixonou por Specter, nunca passou uma só noite na única casa da cidade em que não mora ninguém. Até levar Jenny do pântano, sempre ficou hospedado na casa dos outros. Mas agora, com Jenny instalada na casinha branca com o gramado verde e macio próxima do parque, ele fica com ela. Ele não surpreende mais as pessoas de Specter com sua batida tímida ao anoitecer (“É o sr. Bloom!” as crianças gritam, e pulam em cima dele como se fosse um tio que não veem há muito tempo). Ele agora tem um lugar que é seu para ficar, e embora no início alguns sentimentos fiquem feridos, e a propriedade da situação seja questionada por alguns, logo todos veem a sabedoria de morar com a mulher que você ama na cidade em que você ama morar. *Sábio*: foi o que pensaram a respeito de meu pai desde o primeiro dia. Ele é sábio, bom e amável. Se faz algo que parece estranho — como ir até o pântano para comprar um terreno e encontrar uma mulher —, então é porque o restante das pessoas não é tão sábio, amável e bom quanto ele. Portanto, em pouco tempo ninguém mais pensa duas vezes a respeito de Jenny Hill, isto é, não de forma mesquinha, mas simplesmente para imaginar como ela suporta quando Edward não está na cidade, que, até mesmo as pessoas mais compreensivas de Specter são obrigadas a admitir, é a maior parte do tempo.

Elas se perguntam: *Ela não se sente sozinha? Como ela passa o tempo?* Coisas assim.

Mas Jenny participa da vida da cidade. Ela ajuda a organizar

eventos na escola e se encarrega da dança na feira organizada todos os anos no outono. Depois de ter passado tanto tempo no pântano, manter o gramado verde e bonito não é problema para ela, e o jardim parece simplesmente florescer sob seus cuidados. Mas há noites em que os vizinhos a escutam chorar com uma tristeza profunda, e, como se ele também pudesse ouvi-la, no dia seguinte ou no outro ele é visto dirigindo vagarosamente pela cidade, acenando para todo mundo, e parando finalmente na entrada da casinha, onde acena para a mulher que ama, que pode estar parada na varanda, limpando as mãos no avental, com um sorriso radiante no lindo rosto, sacudindo de leve a cabeça e dizendo um *Olá* baixinho, quase como se ele nunca tivesse partido.

O que, de fato, é como todo mundo passa a achar depois de algum tempo. Tantos anos se passaram desde que ele comprou aqueles primeiros terrenos nos arredores da cidade, e tantos anos mais desde que se tornou uma presença habitual, que as pessoas se acostumaram com ele. Seu aparecimento em Specter é fantástico um dia, cotidiano no outro. Ele possui cada centímetro de terra na cidade, e já percorreu cada centímetro dela sozinho. Já dormiu em todas as casas e visitou todas as lojas; sabe o nome de todas as pessoas e dos cachorros de todas as pessoas, e a idade das crianças, e quando alguém vai fazer aniversário. São as crianças, é claro, que crescem vendo Edward por lá, que primeiro o aceitam como aceitam qualquer outro fenômeno natural, como algo corriqueiro, e isso passa para os adultos. Ele fica um mês ausente, e então um dia chega. Aquele seu carro velho e vagaroso — que visão! *Olá, Edward! Qualquer dia vou visitá-lo. Lembranças a Jenny. Vá até a loja.* E assim passam-se muitos anos, e sua presença se torna tão comum e previsível que no fim é como se ele nunca tivesse partido, como se ele nunca tivesse chegado uma primeira vez. Para todo mundo daquela cidadezinha maravilhosa, do mais jovem ao mais velho, é como se Edward Bloom tivesse morado lá a vida inteira.

EM SPECTER, O QUE NUNCA aconteceu torna-se história. As pessoas se confundem, esquecem e recordam todas as coisas erradas. O que resta é ficção. Embora eles nunca se casem, Jenny se torna sua jovem esposa, Edward uma espécie de caixeiro-viajante. As pessoas gostam de imaginar como eles se conheceram. O dia em que ele apareceu na cidade tantos anos antes e a viu — onde? —

com sua mãe no mercado? *Edward não conseguiu tirar os olhos dela. Seguiu-a o dia inteiro.* Ou então ela é a mulher — a meninazinha? — que pediu para lavar o carro dele por alguns centavos naquele dia e que, desde então, ficou de olho naquele homem e disse a todo mundo: *Ele é meu. No dia em que fizer vinte anos, vou obrigá-lo a se casar comigo.* E foi o que aconteceu, no dia em que ela fez vinte anos, encontrou Edward Bloom na varanda da loja campestre, balançando-se com Willard, Wiley e os outros, e embora eles nunca tivessem trocado uma frase, bastou ela estender a mão e ele a tomou. Saíram caminhando juntos, e na vez seguinte que os viram eles já eram marido e mulher, marido e mulher, e estavam prestes a se mudar para aquela casinha perfeita com jardim, perto do parque. Ou talvez...

Não importa; a história está sempre mudando. Todas as histórias mudam. Já que nenhuma delas é verdadeira, as lembranças dos moradores da cidade adquirem um matiz especial, eles falam alto de manhã quando, durante a noite, recordaram algo que nunca aconteceu, uma boa história para compartilhar com os outros, uma reviravolta, uma mentira engendrada diariamente. No calor de uma manhã de verão Willard poderia falar a respeito do dia — quem poderia esquecê-lo? — quando Edward era um garoto de apenas dez anos e o rio (desaparecido, seco, se você olhar ele não está mais lá) subiu tanto que todo mundo temeu que se caísse mais uma gota de chuva do céu negro a cidade seria inundada, mais uma gota de chuva naquele rio enlouquecido e Specter desapareceria. Ninguém poderia esquecer o modo como Edward começou a cantar — ele tinha uma voz calma e aguda — e a caminhar, cantando e se afastando da cidade. E a chuva o acompanhou. Não caiu mais nenhuma gota de chuva no rio, porque as nuvens o seguiram. Ele enfeitiçou a chuva e o sol saiu. Edward só voltou quando a chuva estava perto de Tennessee e Specter estava salva. Quem poderia esquecer-se disso?

Existe alguém mais bondoso com os bichos do que Edward Bloom?, alguém poderia dizer. Se existe, mostrem para mim. Eu quero ver. Porque eu me lembro de quando Edward era apenas um adolescente e já era muito bom para os animais, todos eles...

É claro que Edward não passa tanto tempo assim em Specter; dois dias por mês no máximo. Embora, na verdade, o novo e rico proprietário da cidade tenha chegado lá certa tarde com um carro enguiçado, depois de já ter vivido quarenta anos da sua vida, os

moradores fazem o que sempre fizeram — inventam coisas. Mas agora, em vez das histórias simples de pescaria que os satisfaziam antes, é a história da vida que Edward Bloom nunca viveu em Specter que lhes interessa, uma vida que eles gostariam de ter experimentado, e a vida, finalmente, que passaram a viver em suas mentes: assim como Edward Bloom os reinventou, eles também o reinventaram.

E ele parece achar isso uma ótima ideia.

Isto é, ele não parece ligar.

MAS ESSA É OUTRA HISTÓRIA. Nesta aqui, as coisas não vão muito bem para Jenny. Era de se esperar, não? Uma moça que acabou de sair do pântano, e linda como ela só, passando tanto tempo sozinha. Ah, as horas sombrias em que sua juventude é desperdiçada! Ela ama Edward Bloom — e quem pode culpá-la por isso? Não há ninguém que não o ame. Mas ele, Edward, ele tem a chave para o coração dela, e a mantém consigo quando parte.

Há algo estranho acontecendo com Jenny, todo mundo começa a notar. O modo como ela fica sentada em frente à janela, noite e dia, olhando para fora. As pessoas passam e acenam mas ela não as vê. Ela está olhando para muito longe. Seus olhos brilham. Ela não pisca. E desta vez Edward está ausente há muito tempo, mais tempo do que nunca. Todo mundo sente falta dele, é claro, mas Jenny especialmente. Jenny é quem sente mais saudades, e isso a faz agir de modo estranho.

É algo que alguém poderia ter mencionado para Edward quando ele a levou para a cidade, essa estranheza dela. Mas ninguém ali parecia conhecer Jenny Hill ou seus pais. Ninguém. Entretanto, como ela teria vivido no pântano por vinte anos sem ninguém saber? Como isso é possível?

Não, não é possível. Mas talvez ninguém o mencionasse para Edward porque não parecia correto. Ele estava tão feliz. Ela parecia uma moça simpática na época. E era.

Mas já não era mais. Ninguém ao ver Jenny Hill tão fria e dura na janela, olhando para fora, podia achá-la *simpática*. As pessoas pensam: *Ali está uma mulher sem nenhuma disposição para ser simpática*. E os olhos dela brilham. De verdade. As pessoas passam pela casa à noite e juram que podem ver luzinhas amarelas na janela, duas, os olhos dela, brilhando em sua cabeça. E isso é um

tanto assustador.

É claro que o jardim vira um matagal. As roseiras são tomadas por ervas daninhas e trepadeiras, que acabam por matá-las. A grama cresce e cai com o seu próprio peso. Um vizinho resolve ajudá-la a cuidar do jardim, mas quando bate na porta, ela não atende.

Então o que acontece se dá depressa demais para que alguém possa fazer alguma coisa, assombrados como estão pelo desespero que emana da casinha branca. Em questão de dias as trepadeiras sobem de um lado a outro da casa, cobrindo-a de tal maneira que é difícil saber que lá existe uma casa.

Começa então a chover. Chove durante vários dias. O lago sobe, a represa quase rompe, e a água começa a encher o jardim ao redor da casa de Jenny. Pequenas poças no início, mas as pequenas poças se encontram, crescem e finalmente a cercam. A água se derrama pela rua e chega perto da porta da casa vizinha. Cobras d'água encontram a enorme poça e se alojam lá. E árvores cujas raízes não conseguem se agarrar no chão molhado caem. Tartarugas descansam nas árvores, e o musgo cobre os troncos. Pássaros que nunca foram vistos antes vão fazer ninho na chaminé da casa de Jenny, e à noite estranhos ruídos de bicho podem ser ouvidos, vindos daquele lugar escuro, sons que deixam a cidade inteira tremendo na cama.

O pântano para de crescer depois de certo ponto, quando a casa está cercada de todos os lados por uma água escura, funda e lamacenta. E meu pai volta, finalmente, e vê o que aconteceu. Daquela vez, porém, o pântano está profundo demais, a casa muito distante, e embora ele a veja brilhando lá dentro, não consegue salvá-la, então tem que voltar para nós. O herói errante volta, ele sempre volta para nós. Mas quando sai a trabalho, é para lá que ele vai, é para lá que ele vai todas as vezes, e chama por ela, mas ela não responde. Ele não pode mais tê-la, e é por isso que está tão triste e cansado quando volta para casa, e é por isso que tem tão pouco a dizer.

Como isso termina

O final é sempre uma surpresa. Até eu fiquei surpreso com o final.

Eu estava na cozinha preparando um sanduíche de geleia com pasta de amendoim. Minha mãe estava tirando o pó do alto da moldura das janelas, pó que você nunca vê, a menos que suba numa escada e olhe, que é o que ela estava fazendo. Eu me lembro de estar pensando que vida triste e horrível ela devia ter, para desperdiçar até mesmo um segundo limpando aquelas molduras, quando meu pai entrou. Eram umas quatro horas da tarde, o que era estranho porque eu não me lembrava da última vez que o tinha visto ainda com o sol brilhando, e ao olhar para ele naquela claridade, entendi por quê: ele não parecia bem. Na verdade, ele estava com uma aparência péssima. Ele largou alguma coisa em cima da mesa de jantar e entrou na cozinha, seus sapatos de sola de couro batendo no chão recém-encerado. Minha mãe escutou, e quando ele entrou na cozinha ela desceu da escada e largou o pano que estava usando na bancada, ao lado da cesta de pão, e se virou para olhá-lo com um olhar que eu só pude caracterizar como sendo de desespero. Sabia o que ele estava prestes a contar a ela, a nós. Ela sabia por que ele estava fazendo testes e biópsias, cuja natureza eles acharam melhor esconder de mim até terem certeza, e naquele dia tiveram certeza. Era por isso que ela estava limpando o alto das janelas, porque aquele era o dia em que saberiam e ela não queria pensar naquilo, não queria ficar ali sentada pensando no que poderia saber naquele dia.

E soube.

— Está em toda parte — ele disse. Foi assim. *Está em toda parte*, ele disse, e se virou para sair. Minha mãe foi atrás dele, deixando-me ali imaginando o que, além de Deus, estaria em toda parte, e por que aquilo perturbava tanto meus pais. Mas não tive que imaginar por muito tempo.

Calculei o que era antes que eles me contassem.

ENTRETANTO, ELE NÃO MORREU. Ainda não. Em vez de morrer, ele se tornou um nadador. Havia anos que tínhamos uma piscina, mas ele nunca ligou para ela. Agora que estava o tempo todo em casa e precisava fazer exercício, agarrou-se à piscina como se tivesse nascido na água, como se fosse seu elemento natural. E ele era lindo de ver. Atravessava a água quase sem deslocá-la. Seu corpo longo e rosado, coberto de cicatrizes, lesões, hematomas e esfoladuras, cintilava no azul da piscina. Seus braços moviam-se diante dele com tanta sinceridade, como se estivesse acariciando a água em vez de usá-la para mover-se lá dentro. Suas pernas faziam movimentos precisos como os de um sapo atrás dele, e sua cabeça mergulhava e varava a superfície como um beijo. Isso levava horas. Submersa por tanto tempo, sua pele ficava encharcada de água, com as dobras inteiramente brancas. Uma vez o vi descascando a pele em tiras, devagar, metodicamente, como se estivesse na muda. O resto do dia ele passava quase todo dormindo. Quando não estava dormindo, eu às vezes o via com um olhar vago, como se estivesse em comunhão com um segredo. Observando-o, via que ele se tornava mais alheio a cada dia, e não só alheio a mim, mas alheio àquele tempo e àquele lugar. O modo como seus olhos afundavam na cabeça, desprovidos de fogo e paixão. O modo como seu corpo encolhia e murchava. O modo como ele parecia estar ouvindo uma voz que só ele podia ouvir.

Eu me consolava um pouco com o fato de que tudo aquilo estava acontecendo para o bem dele, que de alguma forma haveria um final feliz, e que mesmo aquela doença era uma metáfora de outra coisa: significava que ele estava ficando cansado do mundo. Isso tinha se tornado tão óbvio. Não havia mais gigantes, nem olhos que tudo veem, nem garotas do rio cujas vidas você podia salvar e que voltariam depois para salvar a sua. Ele tinha se tornado simplesmente Edward Bloom: Homem. Eu o tinha apanhado num mau momento de sua vida. E isso não era culpa dele. O mundo simplesmente não tinha mais a magia que permitia que ele vivesse nele com grandiosidade.

A doença era seu ingresso para um lugar melhor.

Eu agora sei.

AINDA ASSIM, FOI a melhor coisa que poderia ter acontecido para nós, essa viagem final. Bem, talvez não a *melhor* coisa, mas

uma boa coisa, considerando todas as circunstâncias. Eu o via uma vez todas as noites — mais do que o via quando estava bem. Ele era o mesmo homem, até então. Senso de humor, intacto. Não sei por que isso parece importante, mas parece. Suponho que em alguns casos indique certa capacidade de recuperação, uma determinação, uma vontade inabalável.

Um homem estava conversando com um gafanhoto. O homem disse: “Sabe, existe um drinque com o seu nome.” E o gafanhoto disse: “Quer dizer que existe um drinque chamado Howard?”

E esta aqui: Um homem entrou num restaurante e pediu uma xícara de café sem creme. O garçom voltou uns minutos depois e disse, desculpando-se, que eles estavam sem creme. Ele se importaria de tomar o café sem leite?

Mas as piadas nem eram mais engraçadas. Estávamos simplesmente esperando pelo último dia. Estávamos contando piadas velhas, infames, aguardando o fim. Ele foi ficando cada vez mais cansado. Às vezes, no meio de uma piada, esquecia o que estava dizendo ou se enganava no final — dava um excelente remate, mas que pertencia a outra piada.

A própria piscina começou a se deteriorar. Ninguém mais cuidava dela. Estávamos atônitos contemplando o fim de meu pai. Ninguém a limpava nem colocava os produtos químicos que mantinham a água azul, e as algas começaram a crescer nas paredes, deixando a água verde-escura. Mas papai continuou a nadar nela até o fim. Mesmo quando começou a parecer mais um lago do que uma piscina, ele continuou nadando. Um dia, quando fui ver como ele estava, podia jurar que tinha visto um peixe — uma perca — subir à superfície atrás do anzol. Tive certeza de ter visto.

— Papai — eu disse. — Você viu isso?

Ele tinha parado no meio de uma braçada e estava boiando.

— Você viu aquele peixe, papai?

E então ri, porque olhei para o meu pai, contador de piadas, eterno cômico, e vi que ele parecia *engraçado*. Foi isso exatamente o que pensei, quando olhei para ele, pensei: *Ele parece engraçado*. E não deu outra, ele não tinha parado no meio de uma braçada. Ele tinha desmaiado, e seus pulmões estavam cheios d’água. Eu o tirei da piscina e chamei uma ambulância. Apertei seu estômago e a água saiu da sua boca como um esguicho. Esperei que abrisse um olho e desse uma piscadela, começasse a rir, transformasse aquele acontecimento real em algo diferente, em algo realmente

espetacular e engraçado, algo para se recordar e rir. Segurei a mão dele e esperei.

Esperiei um longo tempo.

A morte de meu pai: Tomada 4

E então, finalmente, aconteceu assim.

Interrompa-me se já tiver ouvido esta.

Meu pai estava morrendo. Enfiado numa tenda de oxigênio no Jefferson Memorial Hospital, seu corpo pequeno e emaciado parecia gelado e translúcido, já uma espécie de fantasma. Mamãe esperava comigo, mas saía para falar com os médicos ou para andar um pouco porque suas costas estavam doendo, e isso me deixava sozinho com meu pai. Às vezes eu segurava a mão dele e esperava.

Os médicos, que eram tantos que as pessoas se referiam a eles como uma “equipe”, tinham todos um ar muito grave, desesperançado até. Havia um dr. Knowles, um dr. Millhauser, um dr. Vincetti. Cada um deles era um famoso especialista em sua área. Cada um deles cuidava da parte de meu pai que era sua especialidade, e comunicava suas conclusões ao dr. Bennett, nosso velho clínico geral, que, como capitão da equipe, era um generalista. Ele sintetizava os detalhes desses relatórios, preenchia as lacunas que eles pudessem ter deixado e, então, nos dava o Quadro Geral. Ele às vezes nos presenteava com palavras que tinha aprendido na escola: falência renal, por exemplo, e anemia hemolítica crônica. Esta última, essa anemia, ele descreveu como sendo especialmente debilitante, já que o corpo retinha quantidades excessivas de ferro, criando a necessidade de transfusões de sangue periódicas, incapacidade de assimilar subprodutos das hemácias, descoloração da pele e uma extrema sensibilidade à luz. Por esse motivo, embora estivesse em coma profundo, as luzes do quarto de meu pai eram mantidas sempre bem baixinhas; o medo era que, caso saísse do coma, o choque de todas as luzes acesas pudesse matá-lo.

O dr. Bennett tinha um rosto velho e cansado. As olheiras sob seus olhos pareciam manchas de ferrugem numa estrada. Ele era nosso médico havia muitos anos, nem sei quanto tempo. Mas era um bom médico, e confiávamos nele.

— Vou dizer uma coisa para vocês — ele falou para nós naquela noite, com a mão pousada em meu ombro, nossa amizade ficando

mais forte à medida que víamos o estado de meu pai se deteriorar.
— Quero falar francamente com vocês.

Ele olhou para mim, depois para mamãe, e pareceu refletir antes de falar.

— É possível que o sr. Bloom não saia dessa.

E minha mãe e eu, quase ao mesmo tempo, dissemos:

— Entendo.

— Queremos experimentar algumas coisas ainda, não estamos desistindo, de jeito nenhum. Mas já vi isso antes. É triste, eu... eu conheço Edward Bloom há um quarto de século. Não me considero mais seu médico. Considero-me seu amigo, sabem? Um amigo pelo qual gostaria de poder fazer alguma coisa. Mas sem as máquinas...
— dr. Bennett disse, e sacudiu a cabeça tristemente, sem terminar a frase, que aliás tinha começado sem um final em mente.

Dei meia-volta e me afastei enquanto ele continuava a falar com minha mãe. Fui para o quarto de meu pai e me sentei na cadeira ao lado da cama. Sentei-me lá e esperei, não sei pelo quê, e fiquei olhando para aquelas máquinas fantásticas. Aquilo não era vida, é claro. Era vida artificial. Era o que o mundo dos médicos tinha inventado para substituir o Purgatório. Eu podia saber quantas vezes ele respirava consultando um monitor. Podia ver o que estava fazendo seu frenético coração. E havia umas linhas onduladas e uns números que eu não sabia bem o que significavam, mas fiquei de olho neles também. De fato, após algum tempo, era para as máquinas que eu estava olhando, e não para meu pai. Elas tinham se tornado ele. Elas estavam me contando sua história.

O que me faz lembrar de uma piada. Eu sempre me lembrarei das piadas dele, mas me lembrarei desta em especial. É uma herança de família. É uma piada que eu ainda conto para mim mesmo, sozinho e em voz alta, do jeito que ele contou para mim. Eu digo: Era uma vez um homem. O homem é pobre mas precisa de um terno novo. O homem precisa de um terno novo mas não tem dinheiro para comprar, ele não tem dinheiro para comprar até passar por uma loja onde tem um terno em liquidação, por um preço que ele pode pagar, um belo terno azul-marinho de listrinhas — e então ele o compra. Compra o terno e já sai da loja vestido, com uma gravata combinando e tudo, mas a piada — e acho que devia ter mencionado isso antes —, a piada é que o terno não serve nele. O terno não lhe serve nem um pouco. É simplesmente grande demais. Mas é dele, certo? É o terno dele. Então, para fingir que está bom,

ele tem que apertar o cotovelo de encontro ao corpo *assim*, e posicionar o outro braço *assim*, e tem que andar sem mexer uma das pernas para os punhos parecerem estar na mesma altura. Aquele homem minúsculo e seu terno enorme — que, como eu disse, ele sai da loja vestindo, sai para a rua vestido com ele. E pensa: *Que belo terno eu tenho!* E anda com o braço bem *assim*, e arrastando uma perna com um sorriso idiota no rosto por causa da ótima compra que fez — um terno! Em liquidação! —, e passa por duas velhas que estavam na rua. Elas o veem, uma sacode a cabeça e diz para a outra: “Pobre, pobre homem!” E a outra diz: “Sim, mas que belo terno!”

E este é o fim da piada.

Mas eu não sei contar do jeito que meu pai contava. Não consigo arrastar a perna do jeito que ele fazia, e, por isso, embora seja a piada mais engraçada que já ouvi na vida, eu não rio. Nem quando a senhora diz: “Sim, mas que belo terno!” eu rio. Não estou rindo nem um pouco.

Estou fazendo a outra coisa.

Suponho que isso é que o tenha acordado, que o tenha trazido de volta ao mundo por um certo tempo, achando que eu nunca tinha precisado tanto de uma piada quanto naquela hora.

Meu Deus, ele realmente me derrubou.

Eu olho para ele e ele olha para mim.

— Um pouco d’água — ele diz. — Eu quero um pouco d’água.

Um pouco d’água, ele diz!

Ah, e é a voz dele sim, é a voz dele, profunda e estrondosa, carinhosa e terna. Mamãe, pobrezinha, ainda está lá fora conversando com o médico. Eu pego um pouco d’água e ele me chama para junto da cama, seu único filho, eu, e dá um tapinha na beira da cama onde eu devo me sentar, certo? Então eu me sento. Não há tempo para “olá, como vai”, e nós dois sabemos disso. Ele acorda, me vê na cadeira e dá um tapinha na cama onde eu devo me sentar. Eu me sento e ele diz, depois de tomar um golinho d’água no copinho de plástico:

— Filho, estou preocupado.

Fala isso com voz trêmula, então eu sei, não me perguntem como, que, com ou sem máquinas, esta será a última vez que eu o verei vivo. Amanhã ele estará morto.

E eu digo:

— Você está preocupado com o quê, papai? Com a outra vida?

— Não, bobo. Estou preocupado com você. Você é um idiota. Não conseguiria nem ser preso sem minha ajuda.

Mas eu não levo a mal: ele está tentando ser engraçado. Está tentando ser engraçado e *isso é o melhor que consegue!* Agora eu sei que ele está partindo.

— Não se preocupe comigo, papai. Eu vou ficar bem. Vou ficar muito bem.

— Eu sou pai, não posso evitar. Um pai se preocupa. Eu sou pai — ele diz, para eu não perder o foco —, e como pai tentei lhe ensinar algumas coisas. Tentei mesmo. Talvez eu não parasse muito em casa, mas quando estava, tentava ensinar. Então o que eu quero saber é o seguinte: Você acha que eu fiz um bom trabalho? — E quando eu abro a boca para falar, ele diz: — Espere! Não responda isso! — diz, tentando um sorriso. Mas não funciona. Ele não consegue mais sorrir. Então ele fala, ele fala para mim, deitado ali naquela cama, aquele homem, meu pai, diz: — Tudo bem, pode dizer. Diga-me antes que eu morra. Diga-me o que foi que eu ensinei para você. Diga-me tudo o que eu ensinei a você sobre a vida, para que eu possa morrer e não tenha que me preocupar tanto. Vá em frente... Diga.

Fito seus olhos azul-acinzentados quase sem vida. Nós nos encaramos, mostrando um ao outro nossas últimas expressões, os rostos que iremos levar conosco para a eternidade, e eu estou pensando no quanto gostaria de tê-lo conhecido melhor, no quanto gostaria de ter compartilhado a vida com ele, desejando que meu pai não fosse um completo mistério para mim, e digo:

— *Era uma vez um homem* — digo. — *Era uma vez um homem, ele é pobre, mas precisa de um terno, e...*

Peixe grande

Ele sorriu. Depois percorreu o quarto com os olhos e piscou para mim. Ele piscou!

— Vamos sair daqui — disse, num sussurro rouco.

— Sair daqui? Papai, você não tem condições...

— Há uma cadeira de rodas no banheiro — ele disse. — Cubra-me com um cobertor. Assim que passarmos do corredor, estaremos a salvo. Mas não temos muito tempo. Depressa, filho!

Fiz o que ele pediu, não sei por quê. Entrei no banheiro e vi que ele tinha razão. Havia uma cadeira de rodas fechada atrás da porta do banheiro, dobrada como um carrinho de bebê. Eu a abri e empurrei até a cama dele, onde o embrulhei num cobertor marrom-claro, cobrindo sua cabeça como um hábito de monge. Eu o ergui, com uma facilidade chocante, e o coloquei na cadeira. Eu não tinha ficado mais forte nos últimos meses, mas ele ficara consideravelmente menor.

— Pode ir! — ele disse.

Abri a porta do quarto e espiei para fora. Vi mamãe na mesa da enfermeira junto com o dr. Bennett, enxugando os olhos com um lenço de papel e balançando a cabeça. Empurrei meu pai na direção oposta. Não ousei nem olhar para trás para ver se eles nos tinham visto. Simplesmente empurrei-o rapidamente, torcendo para dar certo, e virei a esquina. Só então olhei para trás.

Ninguém.

Até agora, tudo bem.

— Então. Aonde nós vamos? — perguntei a ele, recuperando o fôlego.

— Os elevadores — ele disse, com a voz abafada pelo cobertor. — O elevador para o saguão e depois para onde você estacionou seu carro. Estacionamento?

— Sim — eu disse.

— Então me leve para lá — ele disse. — *Agora*. Não temos muito tempo.

O elevador chegou e eu o empurrei para dentro. A porta se fechou e quando tornou a abrir empurrei-o para fora com a maior

cara de pau, passando por um monte de médicos de verde e branco, por enfermeiras com fichas nas mãos lançando-me olhares surpresos e depois me encarando. Todo mundo no saguão parou para olhar para nós, sabendo que aquilo não devia estar certo, mas eu estava indo em tal velocidade que ninguém teve tempo de nos interceptar. As pessoas simplesmente olhavam para nós como se aquilo fosse esquisito — e era, muito mais do que elas imaginavam. E então nos vimos do lado de fora, andando na direção do estacionamento no vento frio da primavera.

— Bom trabalho — ele disse.

— Obrigado.

— Mas você ainda tem que se apressar, Will. Estou precisando de água. Preciso muito de água.

— Tenho um pouco no carro — eu disse. — Uma garrafa térmica cheia d'água.

— Mais do que isso. — E riu.

— Vamos conseguir mais.

— Eu sei que sim, filho. Eu sei.

Quando chegamos no carro, eu o levantei da cadeira e coloquei no banco da frente. Dobrei a cadeira e a joguei no banco detrás.

— Não vamos precisar dela — ele disse.

— Não vamos?

— Não no lugar para onde vamos — ele falou, e achei que ele tinha rido de novo.

Mas ele não me disse para onde estávamos indo, não logo de início. Simplesmente fui deixando para trás tudo o que conhecia: o hospital, seu antigo escritório, nossa casa. Quando olhei para ele atrás de uma pista, ele estava calado, debaixo do cobertor.

— Aquela água, William? — ele disse em seguida.

— Ah — eu disse. — Está aqui.

Estava a meu lado no banco do carro. Tirei a tampa e passei a garrafa para ele. Uma mão trêmula, escamosa, apareceu e a segurou. Mas em vez de beber, ele despejou a água sobre si. O cobertor ficou encharcado.

— Ahh — ele disse. — Era o que eu precisava.

Mesmo assim, não tirou o cobertor de cima dele.

— Vá para o norte pela Highway 1 — ele disse, mas tive que me esforçar para escutar. Sua voz estava abafada sob o cobertor, e parecia vir de muito longe.

— Norte pela Highway 1 — falei.

— Há um lugar lá. Tem um rio. Um lugar perto do rio.

— *O Bosque de Edward* — disse para mim mesmo.

— O quê?

— Nada — respondi.

Passei por uma série de ruas, atravessei a cidade e seus arredores, onde o sol aparecia acima dos telhados e das árvores, até finalmente alcançarmos o campo, verde e lindo. De repente estávamos cercados por ele: árvores, fazendas, vacas e um céu azul, um lar para as nuvens e pássaros ocasionais. Eu já tinha estado ali uma vez.

— Quanto falta agora? — perguntei a ele.

— Só umas duas milhas, eu acho. Eu *espero*. Não me sinto muito bem.

— O que você tem? — perguntei, mas a resposta foi um tremor dentro do cobertor molhado e um gemido como se ele estivesse com muita dor.

— Você está bem?

— Já estive melhor. Eu me sinto como aquele cara... Que entra no bar com um sapo na cabeça, com um pássaro no ombro e com um canguru do lado, e o barman diz: “Ei, não temos muitos cangurus por aqui”, e o canguru diz: “É, e com esses preços não vão conseguir mais nenhum!”

Então ele disse, quase gritando:

— Aqui!

Saí da estrada.

Não era o Bosque de Edward, até onde sei, mas poderia ter sido. Lá estava seu velho carvalho com as raízes se espalhando pelo solo escuro e cheio de musgo. Lá estavam suas azáleas. Lá estava seu coelho, pulando alegremente, virando a cabeça para trás para olhar para nós. E lá estava seu rio, de águas claras como não se vê mais, correndo rápido ao redor de pedras do tamanho de um pequeno carro, formando pequenas corredeiras, puro como o ar, azul como o céu, branco como uma nuvem.

Não sei como ele o viu por debaixo do cobertor.

— Carregue-me — ele disse, ou pelo menos foi o que eu entendi, uma vez que sua voz estava tão fraca que eu precisava interpretar o que ouvia. Ele disse, *Carregue-me e Você não sabe o quanto sou grato pelo que você está fazendo e Quando estiver com sua mãe, diga a ela... diga a ela que eu disse até logo*. Então eu o carreguei para fora do carro, desci a encosta lodosa e fiquei parado em frente ao rio, com meu pai nos braços. E eu sabia o que tinha que fazer, mas não

consegua. Fiquei simplesmente ali parado, segurando seu corpo enrolado num cobertor na margem do rio, até ele me dizer, *Talvez seja melhor você não olhar agora* e depois *Por favor*, e, de repente, meus braços estavam carregando algo cheio de vida, frenético, impossível de conter mesmo que eu quisesse, e eu queria. Mas então eu só estava segurando o cobertor, porque meu pai tinha pulado para dentro do rio. Foi quando descobri que, afinal de contas, meu pai não estava morrendo. Ele estava apenas mudando, transformando-se em algo novo e diferente para prosseguir com sua vida.

Aquele tempo todo, meu pai estava se transformando num peixe.

Eu o vi nadar de um lado para o outro, um ser vivo prateado, cintilante, e desaparecer nas profundezas escuras para onde vão os peixes grandes, e desde então nunca mais o vi — embora outras pessoas o tenham visto. Já escutei muitas histórias, de vidas que foram salvas e desejos realizados, de crianças que atravessaram quilômetros em suas costas, de pescadores derrubados de seus barcos e espalhados por diversos oceanos e rios de Beaufort a Hyannis pelo maior peixe que tinham visto na vida, e eles contam suas histórias para quem quiser ouvir.

Mas ninguém acredita neles. Ninguém acredita numa só palavra.

AGRADECIMENTOS

Tenho um monte de amigos e parentes que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a escrever este livro, e agradeço aqui a todos eles. Minha gratidão se estende especialmente a Paul Price, que tem sido um leitor constante ao longo dos anos, e a Joe Regal, cujos múltiplos talentos — agente, editor, cantor, amigo — fazem dele uma presença inestimável em minha vida. Walter Ellis e Betty Caldwell são dois dos melhores professores que já tive, e sem eles não sei o que teria sido de mim. E a Kathy Pories e todos na editora Algonquin, foi um prazer.